

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Filosofia, Sociologia e Política
Programa de Pós-graduação em Sociologia



Dissertação

VIRILIDADE E PRODUTO MUDIÁTICO: O Grenal como diferenciador do futebol gaúcho

Gabriel Alves Bresque

Pelotas, 2020

Gabriel Alves Bresque

VIRILIDADE E PRODUTO MUDIÁTICO: O Grenal como diferenciador do futebol gaúcho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Léo Peixoto Rodrigues

Pelotas, 2020

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

B842v Bresque, Gabriel Alves

Virilidade e produto midiático : o Grenal como diferenciador do futebol gaúcho / Gabriel Alves Bresque ; Léo Peixoto Rodrigues, orientador. — Pelotas, 2020.

125 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Sociologia do esporte. 2. Gênero. 3. Identidade. 4. Futebol. 5. Indústria cultural. I. Rodrigues, Léo Peixoto, orient. II. Título.

CDD : 301.09

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733,

GABRIEL ALVES BRESQUE

VIRILIDADE E PRODUTO MIDIÁTICO: O Grenal como diferenciador do futebol gaúcho

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Sociologia, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 24 de abril de 2020.

Banca examinadora:



Prof. Dr. Léo Peixoto Rodrigues (Orientador). Doutor Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Prof. Dr. Ricardo Zimmermann Fiegenbaum. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale dos Sinos.



Profa. Dra. Lorena Almeida Gill. Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, aos meus pais, Maida e Milton, pelo apoio às minhas decisões acadêmicas e pelo incentivo durante o mestrado. Além disso, agradeço por servirem de inspiração para que eu siga sempre me aprimorando e buscando novos desafios. Agradeço também a todos os membros de minha família que me apoiaram de alguma forma.

Também agradeço ao meu orientador, professor Léo Peixoto Rodrigues, por aceitar meu convite para me orientar e pelo incentivo à busca por expandir meus conhecimentos e ao auxílio dado para meu avanço durante este processo em que aprendi muita coisa sobre a construção e redação de ideias. Além disso, pela paciência e as conversas que tanto adicionaram a mim e a esta pesquisa.

Agradeço à Universidade Federal de Pelotas, instituição onde também realizei minha graduação, por novamente me oferecer uma oportunidade de expandir meus conhecimentos e crescer como profissional e como pessoa. Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/UFPel) e todos os seus docentes pela acolhida, o espaço para a produção e os aprendizados recebidos.

Agradeço ao Centro de Documentação e Informação (CDI) do Grupo RBS pelo rápido atendimento e a liberação dos arquivos do Jornal Zero Hora, especificamente para a Assistente de Pesquisa, Letícia Coimbra Machado, que atendeu minha solicitação com grande eficácia.

RESUMO

Esta dissertação busca compreensão do papel masculino no futebol brasileiro, considerando a diferença identitária do Rio Grande do Sul como ponto de partida para esta análise da masculinidade na cultura do futebol. Esta pesquisa de mestrado utiliza-se de uma perspectiva teórica que parte de três pontos fundamentais. Inicialmente, explora-se a tradição da sociologia do esporte, que estuda o processo de maturação e instituição da atividade esportiva na modernidade. A performance também está presente no estudo sociológico dos gêneros e na construção social dos papéis de homens e mulheres. Este reconhecimento é fundamental para o estudo sociológico da masculinidade, que tem como matéria-prima histórica o conceito de virilidade. A tradição do viril, da Antiguidade à Modernidade, importante para esta pesquisa, é apresentada também por que o viril foi, em grande medida, definido pela relação do corpo masculino com o esporte. Por fim, em uma visão multidisciplinar, esta dissertação traz pontos importantes da imprensa globalizada e da forma como ela seleciona e reforça narrativas do futebol no Brasil. O papel da imprensa na construção da memória esportiva brasileira justifica e serve de base para a análise feita à cobertura do Jornal Zero Hora ao clássico Grenal, confronto entre Grêmio e Internacional. Para entender as especificidades do Rio Grande do Sul com relação ao futebol brasileiro, esta dissertação relaciona os três pontos centrais constantemente com a identidade gaúcha. Aspectos históricos do futebol, o papel esperado para os homens gaúchos e a relação da imprensa com a cultura local são exploradas para alinhar a sociologia do esporte, o estudo sociológico dos gêneros e o papel da imprensa no processo de formação cultural.

Palavras-chave: Sociologia do Esporte; Gênero; Identidade; Futebol; Indústria Cultural.

ABSTRACT

This dissertation focuses on the comprehension of man's role in Brazilian soccer, considering the identity difference of Rio Grande do Sul as a starting point to this analyzes of masculinity in soccer's culture. Thus, this master's research utilizes of theoretical perspective que considers three main points. Initially, explores the tradition of sports sociology, that studies the process of maturation and institution of the sport activity. This process transformed the activity, that used to be ritualistic and recreational, into an organized competition that focuses on high level performance. Next, the desire for performance is brought back in the sociological acknowledgment of genders and the social construction of the roles given to men and women. This acknowledgment is fundamental to the sociological study of masculinity, that has the concept of virility as it's feedstock. The tradition of the virile, from the Antiquity to the Modernity, it's an important part of the pursuit for the objectives of this research, also because the virile is, in big part, defined by the relationship between men's bodies and sports. Finally, in a multidisciplinary vision, this dissertation brings important points of the globalized press and the way it's selects and reinforces narratives of Brazilian soccer. The press's role in the construction of sports memory justifies and serves as a basis for the analyzes done to the Jornal Zero Hora to *clássico Grenal*, match between Grêmio and Internacional. The way soccer arrived to the state, the role expected from gaucho men and the relationship between the press with local culture are explored to align sports sociology, the sociological study of gender and the role of the press in cultural formation.

Keywords: Sports sociology; Gender; Identity; Soccer; Cultural Industry.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Partidas selecionadas.....	78
Quadro 2: Dominação: categorias de análise	83
Quadro 3: Papel do atleta: categorias de análise.....	83
Quadro 4: Estilo Gaúcho: categorias de análise	84
Quadro 5: Valor: categorias de análise.....	84

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Demonstrativo de página do Caderno de Esportes.....	80
Figura 2: Resultados Categorias quanto à dominação.....	87
Figura 3: Fala de Celso Roth em 1999.....	89
Figura 4: Superioridade assumida.....	90
Figura 5: D'alessandro comemora com caixão tricolor	92
Figura 6: Resultados das categorias quanto ao papel do atleta.	93
Figura 7: Destaque a fala negativa de Fernandez.....	97
Figura 8: Jogador gremista desabafa e vira manchete.....	99
Figura 9: Texto traz elogios ao atleta vencedor.....	100
Figura 10: Resultados das categorias quanto ao estilo gaúcho.....	103
Figura 11: Resultados das categorias quanto ao valor de mercado.....	108

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 SOCIOLOGIA DO ESPORTE E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL	18
1.1 Introdução	18
1.2 Sociologia do esporte	18
1.3 Aspectos Históricos e Sociológicos do Futebol Brasileiro	22
1.4 O Processo de Profissionalização do Futebol	27
1.5 A sociologia do futebol brasileiro como um produto	33
1.6 Rivalidade Grenal: o futebol gaúcho e sua marca de resistência ao estilo brasileiro	39
1.7 Considerações	46
2 O MASCULINO COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL	47
2.1 Introdução	47
2.2 Aspectos das teorias feministas na sociologia	47
2.3 A construção cultural do gênero	50
2.4 Masculinidade construída na cultura	54
2.5 Virilidade como conceito cultural	58
2.5.1 A Virilidade na modernidade	62
2.6 A identidade masculina gaúcha e o Grenal	66
2.7 Considerações	69
3 METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS A PARTIR DA CONSTRUÇÃO TEÓRICA	71
3.1 Introdução	71
3.2 Breve retomada de elementos técnicos da pesquisa	72
3.3 Metodologia de pesquisa	73
3.3.1 Tipo de pesquisa: pesquisa qualitativa	73
3.3.2 Método de pesquisa: Análise de conteúdo	74
3.3.2.1 Técnica de coleta de dados	76
3.3.3 Dimensão empírica de pesquisa	77
3.3.4 Categorias de análise	81

3.4 Análise de conteúdo aplicado aos arquivos do Jornal Zero hora	85
3.4.1 Introdução às análises	85
3.4.2 Análise das Categorias quanto à dominação	86
3.4.3 Análise das Categorias quanto ao papel do atleta	92
3.4.3.1 A seção de cotações	93
3.4.3.2 Entrevistas	97
3.4.3.3 Matérias gerais	100
3.4.4 Análise das categorias quanto ao estilo gaúcho	102
3.4.4.1 Grenal como um campeonato à parte	103
3.4.4.2 Menções ao estilo brasileiro	106
3.4.5 Análise das categorias quanto ao valor de mercado	108
3.5 Considerações de metodologia e análise	111
CONCLUSÃO	113
REFERÊNCIAS	122

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca compreender a valorização da virilidade no futebol, como esporte moderno e organizado, principalmente no Rio Grande do Sul, caso particular da história e da tradição que este esporte tem no Brasil. O futebol quando chegou ao Brasil, no final do século XIX, foi trazido por imigrantes ingleses e europeus que vieram trabalhar na indústria brasileira, em pleno processo de crescimento e expansão à época. Isso caracterizou o esporte em suas origens nacionais: os ingleses jogavam partidas com membros das elites brasileiras e das classes ligadas ao industrialismo brasileiro. Portanto, o campo de futebol era um local para os *sportsmen* — homens honrados, com atuação inglesa, fina, que pediam desculpas caso fizessem falta nos adversários — e a entrada dos negros e pobres operários do Brasil era ilegal pelas concepções daquela elite que havia se encantado com o esporte requintado. Estes grupos tinham de se contentar com jogos na várzea, com bolas velhas ou feitas à mão utilizando tecido gasto. Era também uma forma de manter a imagem e a postura desejada dentro e fora dos gramados, já que todo o funcionamento do esporte podia ser minimamente controlado.

A necessidade por controle da postura do atleta foi o resultado de um processo Inglês de institucionalização que transformou a atividade esportiva em um jogo com regras. Essas regras criaram a primeira associação em torno do futebol, chamada *football association*, que pautou a introdução desse esporte como forma de controle e instrução comportamental da juventude britânica. A criação de regras é um marco importante nos estudos da sociologia do desporto, já que a diferença entre a recreação atlética e o esporte organizado é a ponto de partida para a compreensão sociológica deste tema. A definição do esporte moderno e dos processos que o definiram foram tratadas nesta dissertação sob a ótica de autores como Elias (1992), Tubino (2001) e Bracht (2005).

A quebra dos padrões, e regras de conduta vindas da Inglaterra, no futebol brasileiro aconteceu por meio da profissionalização e entrada de negros e pobres

nos campos de futebol. Os jogadores, profissionais, passam a ter sua performance ligada a competitividade e a capacidade de superar o adversário. O futebol brasileiro torna-se, dessa forma, um expoente de um estilo único de jogar: o futebol arte. As conquistas da seleção definiram o brasileiro como um indivíduo brilhante ao jogar futebol e seus homens, heróis nacionais, os mais capacitados do mundo na arte do drible. Foi na segunda metade do século XX que o futebol se tornou o esporte preferido do brasileiro e uma das facetas responsáveis pela identidade nacional. O futebol nacional misturou-se com os avanços políticos e históricos, sendo possível traçar paralelos sociológicos entre o Brasil e o futebol, sendo este esporte um dos principais pontos da cultura brasileira moderna. Aliás, serão apresentados nesta pesquisa de mestrado o processo de crescimento e a evolução da sociologia esportiva brasileira. Esses dois pontos são ligados diretamente com a capacidade do esporte no País de conectar-se a cultura local e a definição de identidade brasileira.

A discussão que pautou o processo de profissionalização do futebol no Brasil passa pelo entendimento do amadorismo como salvaguarda da honra e a moral do esporte, mas também pela defesa da imagem elitizada que foi basilar ao papel do homem no futebol. A profissionalização distanciou o esporte da sua lógica amadora, levando o objetivo final da atuação à busca pela vitória a qualquer custo, importando menos uma performance ligada à educação moral e elitizada. Além disso, a profissionalização significou para o futebol a insurgência de valor de mercado sobre o jogo, com atletas assalariados e com dedicação exclusiva ao esporte. A profissionalização fez com que o futebol se tornasse financeiramente interessante para grupos midiáticos, que fomentavam a popularização do esporte, em um processo de retroalimentação: quanto mais crescia o futebol no Brasil, mais páginas na imprensa eram dedicadas ao esporte bretão, resultando em maior alcance das narrativas em torno do futebol nacional. Durante esse processo de profissionalização e o futebol tornando-se um “negócio”, um olhar diferente sobre o que significava ser um jogador começou a fazer parte da cobertura do futebol no Brasil.

A tradição do futebol brasileiro conversa historicamente com os avanços modernos nas discussões envolvendo o conceito de “gênero.” Para estabelecer pontos em comum entre os dois temas, é necessário considerar o processo sociológico que definiu o atual contexto das discussões envolvendo o gênero no Brasil e no Mundo inteiro. Estes pontos convergentes são importantes para essa dissertação pelo objetivo de encontrar pontos de diferenciação do futebol gaúcho

com relação ao estilo brasileiro de jogar futebol – analisados sobre a ótica da masculinidade. A cultura do estado influenciou em toda a história do esporte na região, principalmente para Grêmio e Internacional. Os dois maiores clubes do Rio Grande do Sul representam o povo local em disputas com o resto do Brasil e do continente, com um estilo de jogo que, historicamente, distanciou-se do estilo nacional. Como o homem gaúcho, que viveu constantemente em guerra nas suas fronteiras, o atleta masculino gaúcho tem um papel determinado dentro do campo de futebol.

As particularidades gaúchas são apresentadas na cobertura que a imprensa local faz de Grêmio e Internacional. Os meios de comunicação definem, de alguma maneira, as histórias que marcam uma partida de futebol e a narrativa que definem a memória em torno de partidas e a carreira de jogadores. Nesse sentido, a entrada de grandes quantias financeiras no futebol brasileiro reforçou ainda mais o papel da imprensa como contador de história do futebol.

O clássico Grenal, visto como um evento tipicamente gaúcho e um “campeonato à parte” com relação a outras partidas do futebol brasileiro transforma-se em um produto midiático. A partida é vendida e distribuída para milhares de seguidores no Rio Grande do Sul. A tradição do futebol gaúcho relaciona-se com a cultura e a identidade do povo do estado, de forma muito similar ao valor dado ao futebol como representação da identidade do homem brasileiro.

O estudo do papel do atleta de futebol carrega muitas relações diretas com as discussões modernas sobre o gênero, especialmente no que diz respeito ao papel do homem. O jogador traz consigo expectativas quanto ao papel desempenhado no campo, por meio da performance corporal que ele representa. Este atleta atua como homem também pelas tradições culturais e históricas do Brasil e, como um corte específico desta pesquisa do mestrado, o Rio Grande do Sul. Entretanto, nota-se ainda poucos estudos na sociologia sobre o papel masculino dentro do esporte. Estas duas áreas da sociologia trabalham separadamente, mesmo que a tradição da virilidade seja contada, em grande parte, por meio das atividades esportivas. No Brasil, estudos sociológicos em torno do futebol focam em questões puramente econômicas ou políticas, não havendo espaço para a discussão de gênero dentro deste esporte. Com isso em mente, essa pesquisa propõe-se a refletir sobre o futebol masculino no Rio Grande do Sul, com o objetivo de compreender a relação

entre o esporte e o papel masculino em um contexto em que uma identidade cultural passa pela performance corporal no futebol.

Considerando estas colocações temáticas, a pergunta central desta pesquisa consiste em: existe dentro da cobertura esportiva do clássico Grenal uma valoração midiática da virilidade como componente de sucesso? A partir desta questão, a pesquisa também quer descobrir de que maneira a virilidade apresenta-se como um componente que diferencia o futebol gaúcho com o jogo praticado no resto do País? Essas questões nortearam a busca pela compreensão da forma como a virilidade relaciona-se com o sucesso e a definição do papel dos atletas e a performance corporal esperada deles como um membro participante do clássico Grenal.

Para responder essa questão central e trabalhar com a temática que conecta esses três pontos principais – futebol, virilidade e mídia – esta pesquisa tem como objetivo principal compreender a forma como a virilidade relaciona-se com o futebol no Rio Grande do Sul, e os atletas de Grêmio e Internacional, na cobertura midiática feita pela imprensa esportiva do estado. No caminho para a compreensão, esta pesquisa também busca analisar características exclusivas do futebol gaúcho na cobertura do Grenal, como uma forma de representar uma diferenciação por meio da virilidade. Além disso, é fundamental para esta dissertação comparar o valor dado a virilidade com valores financeiros e econômicos, muito importantes para o futebol nas últimas décadas. A preocupação com o peso do dinheiro, somada às mudanças nas discussões de gênero e o ressurgimento cultural do *gauchismo*, justifica a escolha do período entre 1990 e 2019 para a análise de conteúdo. O “Caderno de Esportes” do Jornal Zero Hora foi selecionado nesta dissertação porque a publicação é um importante representante da imprensa gaúcha. A relevância que este período tem no valor dado a virilidade também é um objetivo paralelo desta pesquisa, já que existe a preocupação em analisar a relevância do aumento do valor, econômico, de atletas para a importância dada para a virilidade na cobertura de um Grenal.

Destes objetivos, surgiram quatro hipóteses que são fundamentais para a exploração do empírico e aprofundamento da proposta teórica desta pesquisa. Elas são as seguintes:

- a) A imposição física e a virilidade são consideradas pontos fundamentais do sucesso no futebol gaúcho. A virilidade é esperada de quem quer

vencer um confronto entre Grêmio e Internacional e as equipes são cobradas pela falta dessa imposição pela cobertura midiática;

- b) Existe a expectativa de uma performance viril de atletas de Inter e Grêmio na cobertura do Jornal Zero Hora. Os jogadores são cobrados, como, atletas e como profissionais, para terem uma performance condizente com a força necessária para vencer o clássico Grenal;
- c) Esta expectativa é exatamente o que define o futebol gaúcho e o diferencia em relação ao jogo praticado no resto do País. A necessidade da virilidade para vencer nos gramados do Rio Grande do Sul define o estilo gaúcho de jogar futebol;
- d) A virilidade, devido a isto, é utilizada como um produto midiático, vendido e reproduzido pelo Jornal Zero Hora. Essa vontade de vender a virilidade apresenta-se nas análises de partidas e jogadores que levam a virilidade em consideração na hora de avaliar a performance.

O aumento do valor de mercado de jogadores e equipes apresenta uma contra hipótese. A valoração de craques e jogadores habilidosos apontaria para um interesse claro, do Jornal Zero Hora, em exaltar características ligadas ao estilo brasileiro de jogar futebol.

Esta dissertação está dividida em três capítulos, além desta introdução e da conclusão. O capítulo inicial discute e situa parte do debate teórico feito no âmbito da sociologia do esporte, a partir suas origens até compreensões mais modernas do esporte de performance. A institucionalização da prática esportiva trouxe regras e novas lógicas, criando o esporte moderno como ele é praticado hoje. O futebol é relacionado como um desses esportes. O jogo é proveniente da Inglaterra e ganhou adeptos no mundo todo por meio da imigração de trabalhadores ingleses, e esse processo é trabalhado neste capítulo.

O Brasil foi um dos países que recebeu jovens ingleses no final do século XIX, e com eles chegou no País o futebol. A chegada deste esporte no País e a trajetória histórica que fez do futebol o jogo mais popular da nação foram apresentadas e dissertada no Capítulo 1, como forma de iluminar as relações culturais criadas pelo jogo com a identidade nacional. Também neste capítulo, é considerado o peso que profissionalização e a entrada de grandes valores de mercado tiveram no jogo dentro do Brasil. Estes pontos de partida são fundamentais para a busca por compreensão do que é valorizado no esporte nacional. O Capítulo

1 relaciona esses dois pontos com a cobertura midiática recebida pelo futebol no século XX e a maneira como a imprensa conta histórias e define narrativas em torno de jogos, equipes e jogadores.

O aprofundamento de estudos e análises do futebol como parte integrante da história nacional foi considerado, como parte do relacionamento que a identidade brasileira tem com o esporte, durante a realização do Capítulo 1. Autores como Soares (2000), Pereira (2000) e Máximo (1999) foram introduzidos aos aportes teóricos para conversarem com o processo histórico de definição do futebol como o esporte tipicamente brasileiro.

O segundo capítulo inicia com uma importante reflexão sobre o papel das discussões de gênero na sociologia e quanto à evolução política desse tema politicamente. O espaço para novas visões sobre o gênero é fundamental para a discussão atual na academia. Essa abertura sociológica caminha de mãos dadas com o desenvolvimento político, já que pontos como a diferenciação entre sexo e gênero fazem parte das lutas sociais atuais quanto ao papel de homens e mulheres na sociedade.

Considerando este contexto, a definição de gênero como uma construção social é abordada no Capítulo 2. O entendimento do gênero como algo definido socialmente é fundamental para esta pesquisa. É exatamente este entendimento que abre o caminho para a compreensão do valor dado para o papel destinado *a priori* para homens e para mulheres. Para compreender o valor histórico dado ao papel dos homens, esta pesquisa utiliza a virilidade como matéria-prima do masculino. Com isso em mente, aspectos do processo histórico de definição e mutação do conceito de virilidade, da Antiguidade à Modernidade, são apresentados no Capítulo 2. A reflexão sobre a virilidade também articula o Capítulo 1 com o Capítulo 2, já que a tradição da virilidade é traçada paralelamente com a do esporte, pelo menos no que tange a performance corporal masculina. Essa relação também aponta para a relevância desta pesquisa na busca por pontos de convergência entre estudos de gênero e a sociologia do esporte.

Por fim, este capítulo reflete o valor cultural e histórico do *gauchismo* e a revitalização da cultura ligada à tradição cultural do Rio Grande do Sul. Essa revitalização aconteceu entre a década de 1980 e 1990 e teve significativo auxílio, midiático, da imprensa local. A relação entre o gauchismo e a imprensa local acrescenta mais uma camada de articulação entre os dois primeiros capítulos e

ilumina esta dissertação na busca pela compreensão das diferenças do futebol gaúcho em relação ao estilo brasileiro de praticar o esporte.

No terceiro capítulo, descreve-se a metodologia e o objeto empírico adotados nesta pesquisa. A opção por uma pesquisa qualitativa é justificada pela busca da compreensão de narrativas e contextos históricos durante esta dissertação. As categorias de análise, que surgiram e foram definidas durante os dois capítulos anteriores, são apresentadas em detalhes e justificadas a partir de pontos fundamentais desta dissertação e da reflexão teórica envolvendo futebol, virilidade e a mídia. Também neste capítulo, delimita-se o empírico e a forma como os dados foram coletados e definidos, além da apresentação da técnica adotada para este processo.

A adoção da análise de conteúdo nesta pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender os significados da narrativa midiática das coberturas feitas pelo Jornal Zero Hora, especificamente nas partidas entre Grêmio e Internacional no período entre 1990 e 2019. As narrativas em torno do clássico Grenal são ricas de significado histórico e cultural no Rio Grande do Sul, e a forma como o ZH conta a história das partidas também carrega esse valor. Desta maneira, optou-se pela realização de uma pesquisa qualitativa, com a análise de conteúdo como o tipo de método. Esta metodologia está descrita detalhadamente no terceiro capítulo, com a explicação e a justificativa para a escolha de quatro duplas de categorias de análise, capazes de analisar e comparar as questões e hipóteses desta pesquisa.

Estas categorias serviram como ponto de partida para a análise de nove edições do “Caderno de Esportes” do Jornal Zero Hora. As edições selecionadas seguem e cobrem um confronto entre Grêmio e Internacional e funcionam como material empírico para a compreensão da questão central desta pesquisa. Foram selecionadas três edições do jornal por década – 1990, 2000 e 2010 – abrangendo assim diferentes momentos do período de análise.

Por fim, são apresentados no Capítulo 3 os resultados da análise de conteúdo realizada nesta pesquisa. As categorias são exploradas e apresentadas a partir dos temas centrais, que são explorados com mais cuidado no Capítulo 1 e no Capítulo 2. A apresentação dos resultados está dividida por duplas de categorias, que são definidas como contrapontos uma da outra. Essa divisão auxilia a discussão e

consideração dos resultados e a exploração do significado deles para esta pesquisa, além da exploração da problemática que guia a dissertação.

1 SOCIOLOGIA DO ESPORTE E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL

1.1 Introdução

Este capítulo apresenta, inicialmente, o processo histórico da criação e sedimentação da sociologia do esporte. Este esforço inicial fez-se crucial para o entendimento das relações que o esporte traça com culturas históricas e a modernidade como um processo de racionalização da atividade humana.

Busca-se a compreensão do papel do atleta, masculino, dentro do futebol brasileiro, como uma atividade esportiva institucionalizada, portanto carregada de regras e padrões de condutas.

A profissionalização do futebol brasileiro e a mudança da expectativa quanto ao papel do atleta no campo esportivo são refletidas neste capítulo a partir da lógica da monetização do esporte. O futebol moderno e milionário espera alto rendimento e alta competitividade do atleta, o que reflete nas coberturas esportivas e na noção de “masculinidade” no futebol brasileiro.

Por fim, apresenta-se o processo que diferencia o futebol gaúcho do estilo brasileiro de jogar futebol. Essa diferença é fundamental para essa dissertação por apresentar o ponto que justifica e reforça a análise do futebol gaúcho no que tange a masculinidade.

1.2 Sociologia do esporte

O estudo sociológico do esporte é fundamentado na dimensão histórica que separa o ato esportivo como um lazer, praticado em todas as sociedades civilizadas como um rito ligado ao religioso e a tradições, do desporto¹ de alto rendimento, moderno e preocupado fundamentalmente com a competição. Como objeto da sociologia, o desporto é uma das facetas do mundo moderno e, portanto, tem a racionalidade da performance corporal como o principal elemento.

O lazer inclui o esporte pela performance corporal existente nas sociedades medievais, feudais e nas modernas. O esporte dentro do lazer manifesta-se como uma pulsão a ação e a busca pela excitação. Em Elias (1992), o lazer é a busca pela

¹ Conceito definido para o esporte moderno,

excitação dentro de sociedades modernas e que ocupam os indivíduos de diversas obrigações ligadas à atividade industrial e profissional. A busca por atividades que tragam uma compensação emocional e ritualística está na raiz do entendimento do esporte como um tema sociológico.

O conceito de *desporto* caracteriza o conjunto de atividades recreativas e competitivas que foram exportadas da Inglaterra para o resto do mundo nos séculos XVIV e XX. Em Elias (1992), a origem inglesa e moderna dessa noção de passatempo é explicitada fundamentalmente pela própria inexistência de um termo correspondente em outras línguas e culturas da época. Dito isso, o desporto carrega em suas origens características intrínsecas do período e do contexto social e econômico de sua concepção, essencialmente a racionalidade e busca por resultado marcante da modernidade.

O desporto de origem inglesa espalhou pelo mundo um modelo de passatempo diretamente ligados com a competição e a instituição de regras, como o futebol, que rapidamente tornou-se a exportação mais popular e bem-sucedida entre os desportos ingleses. Existem importantes questões sociológicas que surgem do processo de standardização do esporte moderno, com as características que, por exemplo o *football association*² inglês espalhou pelo mundo.

O esporte, de diferentes formas, sempre foi praticado, principalmente como uma expressão corporal, ritualística e até religiosa, em diferentes momentos da história humana. A modernidade incentivou a expansão e a organização do esporte além do lazer e do rito, criando a divisão necessária para seu estudo na sociologia, entre o esporte para o lazer e o esporte de alto rendimento.

Em Tubino (2001), as relações do esporte com diferentes formas de “lógicas” de concentração esportiva e de reunião de atletas e equipes nos primeiros anos do desporto são apresentadas. A razão entra no esporte por meio de um processo que determina regras, perspectivas para a escolha de membros e um processo de racionalização de todas as etapas da disputa, focando sempre no alto rendimento como principal objetivo.

O associacionismo é a principal característica do *desporto* exportado pelos ingleses. A criação de associações que determinaram as regras e os conjuntos de

² Como o futebol Inglês moderno ficou conhecido após a introdução de regras e estruturas que padronizaram a atividade esportiva no país, conjunto esse que, atualizado, ainda rege o futebol.

predisposições das equipes, dos participantes do jogo e das torcidas foi fundamental da diferenciação e no desenvolvimento desse tipo moderno de passatempo corporal.

A necessidade de associação no esporte pressupõe um esforço no sentido de reunir as condições materiais necessárias para que seja apresentado um sentido de democracia interna na organização esportiva (TUBINO, 2001, p.18).

As associações nos esportes modernos delimitaram as disposições do jogo quanto lazer e quanto uma competição, além de permitirem que diferentes grupos e vozes funcionassem em comunhão e com respeito. A partir das associações surge o conceito de *fair play*³, responsável por preconizar o processo de institucionalização do futebol que transformou a atividade e mudou os seus participantes. Foi por meio do fair play que o futebol saiu das escolas pobres da Inglaterra e tornou-se um desporto organizado e voltado para organizar e dar sentido a atuação das classes operárias.

A organização e os limites traçados pelas associações representam uma importante distinção entre o esporte moderno e suas representações prévias, como as competições registradas na Grécia da Antiguidade Clássica. As disputas físicas da Antiguidade eram marcadas por uma violência absolutamente inaceitável dentro das primeiras associações esportivas do século XIX, como a *football association*.

Na Antiguidade, as regras do costume para acontecimentos atléticos 'duros', como o pugilismo e a luta, admitiam um grau de violência bastante mais elevado do que aquele que era admitido pelas regras do tipo das provas correspondentes do desporto. As regras deste último, além disso, são muito detalhadas e diferenciadas; em primeiro lugar, não são regras forjadas no costume mas regras escritas, sujeitas explicitamente a um criticismo racional e a revisões. O nível superior da violência física nos próprios jogos da Antiguidade era mais do que um dado isolado. (ELIAS, 1992, p.195 e 196)

O papel das associações no esporte moderno não é apenas organizador, mas é também de racionalizar a prática esportiva. A mudança da relação da atividade esportiva com a violência e a consciência da necessidade da aplicação de regras

³ Termo em Inglês que reconhece a importância e o valor de ações cavaleiras e respeitadas dentro do campo de futebol. Hoje em dia, o fair play é reconhecido como uma série de regras não escritas que privilegiam jogadores e equipes que cometem poucas faltas e respeitam os adversários.

nos desportos da Inglaterra industrial é resultado da crescente busca por racionalização nas ações sociais do século XVIII⁴.

A racionalização das atividades esportivas em forma de desporto moderno recria e reimagina as manifestações corporais antigas e dá um novo sentido, racionalista e moderno, para a performance corporal. Em Bracht (2005), o processo de modernização do esporte é parte das mudanças da modernidade industrial da Inglaterra do século XVIII, já que “a cultura corporal de movimento esportivou-se (BRACHT, 2005, p.15)”. O desporto ocupou um importante papel na definição da cultura europeia moderna, tanto pelo valor que a regulamentação das atividades físicas teve no período, quanto pela forma como as associações esportivas representaram e participaram de estruturas de poder que cresceram nesse período. Um exemplo disso é o papel que o futebol representa para as classes populares e os operários na Inglaterra.

Em Elias (1992), a história do futebol na Inglaterra é traçada desde a Idade Média e as primeiras menções do esporte jogado com uma bola chamado de *football* são mais antigas que o moderno esporte inglês. O jogo apresentado nessas primeiras descrições em nada compara-se com o esporte que chegou ao Brasil, quase 500 depois. Os esportes da Idade Média e que são as sementes dos *sports* funcionavam em uma lógica de “jogo” por diversão, por socialização.

Os esportes modernos refletem em suas origens as características da modernidade que os deu vida. O desejo por racionalização da sociedade moderna naturalizou nas atividades esportivas que floresceram nesse período a busca por excelência física e quebra de recordes. O “esporte-performance (TUBINO, 2001, p.40)” torna-se uma dimensão natural do esporte moderno, introduzindo nos jogos e em suas estruturas a corrida em busca de melhores modelos de treinamento, de interesse midiático e do investimento privado. Essa faceta é fundamental da diferenciação entre o esporte para o lazer e o esporte-espetáculo.

É no esporte de rendimento que a literatura de crítica aduza ao esporte se encontra, principalmente pelos autores que combatem o capitalismo, que consideram o esporte de competição e suas vinculações com negócios financeiros sintomas evidentes de um capitalismo exacerbado (TUBINO, 2001, p.40).

⁴ Século em que os sports ingleses começaram a receber o tratamento associacionista a partir das escolas e dos clubes para jovens.

O esporte moderno é resultado das mudanças sociais e econômicas que resultaram da industrialização e da racionalização da Europa moderna, com resultados que se espalharam por todo o Mundo. O futebol quando chega à América Latina e ao Brasil ainda é amador, mas a semente do futebol-espetáculo já tinha sido plantada, e o processo que profissionalizou o jogo e aconteceu naturalmente.

No século XX, a expansão do esporte moderno deu-se na forma da migração de milhares de trabalhadores ingleses e europeus para os países da América Latina, e nesse processo o futebol teve destaque incomparável. Os ingleses chegaram na América com bolas de futebol e com as regras do jogo moderno, definidas pela *football association* e a paixão dos locais foi quase instantânea. Em sua origem no Brasil, o futebol era uma atividade de lazer que, apesar de contar com regras definidas era, acima de tudo, uma atividade recreativa. Entretanto, a racionalidade do alto rendimento fazia parte do futebol, mesmo que o jogo fosse jogado de maneira amadora. Partindo dessa racionalidade quanto ao esporte que os primeiros clubes nacionais foram criados, por meados de 1900.

1.3 Aspectos Históricos e Sociológicos do Futebol Brasileiro

A escolha do ano de 1895 como o ponto de partida do futebol no Brasil é arbitrária e resultado de, mais do que qualquer coisa, um consenso histórico – ou de historiadores. Natural, pois o jogo desembarcou com centenas de operários ingleses que chegaram em terras brasileiras para trabalhar na crescente indústria do século XIX. O futebol era o lazer preferido desses trabalhadores, já que tudo que é necessário para a prática é uma bola, enquanto o campo e os arcos estão disponíveis em todo o lugar. Os operários criaram raízes no Brasil e tiveram filhos, que estudaram na Europa, onde tinham contato com o esporte em nível de organização muito maior. O filho de pai escocês e mãe brasileira, Charles William Miller, nascido em 24 de novembro de 1874, é oficialmente conhecido como o “pai do futebol brasileiro”. Essa oficialização é histórica e póstuma, dada ao homem que, depois de passar sua juventude estudando na Inglaterra, voltou a São Paulo com bolas de futebol embaixo do braço. O que transformou Miller na figura histórica do futebol brasileiro foi o fato dele abraçar as regras inglesas do jogo, que aprendeu nos dez anos como estudante em Birmingham. Segundo Guterman (2009), o desejo

de Miller de organizar o jogo no Brasil e manter os padrões de evolução pelo qual o futebol passava na Inglaterra é o elemento principal da relação do jovem paulista com o crescimento do esporte no País. A data de 1895 é reconhecida como o nascimento do futebol brasileiro, por representar o momento da volta de Miller depois do período na Europa e organiza, de fato, as primeiras partidas do futebol brasileiro.

Ao voltar ao Brasil, em 1895, Charles Miller era um apaixonado convicto do *football*. O jogo havia recebido regras mais claras no começo do século XIX, na Inglaterra, com o objetivo de transformá-lo em mais do que um lazer ou um jogo disputado por estudantes, mas sim em um verdadeiro esporte. Esse processo foi resultado da *football association* e chegou ao Brasil por meio daquele que é considerado o pai do esporte. Para jogarem partidas que respeitassem os parâmetros da associação, os atletas deveriam comportar-se como *gentlemen*, respeitando uns aos outros e às regras do jogo. Em Máximo (1999), é explicado o processo que transformou o futebol inglês de um esporte proibido nas escolas a um modelo de convivência e de regras sociais a partir da liberação da Rainha Vitória, em meados de 1840. Liberação essa que aconteceu com o objetivo de usar o esporte como uma maneira de racionalizar a vida desses indivíduos e dar regra aos operários e a classe trabalhadora.

Segundo Claussen (2015), a história do futebol na Inglaterra, identifica traços de um esforço social para amenizar os ânimos de jovens ingleses. Essa formação acontecia dentro das escolas, em meados do século XIX, com a prática do esporte diretamente ligada com uma forma social de *atuação* que definia os limites que os atletas podiam ou não ultrapassar. O mais importante era portar-se, dentro do fair play, como um cavaleiro da alta classe inglesa.

Quando Charles Miller voltou para São Paulo, trazendo na bagagem camisa, calção, chuteiras e duas bolas oficiais, porém, o futebol já deixara de ser atividade escolar alienante para se transformar em esporte organizado, difundido entre clubes e universidades. Charles voltou em 1895, mas em 26 de outubro de 1863 já havia sido fundada na Freemason's, taberna da Great Queen's Street, centro de Londres, The Football Association, a entidade que até hoje rege o futebol na Inglaterra. Já existiam, portanto, as regras, os grandes clubes, os campeonatos, as taças. Quando Charles voltou, enfim, o futebol já era um esporte e não um antídoto de reformas sociais (MÁXIMO, 1999, p.180).

O futebol que chegou ao Brasil começou como um lazer ligado ao convívio social em clubes da alta sociedade nacional, além de uma forma de agregação entre

imigrantes e locais. Porém, ele entrou no País já como um desporto que carregava a lógica do alto rendimento e com regras claras de como atuar dentro de campo. Mesmo que o jogo fosse uma forma de lazer, já estava presente a base que transformou o futebol no mundo inteiro: a associacionismo esportivo.

As regras da *football association* chegaram ao Brasil com Charles Miller, que introduziu e reuniu membros das elites brasileiras em times de 11 jogadores e plantou os pontos fundamentais para o esporte. O associacionismo traçou a ordem e a lógica de performance para o esporte, além de introduzir a imagem de homem elitizada que definia a postura esperada dos jogadores. Eles deveriam respeitar os adversários, evitar entradas bruscas e jogar com honra, com um requinte tipicamente inglês do final do século XIX. Isso representava uma clara expectativa sobre o que poderia e deveria ser encontrado nos campos de futebol. Guterman (2009) menciona uma passagem importante que reflete as expectativas sobre os homens que faziam parte do futebol em suas origens no Brasil. Em jogo disputado em 1904, entre o São Paulo Athletic e o Germânia, o Jornal do Commercio termina a publicação sobre a partida com uma *grave censura* contra torcedores que gritaram, vaiaram e se excederam nesse encontro.

O fato da origem do futebol no Brasil ser elitista e resultado do associacionismo inglês gerou as principais marcas da identidade do que significou jogar futebol no Brasil durante as primeiras décadas do século XX. O mais marcante dessa identidade basilar do homem brasileiro dentro do futebol é que os jogadores eram atletas em segundo plano. Ser atleta não era a profissão deles, tanto dos ingleses como dos brasileiros. Sua atuação era voluntária e o futebol visto como um lazer, tanto por quem praticava dentro de campo, como por aqueles que iam às arquibancadas assistir as partidas. Por outro lado, foi a lógica ligada ao resultado que, aos poucos, abriu as portas do futebol para as camadas populares e criou o estilo brasileiro de jogar futebol.

A ideia associacionista em torno do fair play foi o principal combustível para a manutenção das proibições e restrições dentro do futebol. As regras do jogo brasileiro eram claras sobre quem podia e quem não podia participar das equipes que começavam a surgir em todo o território nacional, sendo criadas fundamentalmente por elites e imigrantes ingleses que trabalhavam nas indústrias em crescimento do País. Aquele desporto tornou-se a melhor forma de lazer do período, já que refletia a lógica profissional e social da modernidade em que os

primeiros homens do futebol estavam inseridos. Entretanto, não foi possível, mesmo com o esforço dos membros fundadores do futebol brasileiro em defesa do amadorismo, deixar o jogo longe das camadas mais pobres e dos negros brasileiros. Se nos núcleos, as camadas elitizadas de São Paulo e Rio de Janeiro, de desenvolvimento do futebol brasileiro as regras e o estilo Inglês de praticar o esporte se desenvolviam, o esporte ganhava adeptos nos grupos mais humildes da sociedade brasileira, em campos de várzea e com bolas improvisadas. Impedir esses jogadores que não “pertenciam” ao futebol de associação era o motivo fundamental da comoção contra a profissionalização do futebol no Brasil. Em prol de um discurso que morava essencialmente na defesa da honra da prática esportiva no País, e na crença de que a profissionalização faria com que o esporte se tornasse algo inferior, trazendo interesses contrários a atuação dos *gentlemen*, aqueles que instituíram as regras do futebol retardaram a entrada da profissionalização no futebol.

Esses casos provam o caráter desinteressado do jogo em seus primórdios, em contraste com o crescente profissionalismo que já inspirava reservas entre os europeus, principalmente os ingleses. O embate entre amadorismo e profissionalismo seria a tônica do futebol brasileiro nas primeiras três décadas do século XX. Mas ainda não chegamos lá. Por ora, o que importa é mostrar que havia um pronunciado desejo de ao menos parecer amador entre os fundadores do futebol brasileiro. Como se tratava de gente da elite europeia e da nascente aristocracia paulistana e carioca, esse desejo soa estranho; afinal, eles poderiam muito bem ter usado seu dinheiro para melhorar as condições do jogo e mesmo de torná-lo financeiramente viável como competição. Não foi isso o que se viu nos primeiros anos, em parte justamente porque os pioneiros viam no amadorismo o maior charme do jogo, uma maneira de acentuar o cavalheirismo e a noção de ‘fair play’ dos atletas, distinguindo-os daquilo que eles viam como costumes rasteiros da massa de imigrantes iletrados e de ex-escravos. (GUTERMAN, 2009, p. 19).

A defesa do amadorismo no futebol brasileiro significava mais do que uma defesa da não entrada do dinheiro no esporte. Era importante manter o futebol como um esforço amador para garantir a permanência da *performance* do jogador como algo ligado à imagem do “homem honrado”, estudado e frequentador dos melhores ambientes da sociedade brasileira. Era uma forma também de garantir o espaço do futebol em todos esses ambientes, e atrair um público muito específico aos estádios. O atleta da origem do futebol brasileiro tinha, nesse perfil de honra e respeito às tradições, a forma comportamental esperada dentro e fora de campo.

Guterman (2009) afirma que a popularização do futebol no Brasil passa pelo primeiro craque legitimamente nacional, Arthur Friedenreich, um pardo, que mudou a

história do futebol e a imagem do atleta local. Sua habilidade ajudou a popularizar o esporte em um país que passava por um amplo processo de urbanização nas primeiras três décadas do século XX. Seu estilo de jogar futebol era a mistura perfeita entre o europeu e a novidade tipicamente brasileira de driblar, enganar com os pés, chamar o adversário para uma dança. Sua cor de pele era superada facilmente pela sua descendência alemã, e não fazia sentido olhar para isso quando ele ajudava sua equipe a ganhar partidas. Sua importância na história dá-se exatamente por ser um nome que ajudou o jogo a progredir de suas restrições iniciais e a encontrar na racionalização pela vitória um caminho para a profissionalização.

Como muitos meninos na sua época, Fried⁵ conheceu um futebol ainda em estado bruto. A bola era de bexiga de boi, substituta comum para as caríssimas bolas europeias, que não eram afinal muito melhores(...) No Mackenzie, onde estudou até os 16 anos, apaixonou-se pelo jogo de futebol e, segundo observadores da época, já mostrava habilidade incomum. Mais uma vez, a origem do pai abriu-lhe as portas para atuar em um time forte como o Germânia, mesmo com a dificuldade institucional que os negros tinham de se integrar ao mundo do futebol. Como os clubes eram todos da aristocracia paulistana, dificilmente a barreira racial seria eliminada. No Rio, por exemplo, em que a mistura étnica parecia ameaçar a hegemonia branca dos clubes de modo mais acentuado, a liga de futebol proibiu explicitamente jogadores “de cor”. Mas o velho Oscar, apaixonado por futebol e consciente da capacidade de seu filho, empurrou Fried para dentro do higiênico território do esporte britânico (GUTERMAN, 2009, p.44).

A popularização do futebol no Brasil deu-se pela abertura das portas do jogo para pessoas humildes, comumente negros e pardos. O aumento do público gerou as primeiras vozes dentro do esporte a favor da profissionalização como uma forma de gerar dinheiro em torno da popularidade movida nos estádios e pela imagem de atletas e clubes. O futebol registra neste momento os primeiros traços de sua ligação com identidades sociais no Brasil. A dificuldade de colocar em prática a profissionalização passava justamente pela resistência de uma elite que colocava no amadorismo a raiz da imagem ligada aos atletas, de honra e de educação. Fried e outros contemporâneos, responsáveis por criar a maneira brasileira de jogar futebol, deram os primeiros passos que tornaram a entrada do dinheiro nessa prática esportiva algo inevitável.

O estilo de jogar futebol tipicamente brasileiro representado por Fried e outros jogadores desse período começava a mostrar sinais de características que formaram

⁵ Como era conhecido Arthur Friedenreich

a identidade do Brasil como “O País do Futebol”. Esses jogadores conquistaram o espaço no jogo e na cultura brasileira devido a forma como jogavam futebol e o brilho de suas ações dentro de campo. Ainda que fossem amadores, já existe em relação a eles uma expectativa de performance e resultado muito ligada ao esporte de alto rendimento que começou a ser definido com os esportes modernos, nascidos na Inglaterra.

1.4 O Processo de Profissionalização do Futebol

A noção de profissionalização do futebol, que já dava seus primeiros passos na Europa, foi recebida com desconfiança pela elite que tomava conta do esporte em suas origens. Era uma proposta absurda defender que todos tivessem alcance ao futebol. Lutar por manter a imagem dominante dos *sportsmen* foi uma prioridade das primeiras equipes nas décadas que abriram o século XX. Ser amador era uma marca dessa honra esportiva refletida na postura, na forma de disputa pela bola e nos próprios clubes, que tinham origens específicas e ligadas a identidades elitizadas.

A presença de Fried, o primeiro craque legitimamente brasileiro, e outros pardos e negros nos clubes das elites, impulsionou a discussão em torno de “valor” de um jogador. Esse valor passa a ter menos ligação com uma atuação elitizada, e mais com o potencial que alguns jogadores já tinham de lotar estádios e atrair multidões para o campo. O debate chegou a seu ápice no ano de 1919, quando a Seleção Brasileira ganhou o campeonato sul-americano de futebol pela primeira vez em sua jovem história, cinco anos após sua partida inaugural⁶. Os pardos daquela equipe passavam pó-de-arroz em suas caras para entrar em campo, mas o brilho do futebol deles superou qualquer tipo de resistência, e gerou os primeiros ídolos do Brasil dentro de campo. Quando Arthur Friedenreich marcou o gol do título, na final contra o Uruguai, aconteceu um marco que muitos estudiosos do futebol, quanto ao seu valor sociológico, definem como determinante para a passagem do esporte da imagem elitizada que o caracterizava, para a noção do futebol tipicamente brasileiro e democratizado.

⁶ A primeira partida da seleção brasileira ocorreu no dia 21 de julho de 1914, contra o Exeter City da Inglaterra

A partir desse gol de Fried, o Brasil notou que seus negros e seus pobres (o que quase dava no mesmo) podiam ter algum valor. O país, inebriado pela conquista inédita, enamorado de seu craque exótico e já com sintomas evidentes de estar tomado pela febre do futebol, concedeu que esse esporte havia transbordado as muralhas dos clubes de ricos brancos, ainda que estes não suportassem essa ideia, resistindo a ela o quanto podiam (GUTERMAN, 2009, p.47).

A conquista do sul-americano dificultou a manutenção de barreiras em torno do esporte, sendo cada vez mais convidativo para equipes buscar formas de trazer jogadores de outras origens, e a profissionalização era parte natural desse processo. O futebol realmente “transbordou” os limites que marcaram sua origem. A superação deu-se principalmente pela identificação das oportunidades de conquistas que a atuação de atletas “especiais⁷” ofereciam em termos de ganhos financeiros. Ele passou a ter um papel político e o potencial de mudar a imagem que o brasileiro tinha de si mesmo e do mundo fora dele. A carreira de Arthur Friedenreich representou um marco para o futebol brasileiro porque ele surgiu como o primeiro ídolo de um esporte que, antes dele, era praticado como passatempo.

Quando e como o esporte terá virado paixão popular? É evidente que não aconteceu da noite para o dia. Mas na heróica vitória brasileira sobre uruguaios, no final do Campeonato Sul-Americano de 1919, disputado no recém-inaugurado estádio do Fluminense, já havia menos de esporte que de paixão. Friedenreich marcou o gol da vitória na terceira prorrogação, foi carregado nos ombros da torcida pelas ruas da cidade, teve as chuteiras expostas numa joalheria e consagrou-se como ídolo maior, cognominado El Tigre pelos adversários. O futebol nunca estivera tão na alma do povo. Dali em diante, a paixão só cresceria. Torcer tornar-se-ia quase uma religião (MÁXIMO, 1999, p.184).

Dentro da literatura sociológica sobre o futebol brasileiro, a década de 1920 ficou marcada pela conturbada relação social que o desporto teve com a entrada de negros, que foi gradativa e consideravelmente dramática, como a clássica obra de Mário Filho *O Negro no Futebol Brasileiro* marcou e de alguma forma cimentou na tradição do esporte no País. Em Soares (2000) é feita uma reflexão sobre a dificuldade de distanciar-se da força quase canônica que essa obra exerce sobre discussões políticas e sociais no estudo do futebol brasileiro dentro das ciências sociais. É fundamental entender que, mesmo que ela tenha se tornado uma forma basilar da discussão sobre o tema, a obra de Mario Filho foi escrita em um contexto nacionalista dos anos 1940 no Rio de Janeiro. Aliás, os primeiros 50 anos de futebol

⁷ Especiais dentro de campo – brilhantes com a bola, independente de suas origens.

no Brasil têm uma história por vezes confusa e desconexa, até pela força que o amadorismo imprimia à relação de clubes e atletas. A discussão em torno da entrada de negros nos clubes da elite não é uma daquelas propostas por esta dissertação, mas é impossível falar sobre aspectos da história do futebol no Brasil, especialmente nas expectativas em torno da performance dentro e fora de campo, sem mencionar as questões raciais e a obra de Mário Filho que, de muitas maneiras, influenciou trabalhos futuros de sociólogos, antropólogos e historiadores sobre o tema.

As Campeonatos Estaduais⁸ foram fundamentais para a manutenção do amadorismo. Suas regras definiam o que era necessário para um atleta ser considerado “amador” e também serviam para controlar o acesso do esporte a certos tipos de membros da sociedade de cada estado. Em Pereira (2000), a luta pela manutenção do amadorismo no Rio de Janeiro é representada a partir das regras da Liga Metropolitana de futebol no Rio de Janeiro. O interesse fundamental era a manutenção do controle da escala social e do valor do jogo como um agregador social das elites brasileiras.

Separados os diferentes grupos sociais ‘pelo cultivo, pela instrução e pela posição que as pessoas ocupam na sociedade’ em espaços diversos, nada impedia que toros se entregassem a uma mesma prática – fosse a dança ou o futebol. A proposta de formação de uma ‘série operária pelos clubs que possuam em seus teams pessoas de determinadas profissões’, separadas daquela onde disputassem seus jogos os clubes de primeira linha, já seria por isso suficiente para resolver o seu problema (PEREIRA, 2000, p.106).

Por esse e outros motivos, o processo de profissionalização foi complicado no Brasil. Diversas ações a época provocaram o atraso, como as regras das diferentes ligas que proibiam times de operários, que acabavam organizando-se em ligas “clandestinas”. Além disso, os clubes esportivos eram diretamente relacionados com clubes sociais e parte da vida noturna das principais cidades brasileiras. Manter negros e operários fora desse tipo de ambiente era uma motivação importante para evitar o profissionalismo e ter regras claras nesses termos

As décadas de 1920, 1930 e 1940 foram fundamentais no processo de profissionalização do futebol brasileiro, com a entrada gradativa de negros e membros das classes mais humildes. A capacidade de jogar futebol, o talento e o brilho dentro de campo tornaram-se, nesse período, o principal elemento de

⁸ Ligas formadas pelos clubes de cada estado, ainda nas primeiras décadas do século XX, e que seguem acontecendo como os campeonatos estaduais, primeiro semestre de cada ano.

interesse em relação ao atleta. Nesse período, o futebol já era profissional e sem restrições na Europa, enquanto no Brasil, a profissionalização só ocorreu em 1933. Um dos principais motivadores para a profissionalização foi a importação de brasileiros para clubes como o Real Madrid e outros europeus que ofereciam salários para seus atletas.

O crescimento do esporte transformou o papel que o atleta desempenhava dentro de campo e suas obrigações. A profissionalização fez da atividade o meio principal de sustento e o único foco laboral da vida desses profissionais. Deixou, portanto, de ser disputado por honra ou por lazer, mas sim por interesses financeiros dos clubes, dos próprios atletas, e o desejo de milhões de torcedores.

A crítica com relação a profissionalização seguiu, e o foco dela foi fundamentalmente a mudança que o dinheiro causou no esporte. Em Pereira (2000), o profissionalismo foi recebido por membros das elites como uma abertura completa dos clubes e dos atletas para o peso e o controle do dinheiro sobre as suas ações. A venda constante de jogadores, dentro e fora do País, criou um clima de constante negociações e trocas em relação a jogadores. Essa nova realidade em torno dos atletas mudou expectativas da mesma forma que questões raciais tinham feito em outros momentos.

O papel da imprensa esportiva na profissionalização e na entrada do dinheiro dentro do futebol é fundamental. A história do futebol no Brasil tem a sua memória contada e recontada, primordialmente, pela imprensa brasileira, desde suas origens. Grande parte dos materiais que contam a história do período amador do futebol brasileiro estão presentes em jornais da época. Mais do que isso, a história desse período e das tradições ligadas à prática são representações e memórias da imprensa esportiva brasileira. Em Soares (2004), a ligação dessas tradições com os meios de comunicação é analisada a partir de coberturas que contam e auxiliam na reconstrução das memórias de três participações brasileiras em Copas do Mundo. O artigo em questão, parte do pressuposto de que a memória do futebol só pode ser concretizada e mantida pelos meios de comunicação. Por ser um evento que é acompanhado simultaneamente, de diferentes formas, por milhões de pessoas, é papel dos meios imortalizar os momentos do espetáculo que é uma partida de futebol.

A profissionalização aumentou o interesse midiático pelo futebol. Com o alcance ilimitado de público e jogadores, além da criação de ídolos, o potencial

financeiro da cobertura do futebol impulsionou esse mercado. Dessa forma, a profissionalização do futebol brasileiro aproximou de muitas formas o jogo com a cobertura midiática, e muitos torcedores passaram a conhecer clubes e jogadores somente a partir de jornais e transmissões de rádio.

Os principais jornais do Brasil aumentaram, após o título do Sul-americano de 1919, o espaço para o futebol, e encontraram no esporte uma forma de vender edições e chamar a atenção do público. O brasileiro mostrava-se cada vez mais interessado no jogo que desenvolvia paixões e traços de um jeito de jogar tipicamente nacional. A década de 1920 é o ápice da profissionalização do futebol brasileiro e aproximou definitivamente a imprensa brasileira com o esporte, muito devido à efervescência que se manifestava nos consumidores do jogo bretão. Segundo Guterman (2009), o futebol nessa década ocupava, aos poucos, o lugar de principal interesse do brasileiro, e pela primeira vez passa a ter relações com a identidade nacional. Em todo País, centenas de clubes lotavam os estádios nos campeonatos estaduais, e grandes histórias do futebol brasileiro foram sendo escritas pela imprensa da época, que via com excitação os progressos do interesse de torcedores e membros da sociedade brasileira pelos jogos.

Essa eletricidade de certa maneira traduzia os novos tempos. O esporte de massa se tornou a referência do conflito controlado diante da confusão de referenciais trazida pela modernidade. É no campo de jogo que os indivíduos, massacrados pelo novo, descarregam suas tensões sem que isso implique crime ou violência real. Assim, o futebol, que no Brasil conseguiu rapidamente 'aclimatar-se, como o café', segundo diz Lobato⁹, e 'transformou-se quase numa praga', passou a ser um dos símbolos da modernidade brasileira (GUTERMAN, 2009, p. 61).

A transformação do futebol brasileiro no esporte mais popular do Brasil deu-se pela popularização e a abertura das portas para diferentes membros da sociedade brasileira. Também pelo incentivo que os meios de comunicação receberam para aumentar as dimensões da cobertura ao futebol, já que o jogo captava o interesse dos brasileiros que começavam a consumir as histórias dos campos dentro da mídia.

A profissionalização do futebol brasileiro mudou as características sociais do jogo e popularizou o esporte em todo País. Com isso, a imagem de atletas e dos

⁹ Escritor brasileiro Monteiro Lobato, citação feita pelo autor original.

clubes também sofreu alterações, sendo também mais populares e carregando consigo traços da sociedade brasileira.

O futebol estava profissionalizado em 1950, quando a Copa do Mundo foi disputada no Brasil pela primeira vez. O fato de receber a maior competição do esporte em solo nacional e o processo de crescimento da relação entre o futebol e da imagem do homem brasileiro fizeram daquele momento um marco nas discussões que envolveram o papel do jogador no Brasil. O artigo de Pacheco (2010) faz uma reflexão desse momento histórico com a masculinidade, mais precisamente com uma imagem de brasilidade ligada com a forma de *atuação* dentro do campo de futebol. Nele, traz discursos que definiram a derrota como resultado de alguns brasileiros, “que não foram homens como o capitão Uruguaio” (PACHECO, 2010, p.34). A acusação feita contra a masculinidade dos brasileiros surgiu da imprensa da época, que buscava na fragilidade com que os brasileiros entraram nas divididas¹⁰ e um desejo por “civildade” dentro de campo como os principais responsáveis pela derrota brasileira. O processo de profissionalização explica essa mudança em expectativas no que diz respeito ao papel do atleta. Ele não é mais um homem honrado da elite que pratica um esporte por lazer, quando não está trabalhando. O futebol passa a ser uma obrigação, o trabalho principal da vida desses homens. Além disso, essa prática profissional está ligada, em um nível midiático, com a atenção e a torcida de milhões de brasileiros que acompanharam a partida em rádios e consumiram as transmissões daquele meio de comunicação, o principal na cobertura do esporte à época. É o ponto máximo do desporto de alto rendimento e uma etapa fundamental para a criação do futebol espetáculo.

Esse período marcou a confirmação do estilo brasileiro de jogar futebol e o crescimento da relação entre o Brasil e uma marca de jogar futebol. A performance do jogador brasileiro estava ligada ao brilho de Pelé, a genialidade de Garrincha e o elemento quase mágico que a seleção de 1970 carregava consigo, dentro e fora de campo. Além disso, essa equipe representava o orgulho nacional, e o futebol torna-se aí o maior interesse do brasileiro.

¹⁰ Termo do futebol, que define disputas firmes e agressivas pela posse da bola.

1.5 A sociologia do futebol brasileiro como um produto

A literatura acadêmica sobre o futebol brasileiro começou a ser construída e delimitada a partir da década de 1970. Notadamente, a origem deu-se com publicações nas áreas das ciências sociais e da comunicação social, refletindo prioritariamente sobre o papel do esporte mais popular do País na percepção interna e externa de Brasil, além de questões envolvendo o processo cultural e econômico do esporte. Nessa década, a obra de Ramos (1984) teve um importante destaque dentro de uma visão marxista e althusseriana que dominava a ciência brasileira à época. O futebol era visto principalmente sob uma perspectiva que enxergava entendia o futebol como “variante do ópio dos povos, poderosa força de alienação dos dominados (HELAL, 2011, p.14)”.

O Campeonato Brasileiro, fundado em 1971, surge dentro dessa perspectiva, em um futebol brasileiro que já era tricampeão mundial, mas ainda, internamente, vivia uma realidade bagunçada. A competição tinha como principal objetivo reunir e organizar as principais equipes do País, em uma lógica que se pretendia primordialmente profissionalizada e moderna. Em Guterman (2009), esse momento é resultado de um esforço pelo governo da época — a ditadura civil-militar que se iniciou em 1964 — de criar, por meio do futebol, uma relação unificadora de Brasil. A liga consiste, desde sua primeira edição, da disputa entre clubes de todos os cantos da nação, e em pouco tempo tornou-se a mais valiosa conquista o futebol nacional. Os principais clubes do Brasil criaram marcas fundamentais de sua história, por meio dessa liga nacional, que serviu de rumo para a universalização do futebol brasileiro, exportando os seus melhores atletas e importando sul-americanos que foram basilares em conquistas dos clubes.

O desenvolvimento do futebol brasileiro a partir da liga nacional foi o pontapé inicial para uma série de novos estudos sobre o futebol brasileiro. Em DaMatta (1982), o futebol brasileiro é analisado sobre uma perspectiva que considera as performances sociais envolvendo o jogo como uma maneira de interpretar o Brasil como sociedade.

É parte do meu entendimento que quando eu ganho uma certa compreensão sociológica do futebol praticado no Brasil, aumento simultaneamente minhas possibilidades de melhor interpretar a sociedade brasileira. Creio, por outro lado, que este enfoque permite descobrir como uma certa atividade é apropriada diferenciadamente em sociedades diversas, ponto que me parece importante quando se trata de submeter ao crivo do estudo sociológico uma instituição moderna marcada pelo cosmopolitismo, como é o caso do futebol (DAMATTA, 1982, p.21).

Os anos 1980 marcam de fato, tanto na academia quanto nas coberturas midiáticas, o reforço da ideia de que o futebol representa mais do que um lazer ou uma distração para o brasileiro. O jogo passa a ser analisado em uma perspectiva que o considera parte da sociedade, um elemento que reflete medos, tendências e a lógica do povo brasileiro.

A lógica da “dramatização” dos eventos esportivos torna-se presente na cobertura midiática do futebol nesse período, em um cenário em que o esporte cresce economicamente no Brasil e no resto do mundo. A cobertura de jogos, de atletas e o processo de criação de heróis para consumo de torcedores e apaixonados pelo esporte toma conta da própria relação do brasileiro com o jogo e com os clubes.

A identificação do Brasil como o País do futebol também funciona nessa lógica, como construção e mercadoria cultural que é realizada com o claro objetivo de incentivar uma visão de Brasil. O futebol, nesse sentido, entra nas discussões em de uma cultura de massa, muito fortes nas últimas décadas do século XX e a noção de “futebol de espetáculo” entra em uso tanto na academia como na crítica jornalística e de torcedores em relação a um futebol “moderno.” A modernidade nessa discussão é um conceito ligado à ideia de um futebol que movimenta milhões, com clubes e jogadores fazendo parte de um mercado que controla o jogo intrinsecamente, e não da modernidade no sentido da racionalização do alto rendimento.

A tradição da crítica ao crescimento da entrada de valores milionários no futebol brasileiro ganha forças nos anos 1990. Essa década ficou marcada pelo crescimento dos valores envolvidos nas principais transações dos jogadores brasileiros para a Europa e aumentou ainda mais a sensação que o dinheiro havia tomado conta da principal paixão do brasileiro. Em Helal (1998), a marcante derrota brasileira para a França na final da Copa do Mundo de 1998 é analisada a partir dessa crítica da mercantilização. O valor financeiro no futebol começa a receber, dentro da cultura brasileira, um peso explicativo, e moralmente perverso, em relação ao jogo.

Rumores e boatos de que o time teria ‘entregue o jogo’ mediante uma quantia fantástica de dinheiro oferecida pela FIFA ou pela França; ou de que a Nike teria forçado Ronaldinho a entrar em campo sem condições físicas, passaram a fazer parte das conversas do nosso cotidiano na

semana após a final. No primeiro caso, estamos diante de um raciocínio conspiratório que parece nos dizer que não valeu a pena torcer pela seleção, pois o universo do futebol é formado por dirigentes corruptos e jogadores mercenários. Já no segundo caso, os jogadores são inocentados e fazemos então um apelo aos dirigentes e patrocinadores para pensarem mais nos atletas como seres humanos e não como máquinas. Talvez por ser mais verossímil, esta segunda versão foi a que ganhou espaço na mídia. Porém, em ambas narrativas, fomos derrotados pela comercialização do futebol (HELAL, 1998, p. 145 e 146).

Independentemente do peso positivo ou negativo que os valores de transferência exercem sobre o futebol do final do século XX, a midiaticização e a massificação do jogo como um negócio seguiu crescendo. Um exemplo desse constante crescimento é o valor da transação recorde¹¹ do futebol, que em 1990 era a transferência do italiano Roberto Baggio da Fiorentina para a Juventus, por 8 milhões de euro. Esse valor foi superado mais de 15 vezes até hoje, e o atual recorde é a venda do brasileiro Neymar do Barcelona para o PSG em 2017, por impressionantes 220 milhões de euro.

O crescimento desses valores corresponde diretamente com o processo de apropriação da imagem dos jogadores de futebol como “ídeos” a partir de uma narrativa de heróis. O heroísmo do atleta midiaticizado está ligado com a vitória e sua disposição a luta e a disputa, como um elenco de uma equipe que “atua” em busca de uma vitória. Em Helal (1998), é apresentada uma comparação do atleta com, por exemplo, um músico. Mesmo que ambos ascendam a posição de ídolo, a metáfora do “herói” é reservada apenas ao atleta, exatamente pelo pressuposto competitivo que é a natureza de sua atividade e da relação traçada com o público. Nesse sentido, Helal (1998) reflete que o futebol é, logo em sua natureza, um universo que, adicionado dos interesses midiáticos, propício para a criação de mitos.

A narrativa clássica em torno da figura do herói fala de luta, superação de obstáculos aparentemente intransponíveis e de redenção e glória de um povo. O herói tem que cumprir sua missão: conceder dádivas aos seus semelhantes... Esta característica do “ídolo-herói” acaba por transformar o universo do futebol em um terreno extremamente fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade. Dotados de talento e carisma, o que os singulariza e os diferencia dos demais, estes ‘heróis’ são paradigmas dos anseios sociais e através das narrativas de suas trajetórias de vida, uma cultura se expressa e se revela (Helal, 1998, p.147 e 148).

¹¹ Dados disponíveis em: <https://interativos.sportv.globo.com/site/ep/futebol/vai-e-vem/jogadores-mais-caros>

Em Damo (2008), o futebol espetáculo é analisado sob a perspectiva do atleta como um indivíduo provido de um “dom (HELAL, 1998, p.139)”. Esse dom, em contraste com a dádiva¹², reconhece, além do que é herdado como um talento natural, a condição que o treinamento, o aperfeiçoamento das habilidades e do potencial futebolístico, como parte da *performance* de um jogador de futebol. Dentro do futebol-espetáculo o capital futebolístico¹³ de um jogador é definido tanto por sua capacidade de gerar resultados dentro de campo como a forma de associação que o atleta consegue ter com a torcida – o público consumidor do futebol. O jogador de futebol tem, além de todas as suas perspectivas como competidor, uma aura de herói que o carrega para campo, pesando em sua performance.

Em Bonin (2016), a espetacularização do futebol brasileiro é explorada a partir das coberturas radiofônicas que, apesar de representarem uma pequena parte da fatia do mercado esportivo brasileiro em 2019, são relevantes por sua importância no desenvolvimento do mercado do futebol. Além de ser o meio mais democrático que existe, pois suas ondas estão disponíveis gratuitamente para quem tiver um simples receptor, o rádio é o fundador das principais memórias do futebol brasileiro. Esse e outros meios de comunicação auxiliaram no processo de desenvolvimento do jogo em valor de mercado. Os meios de comunicação foram fundamentais no crescimento da liga nacional e do esporte no País inteiro. As histórias do Campeonato Brasileiro são contadas para todos os cantos do território nacional e as identidades dos clubes vão sendo reforçadas em um processo que supera as linhas dos estádios e dos estados. A competição reforçou a noção da espetacularização do futebol brasileiro em torno da cobertura constante de partidas e do esporte. A mídia levou o futebol para a casa de todos os brasileiros, e dessa forma reforçou a criação de um negócio milionário em torno da atividade. A competição foi responsável, por meio da imprensa, de definir os 13 maiores clubes do Brasil. Em 1987, buscando o controle dos direitos de transmissão dos jogos do Campeonato Brasileiro, foi fundado o Clube dos 13¹⁴, uma associação dos clubes mais influentes do País. Esse grupo reunia os interesses políticos e financeiros de

¹² Os conceitos de dádiva e dom são utilizados aqui exclusivamente a partir das definições em Helal (1998).

¹³ Valor dado a aptidão esportiva dentro do campo de futebol.

¹⁴ O clube dos 13 era composto, inicialmente por Flamengo, Fluminense, Vasco, Botafogo, Santos, São Paulo, Palmeiras, Corinthians, Internacional, Grêmio, Atlético-MG, Cruzeiro e Bahia. Com o passar dos anos o clube chegou a ter 20 clubes, com a entrada de Atlético-PR, Coritiba, Goiás, Guarani, Portuguesa, Sport e Vitória.

clubes que já se colocavam como empresas milionárias. O grupo organizou algumas edições do Campeonato Brasileiro, em temporadas que os clubes e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) não chegaram a um acordo sobre o formato da competição

Os principais clubes brasileiros, visto como negócios, são empresas multimilionárias. Ocupam um lugar enorme na economia nacional, e suas transferências movimentam milhões de reais para os principais estados do País. Com isso em mente, a imprensa esportiva tem em sua história muitas críticas quanto a gestão dos clubes. A cobrança por “modernização” no tratamento profissionalizado ao futebol como um negócio, é uma tendência que começa a ser notada com clareza nos anos 1990. Em Saldanha e Goellner (2013), a mudança técnica da *Revista Placar*, maior publicação exclusiva do futebol brasileiro, acontece voltada para esse esforço de ligar a gestão do esporte com uma ideia de modernidade. O moderno nesse caso tem relação direta com o desenvolvimento de métodos de organização financeira do futebol, similares aos usados pelas empresas mais proeminentes do mercado global.

Em outra matéria, na qual se propõe a indicar qual o melhor campeonato nacional do mundo (PLACAR, n. 1131, 1997, p. 72-73), a revista não leva em consideração a emoção ou o equilíbrio dos torneios, mas sim sua média de público, faturamento e investimento em contratações. No futebol moderno da Placar, a importância de um jogo ou torneio não é definida por sua tradição, ou pela rivalidade entre as equipes, mas sim pelo montante de dinheiro envolvido (SALDANHA E GOELLNER, 2013, p.285).

O maior interesse das coberturas esportivas com os modelos de administração dos clubes e o foco nas rendas como um traço do sucesso representa o papel da imprensa no mercado do futebol. Se em sua origem, o dinheiro era visto como uma afronta que negaria a honra da atuação amadora, o final do século XX registra pedidos da imprensa para que a gestão seja, em todos os sentidos, profissional, usando a ideia de modernidade como uma forma de demarcar a eficácia financeira como um pilar do sucesso. Também em Saldanha e Goellner (2013) é analisado por meio do discurso da Revista Placar, a imagem de jogador moderno que a publicação retrata como a ideal. O atleta é muito preocupado com seu desempenho, que passa por questões físicas e biológicas, além da imagem que é projetada.

O cuidado com a construção e preservação de uma “boa imagem” (ou seja, de ‘uma imagem vendável’) passa a ser alvo de atenção permanente. A capacidade de agradar patrocinadores se torna, muitas vezes, mais importante para o atleta do que as conquistas dentro de campo (SALDANHA E GOELLNER, 2013, p. 292).

O atleta torna-se dentro deste contexto um profissional que depende de sua imagem, tanto como atleta quanto como personalidade, para desempenhar o seu papel da melhor forma possível e conseguir os resultados que o clube deseja. Os resultados superam o campo, e entram em uma discussão midiática que é mais ampla que o simples potencial esportivo. Os jogadores de futebol são criados para gerar resultados futebolísticos e também para vender camisas, entrar em negociações milionárias e gerar retorno financeiro para seus clubes. A discussão sobre a produção do atleta nesse cenário atual é tratada em Daou, Guareschi e Azambuja (2014) pela ótica da constituição do sujeito, jogador de futebol, analisando as características e normas que devem ser seguidas nesse processo. Considerando o que se espera, tanto de um ponto de vista técnico quanto em uma visão voltada para o mercado, o atleta de futebol torna-se produto ao ter sua imagem ligada diretamente ao retorno financeiro que é atrelado e esperado do desempenho dele.

As expectativas colocadas no atleta profissional variam em aspectos ligados com a posição que ele ocupa dentro de campo e com a personalidade que ele representa fora das quatro linhas. As características fazem parte de uma *performance* que o atleta realiza como profissional do futebol. Essa atuação passa pela técnica, pela qualidade do futebol apresentado, mas é completada por expectativas em relação à imagem social e econômica que esse profissional deve passar para alcançar seus objetivos quanto à profissionalização no futebol.

Um fator determinante na venda do futebol como um produto, e conseqüentemente, como parte de um setor financeiro lucrativo, é a mudança dos sistemas de transações entre os atletas. Nesse cenário atual, o Brasil é um exportador de craques para o mundo, e muito das vendas estão atreladas a criação de imagens que são aceitas por público e por dirigentes do futebol. O profissional desempenha uma série de diferentes papéis englobados à noção do esporte como um espetáculo midiático. O jogador profissional não é apenas “parte” do produto que é vendido. A imagem desse atleta é um produto, que é consumido por fãs do esporte

e dirigentes de equipes de outros países, que procuram no Brasil futuras estrelas do futebol.

A compra e a venda de atletas de alto nível é uma mudança que gerou efeitos muito complexos em todo o mercado do futebol. As alterações no que tange às expectativas sobre o jogador de futebol são amplas, e passam pela identificação dele como alguém que “representa” o clube, e que pode fazer algo similar em outra instituição que invista milhões para adquirir seus talentos. Existe também um aumento dos valores midiáticos ligados ao atleta, o que por vezes tem levantado importantes questões sobre o peso que o dinheiro tem no futebol moderno.

Roman Abramovich tem usado parte da riqueza lendária que ele adquiriu durante o colapso da União Soviética para transformar o Chelsea, um time não muito popular que costumava a ter associações elegantes, em um dos principais líderes da Europa. Sua conquista reforça a ansiedade mais antiga que acompanha o desenvolvimento do futebol profissional durante o último século, nomeadamente a crença de que o sucesso definitivo pode ser comprado. Desde sua tomada do Manchester United. Malcolm Glazer, um empreendedor esportivo americano, tem sido a encarnação viva do medo de que o futebol não é mais do que a função da maximização do lucro. Ganhar não é mais a questão; o que conta é o lucro. O significado do futebol se perde pelo caminho (CLAUSSEN, 2015, p.48).

A nova lógica do futebol profissional e a ligação do dinheiro reforça a posição da imagem, midiática, do jogador como um empregado do esporte, e parte do produto transacional que move o esporte na sua versão atual. A imprensa esportiva faz parte da criação dessas identidades, e por muitas vezes, é o principal combustível nos processos de ignição de tradições e histórias em torno do futebol visto como um produto para ser vendido e consumido.

1.6 Rivalidade Grenal: o futebol gaúcho e sua marca de resistência ao estilo brasileiro

As últimas décadas do século XX foram fundamentais para determinar o estilo brasileiro de jogar futebol. Nessa marca, o Brasil tornou-se o País do futebol-arte. É aqui que se trata a bola com carinho e sutileza e os brasileiros nascem com um dom único de fazer mágica em campo. A magia do futebol no Brasil é representada por dribles desconcertantes, tabelas¹⁵ rápidas e inesperadas e uma certa malícia que engana e confunde o adversário. A noção do Brasil como o País do futebol-arte é

¹⁵ Troca de passes rápidas entre dois jogadores que buscam o gol adversário.

basilar na identificação do brasileiro com o esporte e também para a própria noção de brasilidade. O estilo que caracteriza o Brasil foi criado e reproduzido no sudeste do País, com jogadores como Pelé e Garrincha que foram pilares do crescimento da seleção e do alcance midiático do jogo.

Os anos 1970 marcaram o crescimento das disputas nacionais, entre equipes de todas as regiões, e foram fundamentais na expansão dos clubes como negócios. Nessa medida, os clubes do Rio de Janeiro ganharam destaque especial e o estilo desses clubes de jogar futebol tornou-se o padrão do futebol-arte brasileiro. Isso fica evidenciado pela marca que clubes como o Flamengo¹⁶, de Zico, traçaram nas últimas décadas do século XX. Eram equipes que jogavam um futebol vistoso, driblador, e colocavam essa característica como o ponto central de suas identidades.

No Rio Grande do Sul, o Grêmio Football Porto Alegrense e o Sport Club Internacional tornaram-se nesse período os maiores clubes do estado e os representantes do futebol gaúcho no cenário nacional. O Internacional foi o primeiro gaúcho a conquistar o campeonato brasileiro, em 1975, e tornou-se tricampeão em 1979, consagrando uma década histórica. O Grêmio dominou o futebol brasileiro e sul-americano a partir do título da Copa Libertadores da América¹⁷ de 1983, seguindo com títulos constantes até o começo dos anos 2000.

As conquistas tricolores¹⁸ nos anos 1990 fizeram crescer os questionamentos da mídia nacional em torno do “estilo gaúcho” de jogar futebol. Os clubes do Rio Grande do Sul ficaram marcados pela negação do futebol-arte tipicamente brasileiro e pelo uso de um estilo mais ligado às raízes uruguaias e argentinas dos gaúchos. Em Damo (1999) os títulos do Grêmio entre os anos 1995 e 1997 servem como ponto de partida para uma reflexão sobre o estilo gaúcho de jogar futebol e sobre a representação que ele recebe tanto da imprensa gaúcha como na opinião do resto do País sobre as equipes do Rio Grande do Sul.

A busca do Rio Grande do Sul de se destacar do Brasil não é um fenômeno exclusivo do futebol. Mais do que isso, a ruptura que os clubes gaúchos buscam com relação ao futebol-arte brasileiro é um reflexo de um desejo cultural mais profundo do estado como um todo.

¹⁶ Clube de Regatas Flamengo, tem a maior torcida do Brasil e teve seu crescimento no Norte e no Nordeste devido a constante cobertura da Rede Globo de Televisão na década 1980.

¹⁷ Maior competição de clubes da América do Sul.

¹⁸ Apelido do Grêmio, pelas três cores, azul, preto e branco, de seu uniforme

Em termos genéricos, o estilo do futebol gaúcho resulta da apropriação, por parte dos futebolistas - sejam eles torcedores, dirigentes, jogadores ou cronistas esportivos -, de um discurso preestabelecido de culto às tradições. Tais discursos, que colocam o Rio Grande do Sul numa posição diferenciada em relação às demais unidades federativas e, até mesmo, em contraposição ao Brasil, resgatam certos aspectos constitutivos da identidade social dos rio-grandenses do sul, 'esquecendo-se' de outros tantos a partir dos quais a suposta disjunção desapareceria. (DAMO, 1999, p.95)

A diferença manifesta-se dentro de campo por meio do conceito de "raça"¹⁹ que permeia a atuação das equipes gaúchas no confronto com equipes de outros estados. Essa raça pode ser demonstrada por meio de carrinhos²⁰, agressões e diversas outras formas de imposição física dentro de campo. Esse esforço de destaque por meio de uma atitude viril é resultado de muitos fatores, entre eles o crescimento do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), surgido nos anos 1950 e que é responsável por boa parte da imagem moderna dos homens e mulheres do Rio Grande do Sul.

O futebol gaúcho também tem uma origem particular, que justifica e explica as diferenças notadas com relação ao resto do País. Enquanto em São Paulo o esporte chegou por meio de ingleses e filhos de famílias ricas, no Rio Grande do Sul o esporte entrou pelas classes populares das fronteiras com Uruguai e Argentina. Não é à toa que o Sport Club Rio Grande, da cidade com o mesmo nome, é considerado o primeiro clube do futebol brasileiro, criado no ano de 1900. O futebol no estado entrou pela via platina. Em de Jesus (2000) a relação das fronteiras do estado com o futebol é apresentada a partir de cidades como Uruguaiana e Santana do Livramento, fincadas nas fronteiras gaúchas, que foram o berço do futebol gaúcho. Por isso, historicamente, o futebol do Rio Grande do Sul sempre teve características mais próximas com as dos vizinhos ao sul do que com os estados ao norte.

A origem do distanciamento gaúcho ao resto do Brasil é antiga e nasce de processos históricos que criaram a identidade gaúcha a partir da negação da brasilidade. O mesmo ocorre com o futebol e a noção de arte torna-se o inimigo que o gaúcho precisa evitar. Isso explica processos de exaltação da garra, da entrega em campo, da capacidade de jogar um futebol coletivo, que esconde o talento individual nas vitórias. Por isso mesmo, o discurso do futebol gaúcho é

¹⁹ Raça no sentido de força, entrega e suor dentro do campo de futebol.

²⁰ Cortes agressivos nas pernas dos adversários, com o intuito de roubar com violência.

historicamente repleto de momentos de projeção de raiva ou negação quanto a base do futebol nacional.

Se a legitimidade do gauchismo foi conquistada, entre outros fatores, pela sua capacidade de pinçar do processo histórico episódios a partir dos quais o regionalismo pôde ser apresentado como verossímil - e sempre que não os encontra, os cria -, o mesmo ocorre no universo futebolístico. Nessa perspectiva, o isolamento geográfico constitui-se, mais uma vez, no eixo central a partir do qual o futebol gaúcho estaria em situação desvantajosa em relação ao Brasil, especialmente aos clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo. Para sustentar essa tese, são evocadas as grandes distâncias, as longas viagens e o desgaste físico aos quais os clubes daqui estariam submetidos quando necessitam jogar no Norte e Nordeste brasileiros. Outros fatores como o clima hostil - frio, chuvoso etc. - e, por extensão, os gramados enlameados do interior do estado, exigiriam mais ênfase na preparação física dos jogadores em detrimento da técnica e, conseqüentemente, isso teria sido determinante para o estilo diferenciado do futebol gaúcho, mais europeu e portenho do que propriamente brasileiro. (DAMO, 1999, p.97)

A diferenciação do estilo gaúcho de jogar futebol é basilar para a determinação das características do principal confronto entre equipes do estado: o clássico Grenal. O confronto entre Grêmio e Internacional é uma das maiores rivalidades do futebol brasileiro e tem papel fundamental no processo de definição do estilo de jogar no Rio Grande do Sul e nas expectativas que jogadores e membros dos clubes carregam dentro e fora de campo.

No ano de 2019, a rivalidade entre os gaúchos completou 110 anos, marcados por partidas que entraram no imaginário do futebol gaúcho e têm representado uma marca da identidade do homem no estado. A fundação do Inter, em 1909, abre essa tradição por representar logo na origem um ato de resistência contra as proibições que o Grêmio, fundado em 1903, tinha à época em relação aos seus sócios. Os membros fundadores do colorado²¹ eram paulistas, filhos de imigrantes italianos que, ao chegar em Porto Alegre no final da década de 1900, buscaram a associação na principal instituição de futebol da cidade, o Grêmio. Por ser um clube de origem alemã e ligado a elite porto alegreense da época, as portas do tricolor gaúcho foram fechadas para os irmãos Poppe²². Portanto, a fundação do Inter deu-se com o intuito de criar um clube mais democrático, que permitisse a entrada de imigrantes de qualquer nacionalidade como sócios — escolha que se reflete no nome do clube.

²¹ Apelido do Internacional pela identificação com a cor vermelha.

²² Henrique, José e Luis Poppe foram os fundadores do Internacional

O primeiro confronto entre Grêmio e Internacional foi registrado no dia 18/07/1909, no antigo estádio do tricolor gaúcho, a Baixada, e teve uma estrondosa vitória de 10x0 para equipe mais tradicional e dona da casa. Apesar da contundente derrota no primeiro encontro, o Internacional continuou marcando partidas contra o Grêmio, e a primeira vitória colorada finalmente aconteceu no Grenal de número 7, em 1915. Desde a primeira partida, foram disputados 420²³ partidas, sendo o mais recente na fase final do Campeonato Brasileiro de 2019, na Arena do Grêmio, e terminou empatada em 0x0. Uma marca importante da história da rivalidade entre os maiores rivais do estado e da cobertura midiática que ela recebe está presente na constante numeração das partidas. Cada confronto recebe um número que o demarca e define dentro da história do Grenal o ponto em que a partida ocorreu.

No Rio Grande do Sul, os atos decisivos em clássicos Grenal têm uma importância maior e pesam de uma maneira constante na impressão que os atletas trazem consigo para o campo de futebol. Como os gaúchos são, em sua grande maioria, divididos entre colorados e gremistas, milhões de torcedores de ambas as equipes passam a vida inteira sem acompanhar os jogos nos estádios. Os torcedores que moram longe de Porto Alegre, sede de ambas equipes, criam a identidade com o clube pela imprensa esportiva estadual. A divisão do estado entre colorados e gremistas define uma característica da identidade desses torcedores e a performance dos atletas dentro de campo reflete essa relação.

O Clássico Grenal é o principal produto do futebol gaúcho, e os confrontos tomam conta da imprensa e são vendidos e repassados para todo o estado, refletindo o peso que ambas equipes têm para a identidade do homem gaúcho. Ser gremista ou ser colorado é uma importante marca tanto de individualidade como de pertencimento a um grupo dos apaixonados por futebol do estado e os jogadores de ambas equipes também refletem expectativas sobre a masculinidade gaúcha. Os jogadores de Inter e Grêmio representam uma longa tradição sobre rivalidade e disputas que fazem parte da memória do futebol do Rio Grande do Sul.

O valor de mercado dessas partidas é inegável. Os *derbies*²⁴ de Porto Alegre reúnem clubes que têm milhões de torcedores e seguidores fiéis. Esses torcedores, pelo peso de suas paixões e interesses em torno do clássico, são grandes consumidores do produto criado pelos meios de comunicação em torno do Grenal.

²³ Lista dos 420 jogos presente em: https://www.internacional.com.br/conteudo_grenais_todos.php

²⁴ Termo em inglês para partidas de futebol entre duas equipes de uma mesma cidade.

O principal veículo para a cobertura do clássico Grenal desde os anos 1970 é o Jornal Zero Hora (ZH). Sua origem data do término do Jornal Última Hora²⁵ que foi adquirido em 1970 pela Rede Brasil Sul de Telecomunicações (RBS) maior grupo do Sul do País. Essa posição como carro-chefe de uma rede de amplo alcance foi fundamental para o crescimento meteórico do ZH. Por causa dessa posição, o periódico tem constante e forte entrada entre as cidades no interior do estado e é a maior redação do estado, com aproximadamente 200 jornalistas²⁶ divididos em editorias. O jornal segue o modelo tabloide²⁷, com suas páginas sendo compostas de Cadernos temáticos, que separam o conteúdo e foram fundamentais no crescimento do jornal e no potencial de engajamento com o público.

O jornal ocupa um papel importante na formação e no crescimento da identidade gaúcha. Esse processo passa pelo fato do veículo ser a principal fonte de notícias para todo o estado, principalmente a partir dos anos 1990. Em Felippi (2006), o processo de criação de uma identidade gaúcha é contado pelo ZH. A análise é feita levando em consideração a valoração que certos conceitos e marcas da identidade regional recebem dentro das páginas do jornal Zero Hora.

Numa fala por vezes contraditória do Diretor de Redação, percebe-se que o jornal investe forçosamente na construção discursiva da diferença do gaúcho em relação ao “outro”, visando se marcar por um dizer que dá conta das possíveis peculiaridades de um povo e de uma região. É também um indicativo de que a produção recebe pistas da instância da recepção e das culturas vividas de que esse discurso tem eco no público leitor do jornal (ou do público que o jornal quer somar como leitor). Os valores-notícia ou critérios de noticiabilidade fazem o elo entre a linha editorial e os acontecimentos, intermediando o que o jornal gostaria que constasse em suas páginas e o que a cultura jornalística permite. (FELIPPI, 2006, p.95-96)

Pensando o processo já mencionado da criação do estilo gaúcho é possível pensar em um segmento do “Cadernos de Esportes” do Jornal Zero Hora como parte do discurso que relaciona o futebol-arte como o “outro” do futebol gaúcho, em um processo que reforça conceitos próprios de gauchismo a partir do campo de jogo.

O clássico Grenal é reconhecido pela imprensa gaúcha como um campeonato à parte, capaz de incentivar o sucesso na temporada de uma equipe ou de afundar

²⁵ Jornal de Samuel Wainer, extinto após o golpe militar de 1964.

²⁶ Dados sobre o jornal presentes em Felippi (2006).

²⁷ Formato de jornal popularizado pelo ZH no Rio Grande do Sul. Suas páginas tem cerca de 43cm x 28cm, sendo um pouco menos de 50% do tamanho standard de jornais clássicos.

um treinador. A impressão pública em volta do sucesso de uma temporada, ou em um campeonato, passa pelo resultado nos confrontos entre as duas equipes. O Grenal 417, disputado no dia 09/09/2018, exemplifica o peso do confronto nas impressões midiáticas em relação às equipes. A vitória do Internacional por 1x0 em sua casa, Estádio Beira-Rio, repercutiu no Caderno de Esportes da Edição do dia 10/09/2018 do Jornal Zero Hora, como um possível propulsor dos vitoriosos do Grenal na busca pela conquista do Campeonato Brasileiro de 2018. Além do fato do Inter ter, com a vitória no clássico, reassumido a liderança da competição, suas chances de título aumentaram graças a confiança recebida pela vitória na maior rivalidade do Brasil. Momentos como esse marcam a história dos dois clubes e reforçam o papel de uma equipe na história da outra, em um processo em que a disputa entre eles funciona como um impulso para o sucesso.

A rivalidade é um conceito fundamental para o crescimento, tanto midiático quanto financeiro do futebol no século XX. Os principais clubes brasileiros criaram suas imagens a partir da oposição com um rival que sempre está presente como uma forte e constante oposição. Mais do que um oposto, o rival torna-se uma motivação extra para acompanhar o futebol no estádio, pela TV ou para ler o jornal, já que a derrota dele é parte da alegria do torcedor. Em Damo (2008), o conceito de “clubismo” é usado para definir e basear essa relação que o torcedor assume por seu clube e contra o rival. Nesse sentido, ambos crescem em “valor” na identificação dos torcedores e dos grupos de pessoas e de influência que fazem parte do futebol e do clube.

Herdar a pertença significa habituar-se aos altos e baixos do desempenho dos times – à alegria pela vitória no jogo do domingo segue a tristeza pela derrota do time na quarta-feira, ano após ano, indefinidamente. O que chama a atenção no clubismo é que, tal qual no totemismo, as identidades são diacríticas e os sentimentos antitéticos. A desolação dos torcedores de um clube é o combustível para a euforia da torcida adversária. Aprender a amar o Inter, o Corinthians e o Cruzeiro, por exemplo, é tão importante quanto detestar, respectivamente, o Grêmio, o Palmeiras e o Atlético. (DAMO, 2008, p.144)

A rivalidade entre Inter e Grêmio é o combustível para o dia a dia e o interesse público com o futebol e a cobertura que o segue, da mesma forma que a busca por uma “distinção gaúcha” impulsiona o surgimento de um estilo gaúcho de jogar futebol. Nesse sentido, entender o estilo gaúcho é entender como uma noção de “homem” e a representação de uma masculinidade, ou de várias formas de virilidade são exaltadas – ou atreladas – ao “ser gaúcho” Em Damo (1999)

coberturas midiáticas apresentam como o estilo gaúcho de futebol depende, desde seu surgimento, de uma questão de identidade. Ao pensar-se que “a derrota parcial²⁸ do Inter não se justificava por falhas táticas ou técnicas. Tratava-se de um problema de identidade,” (DAMO, 1999, p.94) a partir da cobertura midiática gaúcha, surge a questão de definir quais marcas históricas apresentam-se nessa identidade. Além disso, faz-se presente a questão que envolve a persistência ou a mudança que essa identidade sofreu dos anos 1990 para os dias atuais.

1.7 Considerações

Percebeu-se neste capítulo que o papel do jogador do futebol brasileiro apresentou, durante o século XXI, importantes mudanças nas expectativas em relação a sua atuação dentro e fora de campo. O atleta sempre precisou fazer um tipo de *performance corporal*: no começo do século XX essa performance era ligada ao desejo de jogar futebol com classe e regras, como *gentlemen*, enquanto na segunda metade do século ela passa a estar ligada a competitividade como um fator determinante. A força dentro de campo passa a ser um importante ponto de análise das coberturas midiáticas em torno do futebol no País.

A entrada de grandes fortunas reforçou esse processo, e ainda fez com que clubes e imprensa esportiva cobrassem ainda mais do jogador de futebol, como parte de um produto a ser vendido para torcedores e outros clubes.

O Brasil, entretanto, ficou conhecido como o País do futebol pelo estilo habilidoso e brilhante do brasileiro jogar futebol. Este estilo esteve sempre atrelado a belos dribles, a lindas jogadas e resultados que foram conquistados na base do talento. O futebol no Rio Grande do sul, entretanto, sempre buscou uma forma diferente de praticar o jogo e buscar vitórias. A relação de fronteira com Argentina e Uruguai ajudou e reforçou essa posição e o futebol entrou no estado pelos vizinhos de fronteira, e não pelos “outros” brasileiros.

Essa diferenciação incentiva no futebol gaúcho um interesse por jogadas ríspidas e uma atuação mais firme, e até por vezes violenta. A raça gaúcha tornou-se um ponto de crítica por meios da imprensa em todo o Brasil ao mesmo tempo que recebeu tons de glória pela cobertura esportiva local.

²⁸ Em partida não citada, em que o autor apresenta trechos da narração pela Rádio Guaíba, de Porto Alegre.

2 O MASCULINO COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

2.1 Introdução

Neste capítulo, aprofundam-se questões envolvendo a masculinidade e seu processo de transformação como gênero. Inicialmente, é feita uma reflexão sobre como teorias feministas e a discussão de gênero avançaram durante a modernidade, abrindo portas para avanços políticos e culturais neste tópico.

Em seguida, o processo que define e solidifica o masculino como um gênero mutável e cultural é apresentado e refletido. Este movimento é fundamental para o entendimento de como papéis são atrelados a homens, no Brasil e no mundo inteiro, e o peso que essas relações têm com a masculinidade como um todo.

A masculinidade é explorada sob a ótica da virilidade, como um processo histórico e construído durante as sociedades antigas. Sua mutação constante, chegando até a modernidade, é fundamental para a compreensão de como esse conceito pode ser usado sociologicamente na atualidade. A relação que a virilidade tem com o esporte, em toda sua história, é traçada por sua importância fundamental nesta pesquisa.

Por fim, a identidade gaúcha é novamente abordada, desta vez em linhas mais gerais, colocando o homem do estado em voga. Seu processo de identificação histórica e a resignificação do gauchismo no século XX são explorados.

2.2 Aspectos das teorias feministas na sociologia

O desenvolvimento das teorias feministas tem estabelecido os modelos teóricos e os caminhos a serem seguidos, no âmbito das ciências sociais, para pesquisas sobre gênero e o debate sobre identidades culturais. Segundo Joas e Knobl (2016), essas teorias são originárias de uma política feminista, responsável por abrir espaços dentro da sociedade como um todo, e o resultado acadêmico desse movimento é, por natureza, multifacetado e amplo, de difícil definição unificada. O próprio espaço para a produção acadêmica é uma conquista política de movimentos sociais. Não existia no arcabouço teórico da sociologia uma verdadeira rota para estudos de identidades sexuais. A formação desse campo de estudos origina-se na

exploração da conceitualização clássica da sociologia, e teve o principal marco de sua evolução na década de 1960.

Como já foi sugerido por nós, as raízes das teorias sociais feministas se encontram no movimento de mulheres. Como um movimento organizado, hoje com mais de 200 anos, e dentro do contexto da luta das mulheres pela igualdade, conceitos teóricos evidentemente foram formulados de forma constante com a intenção de apoiar essa luta... É interessante notar, no entanto, que não foi a experiência em de frequentar a universidade, em si, o fator determinante para o rápido desenvolvimento de uma consciência feminista e da produção teórica resultante, mas da condução predominantemente masculina do movimento estudantil do final da década de 1960 (JOAS, KNOBL, 2011, p.465).

A entrada das mulheres na academia não mudou o fato das estruturas teóricas existentes, nos anos 1960, serem centradas e construídas sem aporte para a crítica e o estudo de questões sobre a sexualidade. Esse foi o primeiro grande esforço das teorias feministas e o que justifica a existência de diferentes linhas de abordagens teóricas e empíricas nesse campo. Entre os esforços das teorias feministas, a busca pela redefinição do conceito de “normal” dentro da sociologia e na sociedade, no que diz respeito à sexualidade, é um dos mais marcantes. A conceituação do que é e do que não é normal reflete sobre as amarras sociais que motivaram a origem política dos movimentos feministas, e serviu de base para o esforço acadêmico que o seguiu.

A reflexão sobre o que pode ser considerado como “normal” no ambiente social é uma das vertentes essenciais dentro das ciências humanas. Do mesmo modo, as relações no próprio convívio social são variadas. Isto faz com que sejam superadas algumas certezas racionais trazidas pelas correntes da modernidade. Na sociologia, Émile Durkheim foi o primeiro a propor a ideia de normalidade nos fatos sociais, logo na abertura da sociologia como ciência. O autor francês buscava encontrar um caminho para formular um método positivo para o estudo das sociedades, e a criação do conceito de fatos sociais permitiu o nascimento da sociologia como ciência. Para criar uma metodologia positiva, capaz de distanciar o sujeito do objeto e definir formas para chegar aos resultados, ele ainda postulou que o fato social poderia ser “patológico”, uma anomalia dentro da malha de acontecimentos sociais.

Durkheim não pretendia criar uma teoria regulatória do comportamento social ao definir a noção de “fato social patológico”, mas sim demonstrar como alguns

acontecimentos são capazes de causar distúrbio na ordem social e provocar crises no funcionamento solidário da sociedade. A normalidade, dessa forma, para ele é definida a partir da predominância de um fato social e a adequação com os padrões morais evolutivos entre o convívio dos indivíduos. Essa demarcação teórica define o normal pela maioria, ou o que acontece com mais frequência. Assim, a Sociologia passou a investigar a sociedade tendo o conceito de normalidade como plano de fundo de seus estudos e teorias. Daí o paradoxo da disciplina ter-se instituído como opção crítica às visões “naturalizantes,” que justificavam a ordem social priorizando uma concepção normativa da coletividade, ou seja, flertando com a ordem, “mesmo com seus olhos voltados para as margens do social” (MILKOSCI, 2009, p.172).

A crítica pós-moderna (e pós-estruturalista) ao estruturalismo, a partir da década de 1970, apresentou uma nova forma de ver o, até então, considerado normal em contraposição ao “anômico”. Os autores desse movimento marcaram suas teorias com um importante esforço de desarmar as certezas e as estruturas sociais, indo no coração daquilo que motivou a solidificação dessas “verdades” na sociedade. O normal, a partir da visão desses autores da segunda metade do século XX, passou a ser visto como uma definição arbitrária, incapaz de definir as formas de atuação dos indivíduos e a identidade deles no contexto social. A definição de como homens e mulheres devem agir, por exemplo, considerando a performance social, passa por critérios estabelecidos socialmente pela cultura em que os indivíduos estão inseridos.

Dessa forma, foi aberto o caminho para o surgimento da teoria queer e de uma série de estudos sobre as identidades dos indivíduos nas questões sexuais e classificatórias dentro da sociedade. Segundo Miskolci (2009), a teoria queer propõe-se quebrar as normatizações e as definições que geram efeitos de estabilidade e de certezas sólidas na vida das pessoas. A “normalidade”, dessa forma, é também uma abstração definida arbitrariamente, que não tem nenhuma fundação naturalística além daquilo que é socialmente definido e aceito como padrão.

Nas décadas de 1970 e 1980 autoras e ativistas como Shulamith Firestone (1970), Nancy Chodorow (1978) e Carol Gilligan (1982) trouxeram teorias que abordavam questões como a performividade masculina, a construção da identidade sexual na infância e o reforço de papéis sociais para a sociologia. Essas duas décadas serviram para pavimentar o caminho teórico a ser seguido no âmbito das

ciências sociais. Os objetivos dessas teorias quanto à descentralização identitária e à busca pelo novo entendimento sobre a formação da sexualidade e da identificação social atingiram seu ápice no final do século XX. Existe, porém, um importante marco com Judith Butler (2003), que em grande medida popularizou essas teorias feministas e as trouxe de volta para o político. Segundo Butler (2003), é fundamental a desconstrução da ideia clássica do que é ser mulher e do significado de gênero. O conceito de gênero é fundamental para autoras como Butler (2003), Chorodow (1978) e Gilligan (1982) que traçam, a partir de leituras da malha cultural, estudos sobre a sexualidade e o papel das construções sociais na vida dos indivíduos.

Nos últimos 30 anos, o estudo da sexualidade dentro da sociologia tem sido feito, em sua grande maioria, com a visão de gênero como uma construção social, resultante das relações sociais e do discurso cultural. A renovação da visão quanto a sexualidade como um todo e a nova proposição dos papéis de homens e mulheres, dentro e fora da família, passa pela demarcação do conceito de “gênero” como a definição social dos significados do agir masculino e do agir feminino.

A distinção, comum no mundo da língua inglesa, entre ‘sexo’ e ‘gênero’, tomou um lugar central aqui, por ‘sexo’ (diferenças anatômicas e fisiológicas entre homens e mulheres e as composições hormonais e genéticas contrastantes) referindo-se ao que é biologicamente determinado e determinante, e ‘gênero’ referindo-se a um status social e cultural adquirido. Feministas e acadêmicas estudiosas das mulheres deram atenção a essa distinção, em primeiro lugar, para contrapor a típica linha argumentativa masculina a respeito da “natureza” (inferior) das mulheres e para insistir que as distinções entre os sexos são resultado da repressão e da discriminação de raízes históricas profundas (JOAS, KNOBL, 2017, p. 475).

A distinção entre “gênero” e “sexo” é a base²⁹ das principais teorias feministas nas ciências sociais. Ela é usada para responder questionamentos sobre a sexualidade como construção social e como resultado de diferentes processos discursivos e interacionais. Essa diferenciação também é crucial para entender-se de forma clara a definição do conceito de “masculinidade” e das expectativas em torno da atuação de homens na sociedade.

2.3 A construção cultural do gênero

A conceituação de gênero como uma criação cultural, gerada pelos processos comunicacionais, tem sido desenvolvida nas últimas décadas nas ciências sociais e

²⁹ Essa distinção é importante na origem das teorias feministas. Atualmente, existem várias linhas diferentes de estudo.

tem uma larga aceitação acadêmica. Segundo Foucault (1979), a posição dada ao homem em relação à sexualidade é resultado do dispositivo definido para estruturar a definição de verdade sobre os gêneros. A definição de gênero como um determinante construído socialmente é fundamental para teorias feministas atuais. Segundo Louro (2003), é a partir do marcante ano de 1968 que a segunda onda do movimento realmente consegue entrar na academia, criando obras e pesquisas que foram fundamentais para a desconstrução da sexualidade no entendimento clássico. O conceito de “gênero” é, então, entendido de maneira que supera a definição biológica.

E através das feministas anglo-saxãs que *gender* passa a ser usado como distinto de *sex*. Visando ‘rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual’, elas desejam acentuar, através da linguagem, o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. O conceito serve, assim, como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política (Louro, 2003, p.21).

A noção sociológica de gênero nega o determinismo que separa as pessoas apenas a partir de características biológicas. É importante, na sociedade, considerar outras formas de viver e reproduzir a sexualidade, e na base dessa compreensão está o gênero. O distanciamento entre gênero e sexualidade serve para trazer o debate sobre o papel de homens e mulheres para o campo das construções e das estruturas sociais, colocando em questão as regras sociais que determinam jogos de poder. O sexo é a forma biológica que homens e mulheres têm, enquanto o gênero é entendido como uma construção social imposta por meio de vestimentas, rituais e modelos de socialização.

O entendimento de que o gênero é resultado das experiências de vida é a grande desconstrução das teorias feministas, e levou naturalmente a uma expansão dos estudos sobre o gênero. Homens também são sujeitos dessas construções e a homossexualidade passou a ser vista como uma identidade natural das vivências sexuais, ou pelo menos deixa de ser entendida como “patológica”.

A diferença entre “sexo” e “gênero” conceitualmente tem sido fundamental para o entendimento das relações entre homens e mulheres. Diferenciar esses conceitos permite uma separação entre características inegáveis e biológicas dos seres humanos e construções sociais que delimitam formas de “agir” dos indivíduos.

No seu uso mais recente, o ‘gênero’ parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente

social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como 'sexo' ou 'diferença sexual'. O gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades. As que estavam mais preocupadas com o fato de que a produção dos estudos femininos centrava-se sobre as mulheres de forma muito estreita e isolada, utilizaram o termo 'gênero' para introduzir uma noção relacional no nosso vocabulário analítico. Segundo esta opinião, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de qualquer um poderia existir através de estudo inteiramente separado (Scott, 1995, p.72).

Na base para o desenvolvimento de estudos sobre o papel do gênero na sociedade, surge um confronto direto às ideias fechadas daquilo o "patriarcado" representa, sobre o papel esperado de homens e de mulheres, tanto dentro do casal como no trabalho e na cultura. Segundo Scott (1995), a mais importante ruptura dessa revolução cultural na sociedade, e acadêmica nas ciências sociais, acontece entre o que era concebido como o "papel" nas bases da sociedade moderna. Essa ruptura tem influência na performance masculina e torna a definição puramente biológica de gênero rasa demais para comportar as novas dimensões que o conceito, e homens e mulheres, tomam dentro da sociedade.

A modificação na compreensão de gênero provocou nas ciências sociais um processo de desenvolvimento de novas teorias preocupadas com a identidade masculina. Segundo Miskolci (2009), o surgimento das teorias queer foi um processo natural após o questionamento das estruturas que têm definido arbitrariamente o agir e o papel dos homens, e a forma como a "masculinidade" relaciona-se com elementos culturais em diferentes setores da sociedade.

Os estudos culturais na Inglaterra e nos Estados Unidos trouxeram a tona uma série de vozes escondidas dentro da sociologia e outras áreas das ciências sociais, ampliando o espectro de pesquisas sobre a cultura e os processos de evolução do conhecimento. Segundo Mattelart (2004), o contexto de implementação e evolução dos estudos culturais, como uma forma de romper com as estruturas sociais, tem sido o de fuga das amarras definidas pelos antigos jogos de poder.

O estudo dos conteúdos ideológicos de uma cultura pode ser visto como a percepção, em um contexto dado, de quais sistemas de valores estimulam processos de resistência ou de aceitação do status quo. Os discursos e os símbolos dão aos grupos populares uma consciência de sua identidade e sua força, ou participam do registro "alienante da aquiescência às ideias dominantes" (Mattelart, 2004, p.73).

A resistência quanto ao plano dominante da cultura foi um importante processo de abertura de costumes e performances sociais que tem ocorrido na pós-modernidade. O entendimento da arbitrariedade das estruturas e das regulamentações de atuação da sociedade, fundamental para os pós-estruturalistas, é responsável pelo novo significado social do gênero. As relações sociais envolvendo a sexualidade e as relações entre diferentes perspectivas sobre o tema também passaram a ser estudadas sob novos conceitos dentro da academia. A cultura se torna, portanto, o espaço para novas vozes e novas perspectivas no convívio social.

Segundo Foucault (1996), os padrões culturais podem ser entendidos como a busca por verdades absolutas que definem, de forma arbitrária, o agir correto no convívio social. A sexualidade é, portanto, vista como um componente cultural das determinações naturalizadas em verdade. O papel dos homens-humanos é definido a partir dessas arbitrariedades sociais, que surgem da cultura como um todo.

A identidade cultural no século XXI é altamente ligada a processos midiáticos, portanto o entendimento do papel do homem – e mulheres - passa pelos discursos, e em grande parte, pelo papel da imprensa na reprodução de identidades. Segundo Stuart Hall (2006), a descentralização da identidade do sujeito passa pela compreensão do papel que a espetacularização do agir individual tem na definição do que demarca os limites do sujeito.

O debate sobre a sexualidade é, cada vez mais, ligado aos processos culturais da comunicação. O sujeito reflete, na identificação de gênero, um contexto social que passa pelas construções discursivas que acontecem nos meios de comunicação e na cultura como um todo. A globalização tem um papel importante neste processo, trazendo maior espaço para a mídia dentro do convívio. Com isso em mente, o estudo da identidade masculina, nesta pesquisa, será pautado pelo entendimento da masculinidade como criação social, gerada discursivamente, que define a noção de virilidade como componente intrínseco e necessário para o sucesso masculino.

Levando em consideração aspectos da tradição das teorias feministas e o caminho traçado pela noção de gênero, o estudo da imprensa esportiva como um definidor e um valorizador de marcas da masculinidade faz sentido no debate teórico sobre a identidade masculina no século XXI.

2.4 Masculinidade construída na cultura

Para entender a forma como a masculinidade é produzida, e reproduzida, culturalmente, é necessário partir do pressuposto que “masculinidade”, como um gênero, é delimitada socialmente. Essa delimitação pode acontecer no convívio diário, nas expectativas em relação a papéis e, naquilo que interessa para esta pesquisa, por meio da mídia e de narrativas criadas pelos meios. É possível, a partir disso, buscar as formas como a identidade do homem moderno e ocidental é produzida midiaticamente em diferentes meios culturais. A imprensa, como produtora de sentido em massa, reflete expectativas sociais e as vende, como parte do produto discursivo, para seu público.

Segundo Kimmel (1998), a identidade masculina é resultado de diversas produções culturais que estabelecem expectativas e formas de atuação ligadas a um agir viril. A produção midiática reflete nas relações masculinas, tanto com mulheres como com outros homens, definindo regras de atuação, mesmo que indiretamente.

Entendo que as masculinidades são construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade, etc.). Assim, dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia (KIMMEL, 1998, p. 106).

Kimmel (1998) defende que a identidade masculina se forma em duplo processo relacional e de poder, em que a imagem do homem superior é confirmada. Essa confirmação passa pela negação daquilo que não quer se representar como masculino. Um homem não tem as “fragilidades” de uma mulher, não sofre emocionalmente como uma mulher e não se permite certas “fraquezas” que, dentro desse jogo de poderes, estão reservadas para a identidade “feminina” definida socialmente. A ligação desses conceitos a mulheres, mesmo que incorreta e generalizante, é parte do processo de construção da identidade masculina, e os discursos midiáticos podem contribuir para o crescimento ou a superação da conexão de mulher com “fragilidade”. Também da mesma forma, a identidade do homem hétero nega a homossexualidade, que se caracteriza exatamente por essas permissões, ou a vontade de trazê-las naturalmente ao convívio social e à identificação da pessoa como homem.

Essa perspectiva sobre a construção da identidade masculina vai ao encontro do que foi falado anteriormente, e a base das teorias feministas modernas. A identidade masculina forma-se pela exclusão do que é considerado errado ou parte de um desvio dos limites da atuação de um homem. A atuação em questão não é apenas sexual, ou dentro da família. O homem atua em todos os setores de sua vida em que existam relações de poder ou econômicas.

A definição do que é ser homem e dessa masculinidade não é um processo que acontece de maneira rápida, nem que pode ser comparada em todas as sociedades modernas. Existem elementos culturais que diferenciam um homem dos Estados Unidos e um homem brasileiro, mesmo que as particularidades com relação à sexualidade sejam, em grande medida, inalteradas. As alterações na identidade masculina têm relação com o que é construído e valorizado socialmente dentro do universo simbólico em que o homem está inserido. O futebol é um exemplo dessa relação, já que nas narrativas que giram em torno de uma partida existem papéis e funções que são esperadas e consideradas fundamentais para o resultado.

Segundo Kimmel (1998), o processo de formação do homem moderno é resultado dos processos econômicos e de racionalização da atividade profissional humana. Os homens dos Estados Unidos, por exemplo, são definidos e socializados em uma ideia de masculinidade muito ligada à posse de bens materiais e a posição dentro da escalada no mercado de trabalho. É como se a posição ocupada dentro de uma empresa, ou um ramo, definisse em uma correlação direta o valor do homem, não apenas no emprego, mas em sua própria visão de masculinidade.

Esta era uma masculinidade cada vez mais ansiosa, pois requeria demonstração e prova constantes, sendo a aquisição palpável de bens como uma evidência de seu sucesso. Essa ansiedade foi incitada ainda mais pela ideologia de mobilidade ascendente – se na América, alguém podia subir tão alto quanto as suas próprias habilidades, motivações e desejos o levassem, então se podia também cair, sem qualquer rede de segurança e sem ter a quem culpar pelas suas falhas senão a si mesmo. Tal definição de masculinidade era inerentemente instável, exigindo comprovação constante, incluía sempre o risco de falhar. A masculinidade deve ser provada, e assim que ela é provada, ela é novamente questionada e deve ser provada ainda mais uma vez; a busca por uma prova constante, durável, inatingível, torna-se em última instância uma busca tão sem sentido, que ela assume as características, como disse Weber, de um esporte (KIMMEL, 1998, p.111).

O entendimento da masculinidade por esse viés torna possível que se trace outras relações com atitudes que são realizadas e colocadas explicitamente como

uma forma de defesa contra a instabilidade dessa identidade. Existem mecanismos sociais que confirmam e ambientes que funcionam exatamente como formas de manutenção e preservação dessa definição de homem e do masculino.

A representação feita do homem brasileiro em nossa cultura é resultado de uma série de pressupostos históricos e culturais que moram na tradição nacional. No caso do Brasil, o passado colonizado e a relação que o País tem com a religião católica, e com outras entidades, são alguns dos elementos que traçam características masculinizadas.

Algumas pesquisas no Brasil já refletem sobre a condição da identidade masculina. Segundo Brilhante, Nations e Catrib (2008), o papel que letras de forró têm na reafirmação de noções que induzem a normalização da violência no estado do Ceará pode ser verificável. Entre as ideias reforçadas pela letra das músicas, a visão de que o abuso a uma mulher bêbada é natural tem lugar de destaque. A leitura que os jovens pesquisados neste contexto têm de sua imagem como homem depende em grande medida pelo seu sucesso sexual. Mais do que isso, transar a qualquer custo faz parte das obrigações ligadas à identidade que é esperada de homens em tal situação. Além de não enxergarem a violência sexual na relação, há uma incapacidade e negação de colocar-se no mesmo ponto de vista da mulher, inclusive dizendo que, fosse o contrário — ele bêbado transando com uma mulher sóbria — não seria abuso. Mais do que isso, é fundamental para esses homens reforçar a impressão de que seria algo prazeroso, mesmo sem a ciência dele durante o ato.

O artifício da moralidade na desqualificação da vítima é uma prática histórica e persistente inclusive no âmbito jurídico. Para além do dito, contudo, é crucial a análise do não-dito, mas implícito na persistência secular dessa estrutura ideológica. As conquistas feministas das últimas décadas modificaram a balança da economia familiar, alterando relações intrafamiliares e sociais. A toda reação à norma hegemônica, contudo, emerge uma contrarreação, culminando na persistência de antigos discursos assujeitadores, repaginados pela cosmiatria da pós-modernidade (BRILHANTE; NATIONS; CATRIB, 2008, p.7).

O estudo da masculinidade a partir da cultura traz traços importantes de como a virilidade é entendida socialmente. Segundo Mizrahi (2018), o funk carioca relaciona a identidade dos homens de algumas comunidades do Rio de Janeiro com bens materiais e valores ligados à posse. A forma como a identidade masculina está

conectada, neste caso, a valores de ostentação e reafirmação do que é positivo nas relações culturais do ambiente, aponta para entendimentos sobre a virilidade.

Segundo Saldanha (2018), a virilidade também está associada, no Brasil, com a negação de fragilidades. Os metalúrgicos pesquisados por Saldanha (2018) demoram mais que mulheres para ir ao médico por pequenas doenças e lesões. São homens que têm uma profissão de alto risco, e ainda assim tendem a evitar a procura por ajuda médica para reforçar a imagem viril.

A formação da identidade masculina é um processo que é, ao mesmo tempo, pessoal e coletivo. O jovem é considerado homem apenas quando consegue alcançar um nível de evolução biológica e social que fazem dele comprovadamente masculino dentro do contexto social em que ele está inserido.

Definitivamente, se o menino se torna homem, é porque, à medida que se realiza o lento trabalho de maturação biológica, as instituições que participam de sua socialização encarregam-se de transmitir-lhe o hábito viril, isto é, o conjunto de disposições físicas e psíquicas que lhe permitirão desempenhar seu papel de homem uma vez chegada a maturidade. (Baubérot, 2013, p.191)

O “hábito viril” é também parte das expectativas em torno do homem e de sua atuação dentro do social. A virilidade pode ser apresentada na família, no trabalho, no meio social ou, o que mais interessa para esta pesquisa, no esporte. Em Baubérot (2013) a formação da masculinidade é um processo de constante tratamento diferenciado do jovem do sexo masculino, desde seus pais até as escolas. Em nosso País, a atividade esportiva é uma parte fundamental da socialização e da calcificação dos jovens como homens, já que as competições esportivas são parte natural do dia a dia das escolas e uma etapa importante da relação de pais e filhos.

A virilidade acaba fazendo parte dos discursos que definem e demarcam o que significa ser homem. Mais do que isso, o viril pode ser qualificado, e vendido midiaticamente, como componente que divide vencedores de perdedores. O esporte, principalmente o futebol no caso do Brasil e do Rio Grande do Sul, coloca a força física e a capacidade corporal como fatores decisivos do que separa os vencedores dos derrotados. Dessa forma, são reforçadas características de uma masculinidade que serve para reforçar desejos incorporados socialmente pelo público, e reforçados pelo conteúdo produzido.

A identidade masculina, formada socialmente, é representada de diversas formas dentro da cultura nacional e o futebol, sem dúvidas, é uma das mais importantes marcas da identidade brasileira e gaúcha. Os atletas representam pulsões sociais que tomam conta da sociedade e a imagem projetada dentro de campo faz parte do imaginário nacional. Além disso, o futebol é um dos principais eventos midiáticos da cultura local, com partidas tomando conta de diversos meios de comunicação.

2.5 Virilidade como conceito cultural

O estudo da masculinidade pode ser concentrado no conceito de virilidade, como um marcador do significado de masculinidade dentro das sociedades. A virilidade tem sua tradição histórica ligada a noção de virtude e de cumprimento. A base para a qualificação da masculinidade é a partir do termo *vir* em latim e sua tradução para todas as culturas ocidentais seguem a lógica traçadas na *andréia* Grega. Em Vigarello (2013a), a virilidade é definida como um modelo, uma matriz para o comportamento masculino, e funciona como um ponto de partida para o entendimento e a reprodução desse mesmo modelo em outros momentos da história. Se na Antiguidade a virilidade estava ligada a um comportamento bruto, agressivo, em outros momentos ela representava outras formas que demarcavam a dominação masculina sobre outros homens e mulheres. Essa capacidade de evolução e acomodação do conceito que interessa muito para a conceitualização de masculinidade feita aqui.

A busca por uma definição do significado de “ser homem” tem origem registrada na Grécia da Antiguidade, com o objetivo principal de definir o que demarca, mas também o que se espera de um membro da sociedade grega do sexo masculino. Em Sartre (2013), o termo *andréia* aparece pela primeira vez na literatura desse período no ano de 467, com Ésquilo, e exercia exatamente a função de “conter” a definição mais sumária de “ser um homem sendo um homem,” a forma como Homero definiu o homem grego.

...no coração da noção encontra-se a coragem física, primeiramente aquela demonstrada em campo de batalha, mas que não é mais exatamente a demonstração da bravura e da força bruta do herói homérico, já que o combate hoplita impõe ordem e disciplina. Entretanto, a força muscular

continua presente, e não por é por acaso que Aristófanes fez de Heráclito o próprio emblema da andréia..., mas essa andréia também se fez acompanhar de audácia na adversidade, de obstinação no infortúnio. Não é sem razão, portanto, que as mulheres também possam manifestar sua andréia... o gênero não é mais questão de sexo, mas de comportamento e virtudes, no topo das quais figura a coragem. (SARTRE, 2013, p.20-21)

Mais do que qualquer coisa, essa definição do masculino grega é uma representação de uma série de virtudes, ligadas a comportamentos esperados de membros da sociedade colocados em posição de comando, liderança e combate. Mesmo que mulheres também tivessem sua própria andréia, o conceito era a representação de uma virtude puramente masculina ou, mais diretamente, o próprio agir masculino.

A sexualidade do homem grego na antiguidade é tema de muitos equívocos ou interpretações que, de fato, não refletem a forma como, principalmente, homens se relacionavam sexualmente. O sexo entre homens nessa sociedade era parte do processo de criação e reafirmação da virilidade e do processo de solidificação da noção de *domínio* ligada ao sexo masculino. Jovens gregos eram dominados por homens mais velhos nessa sociedade, e eles cresciam e desenvolviam sua própria virilidade por meio dessas relações. Nessa Grécia, “o garoto se comporta ao inverso daquilo que se espera dele como cidadão” (SARTRE, 2013, p.39), como se a dominação sofrida em relação a homens mais velhos fosse parte de uma viagem ao universo feminino, necessária para a definição de um ser como homem.

O entendimento desse tipo de relação sexual entre homens é importante para compreender o processo de formação da ideia de virilidade. Também ajuda a entender como esse conceito nasce já sendo uma contraposição ao feminino e como, principalmente, um reforço da dominação masculina sobre mulheres, homens, enfim, sobre a sociedade como um todo. A força masculina, a andréia, ou a virilidade, são, em suma, a representação das expectativas da performance do homem em sociedade.

A competição esportiva aparece já na Grécia como uma forma de representar e atuar essa virilidade entre homens. Os jogos eram uma maneira de demonstrar a força desses homens, sua beleza – a beleza masculina sendo parte do espetáculo da cultura da Grécia antiga – e enfim, sua coragem fora do campo de batalha. Em Sartre (2013), o sucesso no esporte é uma faceta fundamental da hierarquia da sociedade grega. Os homens que ganhavam louros esportivos subiam nos escalões

sociais gregos e eram considerados mais homens, mais honrados, mais capazes de comandar e de lutar pela Grécia.

As noções fundamentais para a significação da virilidade da Antiguidade Grega seguiram para o grande Império Romano que o seguiu e o espelhou. Entretanto, a definição também mudou e se adequou a uma nova composição social, representando muito como esse processo é amplo e como a própria palavra *virilidade* carrega um grande valor social e passa, como um todo, por um constante processo de reinterpretação.

O que se manteve? O termo *vir*, do latim, reforçou ideias anteriores do andréia e servia para definir “homem” em todos os seus sentidos, desde o corpo masculino, passando pelos membros até a própria atuação corporal dentro da sociedade romana.

O homem romano também tinha no esporte um espaço para a manifestação corporal e de iniciação masculina, além de um ambiente para a reprodução de hierarquias sociais. Em Thuillier (2013), a diferença entre a abordagem grega e a romana ao esporte dá-se principalmente pela forma como os romanos encaravam essas atividades como uma forma de repouso e contemplação da atividade máscula. Esse tipo de atividade era resultado de uma contemplação e adoração da atividade guerreira. Os esportes eram, acima de tudo, uma reprodução do corpo masculino em combate.

De fato, o Campo de Marte, Campus Martis, um quadro bastante adaptado à prática esportiva, hípica e atlética... vai tornar-se local de encontros equestres à bola, à luta e mesmo ao arco (trochus): por mais impressionante que nos possa parecer,, a prática do arco era então uma atividade virial, e sobre os mosaicos das salas termas este instrumento figura sem nenhuma inconveniência ao lado de objetos abertamente atléticos. Enfim, os objetos igualmente têm uma história e sua maior ou menor virilidade evolui com as sociedades: na história das astes comensais, o garfo não era utilizado pelos homens europeus até o século XIII, justamente por representar falta de virilidade. (Thuillier, 2013, p.99)

A virilidade segue tendo a dominação masculina como ponto principal de sua definição durante a Idade Média, mesmo que a manifestação dessa força acontecesse de formas diferentes. A importância da antiguidade clássica para essa pesquisa é de servir de base para o processo de desenvolvimento e mutação do conceito de viril, como matéria prima da masculinidade.

A modernidade causou a grande mudança no significado da virilidade e das expectativas quanto a performance masculina. Pela primeira vez na história a sabedoria torna-se uma virtude do homem, superando inclusive a força bruta e a coragem. Em Vigarello (2013b), a França do século XVII marca um ponto em que a capacidade do homem de racionalizar soluções supera o simples potencial de ganhar na base da força. A violência não pode mais ser tomada como solução para os problemas e a vingança por honra não tem mais lugar nesse convívio social.

Por trás dessa mudança mantém-se, entretanto, o papel da dominação masculina nas virtudes do homem. Racionalizar os atos de violência como um crime é parte de um novo sistema de controle social. Essa era uma forma importante de legitimar o poder das autoridades que perdiam durante esse período sua forma como “representantes escolhidos por Deus”.

Nesse mesmo período, existe uma crítica em torno da noção de que essa mesma racionalização provocaria uma perda generalizada da virilidade como esse ponto centralizador do agir masculino. A delicadeza do homem, o processo de dominação por meio da regra e as próprias vestes que surgem nesse período são usados como caminho para questionar a virilidade moderna e clamar pelos velhos marcadores da virilidade como a forma e a imposição física pura e incontestável.

A dominação foi, em suma, o que mudou de forma mais integral, apesar de ter se mantido presente no contexto que define a atuação do homem diante da sociedade. Essa dominação tem mais a ver com poder hierárquico imposto pelas sociedades modernas, sobre indivíduos obedientes. A ‘timidez’ e a ‘hesitação’ são questionadas como se fossem defeitos: o ‘domínio sobre os outros’, o ‘espírito dominador’, exaltados como valores. O que instala pela primeira vez uma busca da autoridade exercida por ela mesma: um poder tirando dele mesmo, e somente dele, sua própria legitimidade. Não mais algum princípio superior, ou qualquer valor desviado, mas o princípio da excelência de si mesmo, perfeição tanto mais impressionante quanto que ela sabe mesclar domínio e moderação. (Vigarello, 2013b, p.215)

A dominação racional é fundamental para a modernidade. O exercício de domínio social em si mesmo, como forma de reforçar os papéis só é possível graças a uma virilidade – virtudes do homem – que incentive o domínio. Aliás, a imposição racional é fundamental para os avanços industriais e econômicos.

2.5.1 A Virilidade na modernidade

A modernidade provocou mudanças estruturais no significado da virilidade como uma “medida” de masculinidade. Primeiramente, o distanciamento da violência excessiva é uma característica importante de uma realidade social que buscava a obediência e a dominação por meio da lógica racional, com hierarquias impostas durante o começo da modernidade a partir da racionalização da sociedade.

A virilidade dentro de alguns países na Europa e nos Estados Unidos nos séculos XVIII e XIX passou a ser exercida por meio da honra coletiva e “patriótica,” que esperava dos homens o sacrifício em nome do coletivo. O risco torna-se parte da masculinidade como uma forma de expressar a virilidade reconhecida por todos em uma sociedade que começa a exaltar virtudes de unidade social. A obediência às regras é o que faz o homem de bem, e a coragem, a busca pelo desafio, tanto pela honra como pela pátria, é o traço essencial da virilidade durante esse período.

A virilidade era, portanto, refletida primordialmente por meio de duelos entre homens que buscavam o domínio físico e a defesa de suas honras por meio de desafios e provas que partiam do pressuposto de colocar a vida dos participantes em risco. Em Rauch (2013), os duelos são entendidos como uma forma do homem moderno exercer a liberdade sobre o próprio corpo e destino em uma sociedade que começa a valorizar a obediência e o sacrifício em prol do coletivo.

Na lógica moderna, os confrontos que causavam lesões graves e podiam ser letais não pareciam uma forma racional de exercer a virilidade. Membros importantes das sociedades europeias colocavam seus corpos em risco em atividades que não traziam benefício algum ao coletivo. Nesse sentido, a institucionalização do esporte toma conta e modifica completamente essa demonstração de virilidade, regulando e dando ordem à atividade: assim nasce a esgrima como um esporte.

Uma nova ordem se impôs na troca de golpes, que afasta da parada a morte ou o ferimento grave e arbitra a dominação que simboliza o impacto dos golpes assestados. Não matar ou assassinar, mas tocar o adversário e marcar o ponto. Quando ocorre a morte, ou a gravidade de um ferimento, preferia-se o brilho do triunfo e a humilhação do vencido (Rauch, 2013, p.326)

Na origem da modernidade, o esporte e a virilidade caminham lado a lado, organizando-se de maneira que torne aceitável formas de violência, ou competitividade, ligadas a virilidades e a demonstrações de desempenho masculino.

O desempenho, dessa forma, torna-se o mais importante para definir a virilidade. A capacidade de derrotar um adversário é igualmente importante como a morte era nos duelos antigos, em que homens exerciam seu domínio sobre rivais e membros de grupos adversários.

A glória esportiva começa a ganhar tom de narrativas heroicas por meio da imprensa. Por outro lado, o fracasso esportivo realmente substitui uma morte simbólica da virilidade. O homem derrotado tem seu nome esquecido e sua capacidade de imposição dentro do seu espaço reduzida. Em Rauch (2013), é apresentada a forma como a derrota equivale a uma perda de valor cultural, valor esse que é reforçado – ao vencedor – por jornalistas, do final do século XIX e durante todo o século XX. Os contadores da história das primeiras competições esportivas são os responsáveis por criar a narrativa heroica em torno dos vencedores, vinculando o sucesso no esporte com a imposição física e viril. O homem que vence em combates esportivos equivale aos mitos gregos e aos grandes heróis de guerra, tendo seus feitos comparados com batalhas épicas.

A história dos desportos e da virilidade na modernidade caminham lado a lado. Os definidores do conceito de “ser homem” foram reorganizados na lógica da competição e da institucionalização de atividades consideradas violentas e recreações que oferecem espaço para a liberdade de homens em um mundo urbano e organizado. Essa lógica reforçou aquilo que a sociologia do desporto define como a institucionalização esportiva, e competições começaram a surgir em toda Europa, e em seguida chegam às colônias por meio dos homens que são mandados para trabalhar na crescente indústria global. A chegada de esportes como o futebol para as colônias nas Américas foi responsável pela globalização desse conceito de virilidade atrelado à competição.

A transformação da agressão e da disposição física de atividades como os duelos para esportes organizados é parte do processo cultural que viu a figura masculina mudar o seu papel. A modernidade como um todo quis um homem mais obediente, porém ainda dono de seu destino e dominador, seja esse domínio sobre outros homens ou sobre mulheres. A confirmação dessa imagem passou pela criação de narrativas de virilidade que foram responsáveis por reforçar imagens do masculino por meio do esporte, principalmente no começo do século XX.

O século XX marca o que pode ser chamado de “crise da virilidade”, que considera a mudança que a forma de definir o masculino sofreu nesse período.

Novas formas de entender e significar do viril entram em voga. Nesse sentido, a cultura ganha um papel fundamental na criação de representações quanto a masculinidade e o lugar do homem dentro do social.

O cinema é um ótimo exemplo, já que sua trajetória no século passado reflete em grande medida as interpretações sociais quanto à virilidade. Em Baecque (2013), a tela é apresentada como um definidor social da imagem masculina para uma sociedade cada vez mais unificada nessas expectativas em torno das vozes culturais.

Cessemos, entretanto, de citar esses jogos autônomos e autárquicos do desejo: o que impõe a virilidade e a faz abandonar as margens fetichistas dos fragmentos erotizados da cinéfila é a sua representação historicizada. Quando um corpo se transforma em fato social graças ao cinema, ele se torna experiência de todos e de cada um, intensificando sua percepção, e adquire a potência de cristalizar as expectativas, os medos ou os valores de uma sociedade. Um corpo se faz *punctum* de um tempo histórico e de um espaço social trazer em sua (força) ou em sua fraqueza (a “desvirilização”) o poder de engendrar uma representação de si coletiva (Baecque, 2013, p.520).

O cinema foi responsável por espalhar e contar histórias de novas virilidades e trazer noções antigas, como a afirmação em meio do combate, para públicos modernos. Os *westerns*³⁰ americanos fizeram parte dessa lógica. O duelo é o ponto de partida para a expressão de virilidade e para a própria criação dos heróis americanos nas telas. Era por meio dessa ação naturalmente viril que os membros daquele universo masculino conseguiam se impor como homens. Em Baecque (2013) os *westerns* são divididos em duas correntes históricas: os primeiros filmes dos heróis clássicos americanos do cinema de faroeste e um segundo período em que a virilidade desses indivíduos já é colocada a prova. O autor demonstra isso definindo que o

herói do western possui uma virilidade imponente e séria, robusta e dominada, suscetível de se estender a todo o espaço do ar livre e de morrer se preciso for. Ele tem as prerrogativas corporais de um semideus sem deixar de encarnar os valores pudicos e a crença na ação próprias à filosofia do homem comum americano. Esse tipo tão particular de virilidade em sua versão clássica – que vai de suas origens do gênero, com Tom Mix, William S. Hart, Tex Ritter, Joe Hamman, até o seu auge ao longo dos anos 1950 – corresponde exatamente ao que Anthony Mann, que levou o Western ao seu apogeu, moneia de a ‘idade dos homens de olhos claros.’... a contribuição mais importante ao western moderno, que perturba a natureza e a história da virilidade, que impõe uma visão completamente renovada, é a criação de heróis vulneráveis, enfraquecidos, impedidos,

³⁰ Filmes de faroeste americano, chamados no Brasil também de filmes de caubóis.

inquietos, aos antípodas do puro e duro westerner clássico (Baecque, 2013, p. 534 e 535)

O fato de até os filmes que se tornaram pontos de partida para noções de representação da virilidade no século XX mudarem na segunda parte deste período diz muito sobre a progressão da virilidade e do papel dos homens. A segunda metade do século XX é marcada por revoluções sexuais, por conquistas das mulheres e por uma série de outros momentos marcantes que criaram novos caminhos para a virilidade ser registrada culturalmente.

A “crise da virilidade” é marcada diretamente pelas lutas feministas que fizeram parte da história do século XX. Mas qual o significado dessa crise? Em Courtine (2013), essa crise é um constante processo de substituições de conceitos de virilidade e de entendimentos sobre o masculino. A virilidade violenta e baseada na guerra da antiguidade grega não é diferente, por suas relações contextuais, com a virilidade do século XX, que pede dos homens uma obediência profissional e financeira. O século XX deu autonomia para o conceito de masculinidade existir além da virilidade, tanto porque começa a aceitar-se formas “não-viris” de masculinidade, quanto pelo valor diminuto da virilidade na definição de homens.

Mas a história da virilidade não se confunde, no entanto, com a história da masculinidade: ‘masculino’ durante muito tempo foi somente um termo gramatical... que o ‘masculino’ tenha vindo a suplantando o ‘viril’ é bem sinal de que, decididamente, há algo que mudou no império do macho. A virilidade está, por causa disso, em crise? O século que acaba de terminar e aquele que está começando parecem antes ser o teatro de uma crise endêmica, de recaídas tão frequentes, que ela acaba por ser ininterrupta, e penetrar o prado cercado da dominação masculina, ou seja, a guerra, a relação com o outro sexo, a potência sexual (Courtine, 2013, p.9)

Mais do que nunca, o esporte realiza, dentro do século XX, papel primordial de representação e salvaguarda da virilidade dentro do contexto social. Ele representa o papel de fuga masculina, principalmente na primeira metade do período. A primazia pelo desempenho no esporte e pela ode ao corpo masculino são resquícios que remetem às origens do conceito de virilidade que sobrevivem até hoje. Cabe ao jornalismo e aos meios de imprensa que cobrem o esporte dar o “valor viril” dos atletas e de suas ações. Em Vigarello (2013c), a relação do desempenho do corpo masculino dentro do esporte é contada pela mídia que cobre as competições perpassando o resultado pelos corpos, pela forma como eles são desenvolvidos dentro dos confrontos. Na cobertura esportiva, “as referências

cultivam a força repentina, ou seja, aquela que evoca algum ‘ataque instintivo e combativo’” (VIGARELLO, 2013c, p.274), reforçando a interpretação de que o esporte é a substituição, na sociedade moderna e organizada, dos combates físicos da guerra.

A narrativa do esporte realiza um processo muito similar ao do cinema, de reforçar construções sociais em torno da nova masculinidade e da potência viril dos membros dessa sociedade, que são obedientes e não entram em combate direto. A substituição narrativa do esporte pelo combate também se faz presente no valor dado ao nacionalismo e a proteção de honras locais dentro das equipes e seleções. O orgulho local de homens de um país ou de uma cidade são representados dentro da competição esportiva, o que reforça ainda mais o papel do atleta como o guerreiro do final do século XX e do começo do XXI.

2.6 A identidade masculina gaúcha e o Grenal

O homem no Rio Grande do Sul carrega uma história e uma tradição muito peculiar com relação ao resto do Brasil, tanto dentro do futebol como fora dele. A cultura do estado traz características de uma região de fronteira, construída em uma relação de confrontos constante com países da América Latina como a Argentina e Uruguai. Os séculos de combate e proximidade com esses povos emprestou muito culturalmente para o povo gaúcho e os traços dessa relação estão presentes na história dos homens do estado.

A identidade do gaúcho traz consigo muito das características marcantes de uma trajetória ligada a guerra por território. Os séculos XVII e XVIII marcaram uma longa sequência de confrontos entre brasileiros – primordialmente os gaúchos – e argentinos pelo território da Cisplatina, atualmente o Uruguai. Durante quase 200 anos, o homem do Rio Grande do Sul acostudou-se com a guerra como uma parte definidora da vida, um traço inescapável da vida mais ao sul do Brasil.

A carga desse período entrou na cultura gaúcha de diferentes formas. Para começar, o convívio direto com os argentinos e os povos cisplatinos trouxe muito da tradição desses países, deixando o gaúcho mais próximo, culturalmente, a estrangeiros do que brasileiros do centro-oeste e sudeste. A própria expressão *gaúcho* significa uma personalidade típica do Uruguai e da Argentina que foi adotada

pelo povo do Rio Grande do Sul como uma forma de demarcar o orgulho local e da trajetória do povo do estado.

A construção simbólica da figura do gaúcho espalha a adaptação do termo como um dos tipos humanos que habitava a região. Nesses espaços (re)configurados, o gaúcho é escolhido como herói fundador para simbolizar, como emblema, a ocupação do território e sua exploração econômica, através da exaltação da bravura de sua dupla atuação como homem do campo e guerreiro, como seu legado. Na Argentina e no Uruguai, o gaúcho passa a ser considerado símbolo nacional ao passo que no Rio Grande do Sul é erigido como emblema do regionalismo. (BRUM, 2013, p. 317)

Assim, a virilidade gaúcha é traçada por uma experiência de guerra e resistência ao resto do Brasil que demarca os homens locais como constantes heróis de batalha. A disputa física e por espaço adicionada de uma relação com o espaço de constante modificação provocou na cultura gaúcha uma lógica de virilidade que é muito específica do estado. Em Brum (2013) também é destacado o fato de o gauchismo ser uma identidade que depende muito de um processo constante de reafirmação de uma “autenticidade do verdadeiro gaúcho” (BRUM, 2013, p.319). O autêntico mora no constante reforço da identidade por meio de atividades, como beber chimarrão e a performance de danças típicas, e de eventos tradicionais.

Durante o século XIX, essa imagem foi perdendo força. O processo de expansão da economia do Brasil fez com que a noção “clássica” do homem do Rio Grande do Sul se desprendesse do conceito tradicional de gaúcho. Como resposta a essa distância, a tradição teve vida nova a partir do ano de 1948³¹ com a criação do “35 CTG” (Centro de Tradições Gaúchas) na capital gaúcha. Os fundadores do movimento tradicionalista gaúcho tinham como objetivo reviver a imagem do gaúcho dentro de um mundo cada vez mais urbano e globalizado na entrada da segunda metade do século XX.

O movimento cresceu e CTGs foram criados em todos os cantos do Rio Grande do Sul, ecoando os gritos da tradição e de busca pela retomada, de alguma maneira, do orgulho heroico do gaúcho guerreiro. A lógica desse tradicionalismo entrou de vez na narrativa do estado por meados dos anos 1980, com o crescimento de programas culturais e da cobertura midiática em torno da cultura local, identificada com as raízes do estado. Em Oliven (2011), o processo de

³¹ O primeiro CTG foi fundado por um grupo de jovens gaúchos vindos do campo para Porto Alegre (Oliven, 2011)

disseminação do movimento deu-se por meio da narrativa de retomada do campo e de uma personalidade guerreira que seguia os homens do estado. Além disso, o crescimento do interesse pelas tradições fez surgir e se proliferarem uma série de programas de rádio e Televisão sobre o tema, que reforçavam a imagem central do tradicionalismo.

Em Brum (2013), a imagem do homem gaúcho está diretamente ligada à retomada da tradição e da expansão dela. Os homens que seguem a linha da tradição e falam em nome dela, reforçando sua força como movimento, seguem uma linha de vestimenta e performance dentro do convívio social, implicando com eles uma narrativa de gauchismo.

A encarnação desse símbolo implica posturas corporais, linguagem e roupas específicas, conforme demonstra Antônio Augusto Fagundes (o Nico), conhecido folclorista e comunicador midiático, apresentador por mais de 20 anos do programa Galpão Crioulo da RBS TV. Ele é ainda hoje um dos principais expoentes do gauchismo no Rio Grande do Sul, um dos fundadores do MTG e responsável por impulsionar o processo de sua transformação em fenômeno de massa... Ele aponta uma preocupação com o vestir-se corretamente em contextos ligados ao gauchismo que igualmente se expressa através da necessidade de correção musical e coreográfica. O perigo da introdução de variações de interpretações à cultura gaúcha remete à sua caracterização como um espaço pouco espontâneo que objetiva instituir o que realmente foi o gaúcho (Brum, 2013, p. 322).

A projeção de uma imagem masculina seguida de uma vestimenta e um reforço de uma lógica guerreira e brava são fundamentais para a concretização do tradicionalismo moderno. Sem isso, o risco de a tradição perder-se entre o moderno é grande e os limites que delimitam essa identidade podem misturar-se com o todo.

Por isso, a década de 1990 torna-se muito importante para a pesquisa sobre a masculinidade e a construção social do homem gaúcho. Nessa década, a imagem do tradicionalismo gaúcho alcança todo o estado por meio da televisão e do rádio e as características ligadas ao homem gaúcho por meio do tradicionalismo ampliam-se como uma noção de reconhecimento e autonomia do estado quanto ao resto do Brasil. Dessa forma, o homem gaúcho passa por um processo de redefinição de sua imagem e das narrativas em torno dele a partir do movimento tradicionalista.

Considerando tudo visto até agora nesta pesquisa, o papel do futebol dentro da imagem do homem do estado torna-se um de reafirmação das características da tradição e da criação de um campo de batalha. A virilidade tradicional do gaúcho é colocada em teste nas narrativas em torno de partidas de Inter e Grêmio, como equipes que jogam o futebol de maneira tipicamente gaúcha e distante da imagem

do futebol-arte brasileiro. Conceitos como “coragem” e “garra” podem expor um apreço maior por uma virilidade bruta, que vê no futebol uma disputa física em que o homem gaúcho vai dominar, por meio da força, o resto do Brasil.

O Rio Grande do Sul, entretanto, não vive em uma bolha. As mudanças quanto a virilidade que resultaram dos movimentos feministas do século XX também tiveram efeito sobre essa masculinidade local, deixando mais fácil, ou difícil, a associação de certos conceitos com o viril. A entrada do século XXI pode registrar o fim da “valoração” de uma virilidade gaúcha guerreira, ou pelo contrário, marcar o futebol mais ainda como um ambiente de batalha “livre”, em que narrativas negadas pelo resto da sociedade são adoradas.

O homem gaúcho é parte de uma resistência social marcada pelo combate físico em sua história e por um renascimento cultural a partir do culto às tradições no século XX. A entrada do século XXI manteve a linha desse movimento tradicionalista recriado e segue até hoje relacionando a virilidade do estado com aquela dos heróis de guerra dos campos ao sul do continente. No objetivo de destacar-se do resto do Brasil, o futebol torna-se, talvez mais do que em qualquer outro estado da federação, um ambiente de combates e competições entre gaúchos que reforçam a imagem da virilidade tipicamente local, que passa por negar o futebol-arte brasileiro. (justificar melhor o Rio Grande do Sul, reforçar a diferença do gaúcho, ou do futebol gaúcho, com o resto do Brasil).

2.7 Considerações

Neste capítulo, foi percebida uma clara relação entre evoluções políticas e culturais e a discussão em torno do gênero. O gênero foi “aberto” e definido culturalmente, oferecendo explicações culturais, e não naturais, para a aplicação de papéis entre homens e mulheres.

Considerando isso, a masculinidade também foi entendida como uma forma de construção cultural. O espaço cultural ocupado por um homem define seu papel e as expectativas quanto a sua performance corporal. Dessa forma, é possível apontar caminhos para a compreensão das expectativas em torno do próprio atleta de futebol, questão importante do primeiro capítulo.

A virilidade, para auxiliar nesta compreensão, foi entendida e definida como matéria-prima do masculino. Sua tradição histórica reflete uma clara preocupação, histórica e constante, de associar o masculino com noções de força e imposição, seja ela física ou, a partir da modernidade, racional. Desta forma, torna-se possível buscar explicações e codificações sobre o masculino dentro do futebol.

Por fim, a relação do Rio Grande do Sul com uma constante guerra e um estado de fronteira com Argentina e Uruguai, provocou no homem local uma clara peculiaridade cultural no que respeita a masculinidade. O desejo pelo combate viu-se exposto como parte fundamental da solidificação do “gauchismo” como um marcador de identidade local. Essa percepção é importante para esta pesquisa, por justificar e enquadrar o uso do futebol gaúcho como forma de compreender o espaço da masculinidade nas narrativas em torno do futebol.

3 METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS QUANTO A MASCULINIDADE E O FUTEBOL NO CASO GAÚCHO

3.1 Introdução

Este capítulo apresenta os elementos metodológicas desta pesquisa, retomando pontos teóricos conceituais que serviram de base para as decisões tomadas na formação metodológica e no tratamento do empírico. Foram retomados alguns pontos importantes para o entendimento do método e de como as categorias de análise foram definidas e pautadas.

Inicialmente, o capítulo retoma rapidamente questões técnicas da pesquisa, como o problema e os objetivos, fundamentais para o desenvolvimento da metodologia e o trabalho com o material empírico. Após este encaixe, a metodologia é apresentada, a adoção da pesquisa qualitativa justificada e o tipo de método definido e explicado. O uso da análise de conteúdo deu-se pelo tipo de material utilizado e as técnicas de coleta adotadas.

Nesse sentido, este capítulo apresenta em seguida a técnica de coleta utilizada, demarcando a importância que o software QSR Nvivo 12 teve durante a realização da análise. Esta apresentação da técnica é fundamental para a apresentação do material empírico, já que ele provém da coleta. O material é explicado e detalhado em seguida, justificando as escolhas de datas e documentos adotadas por esta pesquisa.

A parte metodológica do capítulo é finalizada com a retomada de pontos importantes dos dois capítulos anteriores, que foram fundamentais para construção e o estabelecimento das categorias de análise desta pesquisa.

Com a metodologia devidamente apresentada, este capítulo entra na apresentação dos resultados da análise de conteúdo e o apontamento dos significados destes resultados. Os resultados aparecem divididos por categorias de análise e blocos temáticos, criando assim uma lógica discursiva direta, que auxilia na apresentação dos resultados e na reflexão sobre os significados deles dentro desta dissertação.

3.2 Breve retomada de elementos técnicos da pesquisa

Embora já tenha sido apresentado na introdução desta dissertação é desejado retomar que o problema desta pesquisa questiona e quer compreender o as razões do estímulo da virilidade, por diferentes atores, como um definidor e propulsor midiático do masculino dentro do meio do futebol, como esporte, especificamente na cobertura jornalística dada aos dois maiores clubes do Rio Grande do Sul, Grêmio e Internacional. A virilidade tratada dentro do futebol tem a capacidade de trazer muitos caminhos explicativos sobre como o masculino é enxergado como uma cultura já que, na história do viril, o esporte ocupou um papel importante. Seguindo esse pressuposto, surgem as seguintes questões: há, de fato, na cobertura jornalística do confronto entre essas duas equipes uma valoração da virilidade como definidor da masculinidade e, estudando o universo do futebol, do sucesso? Considerando que masculinidade e virilidade são definidas culturalmente, pode ser percebido uma mudança, em termos de expectativa quanto a performance corporal, no tratamento dos atletas nas últimas três décadas de cobertura esportiva no Rio Grande do Sul? Espera-se do atleta uma performance política e corporal ligada ao viril, para venda dele como um bem esportivo e para venda de jornais? É possível verificar e avaliar a resistência gaúcha ao “estilo brasileiro” de jogar futebol, com a virilidade como uma ferramenta desta diferença?

Para tratar destes questionamentos, esta pesquisa tem como objetivo amplo apontar as razões para a construção deste comportamento e encontrar o espaço da virilidade dentro da cobertura do futebol gaúcho, especificamente nas partidas entre Grêmio e Internacional, traçando a forma como essa relação, através de uma série histórica ao longo dos últimos 30 anos. Entendeu-se essa linha do tempo como suficiente pois com ela é possível buscar a compreensão da relevância do tempo em mudanças ou na estabilidade quanto a discursos e escolhas discursivas. Nesta pesquisa, existe também o objetivo de buscar a compreensão do papel do jogador de futebol como atleta e como homem, entendendo a valoração dada as suas ações e possíveis implicações financeiras. Por fim, entender como o futebol gaúcho utiliza-se de uma narrativa da virilidade como forma de marcar uma diferença com relação ao futebol brasileiro.

3.3 Metodologia de pesquisa

3.3.1 Tipo de pesquisa: Pesquisa Qualitativa

A retomada anterior também tem a finalidade de melhor justificar o uso da abordagem qualitativa nesta dissertação. Tratando-se especificamente desta pesquisa, a preocupação com tudo que envolve a cultura esportiva dentro do futebol brasileiro e gaúcho, somado ao longo e permanente processo de significação e ressignificação da virilidade, foram analisados a partir da cobertura midiática. Esta mídia representa um meio de significação.

A dimensão empírica é analisada a partir da perspectiva qualitativa. A pesquisa qualitativa considera o objeto a ser estudado por diferentes ângulos, buscando compreender o contexto histórico por trás dele, e os significados que podem ser captados da análise do material escolhido.

Segundo Flick (2008), a definição do que constitui a noção de “qualidade” na pesquisa tem abordagens distintas, que dependem da área e do campo de estudo. Nas ciências sociais, a posição do pesquisador quanto ao objeto de pesquisa, sua busca por neutralidade e a forma como os significados do empírico podem ser estudados são os pontos fundamentais da definição de pesquisa qualitativa. A qualidade pressupõe a busca por uma visão ampla e contextual do objeto, que trace os resultados de uma entrevista, de um comunicado ou de um documento levando em consideração o universo que gerou o conteúdo.

A definição mais comum da pesquisa qualitativa, e o ponto de referência mais central e unificado, é que essa abordagem não trabalha com números, mas sim com textos e seus significados. Segundo Groulx (2014), essa definição, mesmo que simples, é a única que consegue gerar de fato uma concordância e definir de maneira prática a abordagem qualitativa dentro das ciências sociais.

Em Lima e Manini (2016), a pesquisa qualitativa é definida a partir de sua capacidade, e vocação natural, de enxergar a contextualização do objeto de pesquisa antes, durante e depois da exploração do empírico. Esse processo é fundamental para a criação de uma abordagem que considere, dentro do material analisado, aquilo que se apresenta como o ponto fundamental para a busca por qualidade em pesquisa.

Dentro da sociologia, a busca por qualidade deve ser acompanhada por um esforço epistemológico de enxergar, dentre aquilo que cerca o objeto, o que compõe e interfere a forma como os atores e as instituições lidam com o problema de pesquisa.

O resultado de uma pesquisa realizada com a abordagem qualitativa é apresentado de forma descritiva. Nele deve constar, além da análise dos dados, uma conexão constante com o contexto do empírico e as significações em torno do material.

O fundamental na abordagem qualitativa é a constante consideração de alguns fatos que envolvem o objeto e suas especificidades culturais. No caso desta pesquisa, é importante considerar a contextualização temporal e significativa de documentos que pertencem a memória do futebol gaúcho. Os textos do Jornal Zero Hora que cobrem as partidas da dupla Grenal são importantes para a compreensão de um relacionamento tradicional entre o futebol no estado, a virilidade e os meios de comunicação. Por isso mesmo, o entendimento do contexto do futebol no Rio Grande do Sul e no Brasil fez-se tão fundamental durante o primeiro capítulo desta pesquisa.

3.3.2 Método de pesquisa: Análise de conteúdo

O método adotado para realização desta pesquisa é a análise de conteúdo, ou documental, aplicada aos textos do “Caderno de Esportes” do Jornal Zero Hora. A memória do futebol é contada, em grande parte, pela construção que os meios de comunicação elaboram da atividade esportiva organizada. A forma como a mídia esportiva gaúcha contou, e ainda conta, as partidas de Grêmio e Internacional é responsável em pela sedimentação de partidas, atletas e narrativas na memória esportiva do estado, pelo menos em um significado geral e histórico – já que a memória de indivíduos e instituições tem motivações além da imprensa. Com isto em mente, julga-se que a análise de conteúdo é o método mais apropriado, considerando o problema desta pesquisa. Isso justifica-se pelo desejo de compreensão de narrativas envolvendo o futebol no Rio Grande do Sul e o papel ocupado pela virilidade nesses discursos.

Segundo Cellard (2014), o documento é um material que demanda uma série de cuidados do pesquisador, tanto porque ele não “conversa” com a pesquisa diretamente, logo suas informações moram apenas no texto e no passado, como também porque é fundamental que o pesquisador considere o valor dos textos dentro do documento. O uso da análise de conteúdo deu-se considerando autores como Cellard (2014) e Oliveira (2007), que tratam a análise de conteúdo de maneira próxima à análise de documentos. Neste caso, não se considera os arquivos de jornal como um documento – apesar de serem – mas sim como um conteúdo, já que eles serão analisados com as peculiaridades contextuais do conteúdo jornalístico. Por isso, é essencial uma escolha cuidadosa dos textos do próprio “Caderno de Esportes” e a compreensão da diferença entre textos que são noticiosos, como a matéria central do caderno, e as crônicas, textos opinativos de especialistas de futebol contratados pelo Grupo RBS. Separá-los de acordo com a intenção e o tipo textual que representam é um esforço necessário nessa metodologia. No caso do “Caderno de Esportes” os textos foram divididos em três categorias: os noticiosos, sendo entre 5 e 6 por edição, a página de cotação, em que os jogadores são avaliados pela atuação dentro de campo, e as crônicas. Por tratarem-se de textos explicitamente opinativos³², as crônicas foram deixadas de lado dessa pesquisa, enquanto julgou-se as matérias noticiosas e a cotação fundamentais para a compreensão da relação entre o futebol no Rio Grande do Sul e a virilidade.

A análise de conteúdo será posta em prática nesta pesquisa com a definição e a procura de categorias de análise estabelecidas a priori e termos simbólicos que liguem a cobertura midiática realizada pelo jornal com a virilidade. A relação de valor com o vitorioso ou o derrotado da partida também deve ser considerada durante a pesquisa, entendendo o contexto da construção frasal que a utilização dos códigos quer significar.

As categorias de análise selecionadas para essa análise de conteúdo focam nos significados do viril como um definidor do masculino. Descobrir os momentos, e o devido contexto, em que o Jornal Zero Hora escolhe valorar atuações quanto a virilidade, ou a falta de comparações mais concretas, é um passo fundamental para

³² Apesar de ser possível encontrar “opinião” em todos textos de um jornal, as crônicas têm, além da opinião jornalística, um julgamento social e cultura que foge do tema central desta pesquisa – o clássico Grenal. O caráter puramente opinativo destes textos, somados ao potencial de dispersão do tema central, justificam a decisão de não adotá-los.

esta pesquisa estabelecer caminhos para responder seu problema. Estes pontos são:

- a) a valoração feita a virilidade como um determinante do resultado dentro de campo;
- b) a ligação do viril com notas e avaliações da performance corporal dos atletas dentro de campo;
- c) a relação do valor de mercado de atletas e clubes com expectativas quanto ao masculino;
- d) a busca pela compreensão da diferença do estilo gaúcho de jogar futebol com relação ao futebol arte, tão importante para a tradição do esporte no Brasil.

Faz-se importante considerar, por fim, que a pesquisa documental, feita em conteúdo como textos de um jornal, é realizada em um texto que não sofreu alteração específica para pesquisa. Portanto, os textos utilizados nesta pesquisa são a íntegra das edições selecionadas, que então foram analisados e estudados usando a ferramenta adotada, o QSR Nvivo 12.

Nesta pesquisa, usou-se um processo híbrido de categorização do material selecionado. Assim, foram usadas categorias de análise a priori somadas a um processo receptivo de categorias de análise que surgiram durante a separação e a leitura do material (categorias emergentes).

3.3.2.1 Técnica de coleta de dados

Para buscar e analisar as categorias de análise nos documentos, foi usado o software QSR Nvivo 12. As ferramentas oferecidas pelo programa auxiliam o processo de separação do material empírico em blocos de textos e ideias, a partir do uso de categorias e outros tipos de agrupamento.

O Nvivo 12 funciona muito bem para a abordagem qualitativa, já que ele oferece ao pesquisador a capacidade de separar e classificar textos de diferentes tipos de maneira prática. A escolha de categorias de análises para a separação e estudo do material empírico é um importante passo do processo de delimitação e definição do conteúdo.

Por fim, é importante pontuar que o software não realiza a pesquisa sozinho. Segundo Lima e Manini (2016), os softwares de auxílio de pesquisa – como o QSR Nvivo 12 – são ferramentas que auxiliam o pesquisador e dão os instrumentos necessários para o processo de produção de conhecimento científico a partir das leituras e interpretações do material coletado – e já devidamente separado pelo software.

Os arquivos do Jornal Zero Hora foram disponibilizados para a realização desta pesquisa pelo Centro de Documentação e Informação (CDI) do Grupo RBS. Eles foram entregues por email, em formato *pdf* para serem utilizados na análise presente neste capítulo.

Nota-se, entre os documentos selecionados, a presença de dois tipos de marcação e seleção. Os documentos que foram publicados antes do ano 2000 foram recebidos em imagem, portanto a seleção feita aconteceu a partir de cortes de trechos que se ligaram a categorias. As edições do “Caderno de Esportes” depois do ano 2000 já foram diagramadas³³ digitalmente, portanto os arquivos recebidos puderam ser analisados textualmente de uma maneira direta.

3.3.3 Dimensão empírica de pesquisa

Para aplicar a análise de conteúdo documental oriundo da cobertura do Jornal Zero Hora no período compreendido entre 1990 e 2019. A escolha desse período justifica-se por três motivos principais:

- a) o período reflete, no Brasil e no mundo inteiro, o crescimento do valor de mercado de jogadores e o papel da mídia no alcance do jogo;
- b) também nesse período aprofundam-se as discussões de gênero e reflexões sobre o papel do homem na sociedade e elas saem da academia e entram para o convívio social;
- c) a renovação do gauchismo acontece durante este período, principalmente dentro do próprio grupo RBS.

Três partidas foram selecionadas por década, considerando um espaço de 3 a 4 anos entre os escolhidos. O Quadro 1 apresenta os jogos, suas datas e o placar, ainda apontando a competição pela qual Grêmio e Inter se enfrentaram. A ordem

³³ Montagem e desenho de revistas, jornais e outros tipos de publicações gráficas.

apresentada no placar reflete o mando de campo na partida, sendo o primeiro da lista o que atuou em seu estádio. Nove confrontos serão selecionados, com vencedores e competições variadas, e com diferentes níveis de importância quanto ao resto da temporada, sendo possível isolar o Clássico Grenal em seu valor no que tange à virilidade, o processo de dominação masculina, o gauchismo e o peso que o tempo teve nessas narrativas.

Quadro 1 – Partidas selecionadas

Década	Data dos jogos	Grenal	Placar	Competição
1990 a 1999	22/09/1991	308	Grêmio 0x1 Inter	Campeonato Gaúcho ³⁴
	13/08/1995	328	Grêmio 2x1 Inter	Campeonato Gaúcho
	28/03/1999	338	Inter 2x0 Grêmio	Copa Sul ³⁵
2000 A 2009	13/05/2001	349	Inter 0x0 Grêmio	Campeonato Gaúcho
	07/03/2004	358	Grêmio 1x2 Inter	Campeonato Gaúcho
	25/10/2009	378	Inter 1x0 Grêmio	Campeonato Brasileiro ³⁶
2010 a 2019	28/08/2011	388	Grêmio 2x1 Inter	Campeonato Brasileiro
	22/11/2015	408	Inter 1x0 Grêmio	Campeonato Brasileiro
	17/03/2019	418	Grêmio 1x0 Inter	Campeonato Gaúcho

Fonte: Sport Club Internacional (2019)

O Quadro 1 apresenta os confrontos e suas datas de realização. As partidas selecionadas têm em comum o dia da semana em que foram realizadas. Todas aconteceram em um domingo, dia mais tradicional para jogos no futebol brasileiro. Os jogos no domingo costumam ser seguidos de uma cobertura completa nas edições do dia seguinte, a segunda-feira. O foco nessas partidas deve-se ao potencial de organização e padronização das edições e da cobertura esperada para

³⁴ Competição estadual, disputada atualmente no começo do ano. É a mais tradicional entre as competições que Grêmio e Inter jogam.

³⁵ Competição regional, criada em 1990, e teve uma única edição, vencida pelo Grêmio.

³⁶ A principal competição, une equipes de todo o estado e atualmente é dividida em 4 divisões.

os confrontos. É importante notar-se, portanto, que as edições analisadas nesta pesquisa são as do dia seguinte as datas apresentadas no Quadro 1.

As partidas selecionadas ocorreram em três diferentes competições, e cada uma delas representa um corte geográfico diferente. O Campeonato Gaúcho é local, do Rio Grande do Sul. A Copa Sul, por outro lado, serve como parâmetro regional. Ela é local e “estrangeira” ao mesmo tempo, já que também reúne os clubes de Santa Catarina e do Paraná, outros estados do sul do Brasil. Nas partidas realizadas pelo Campeonato Brasileiro, os gaúchos buscam formas de marcar sua diferença naquilo que separa o futebol estadual com o nacional.

A cobertura do Jornal Zero Hora no dia que sucede um clássico Grenal costuma tratar do confronto com grande atenção, e o “Caderno de Esporte” sempre carrega uma série de pequenos textos com valor editorial³⁷. Este caderno do jornal tem, em média nove páginas. Existem edições entre as selecionadas, como a que segue o Grenal do dia 13/05/2001, com apenas seis páginas. Entretanto, a edição do dia 14/08/1995, que segue o título gaúcho gremista do mesmo ano, tem treze páginas.

As edições que seguem o clássico Grenal, são compostas de análises da partida como um todo, das atuações dos atletas e textos com citações de jogadores e treinadores de ambas as equipes. Por fim, também existem matérias que cobrem de uma maneira geral o clássico e as repercussões do jogo para essa temporada. Foram analisados apenas os textos que avaliam a partida e seus atores de forma explicativa e pouco pessoal, colocando a voz do jornal em primeira instância. Essa seleção também se deve ao formato do caderno, que sempre segue o mesmo padrão. Começa com uma matéria focada apenas no resultado que é seguida por uma série de pequenas matérias que descrevem as atuações de equipes e jogadores. Como esta pesquisa propõe-se a refletir sobre o papel dos atletas dentro do confronto, esse tipo de reflexão na cobertura da partida é de fundamental importância.

Desta forma, foram deixadas de fora da pesquisa textos de cronistas, que aparecem ao longo da edição. Isso porque as crônicas são carregadas de subjetividades próprias do escritor, que muitas vezes tem um estilo próprio para

³⁷ Considero “editorial” o texto feito por um membro da editoria do jornal. Esta relação é fundamental para não confundir o processo da pesquisa com perspectivas individuais de jornalistas, o que fugiria do problema traçado.

seus textos, independentemente do tema ou do contexto. Como o objetivo desta pesquisa passa pelo isolamento do clássico Grenal como um acontecimento e um marco identitário do futebol gaúcho, esse tipo de subjetividade foi julgado desnecessário para a realização desta pesquisa. As crônicas são definidas pela assinatura de um autor ligado a um dos clubes ou que não participa ativamente do dia a dia do jornal e tem liberdade quanto ao uso de opinião. A figura 1 representa o modelo dos textos que foram usados, neste caso da cotação dos atletas, e a representação de uma crônica, que não foi analisada.

Figura 1 – Demonstrativo de página do “Caderno de Esportes”

ZHESPORTES 13

Como eles foram

Taverelli - Ficava-se fortemente a sair do gol. Passou a tarde sem interceptar nenhum cruzamento. E nem tentou. No gol de Grenal, conseguiu sair e mudou de lado no cenário. Foi inseguro nas respostas, "enferrujado" a bola para os jogadores e jogando uma defesa pela lateral. Deixou a zaga em péssimo. 3

Michel - Ao vivo, quem está assistindo o jogo se espanta que ele está em campo. Foi omissos na frente e atrás. O Inter jogou confortavelmente à sua volta. 4

Baloy - Trouxe um bom duelo com Dales. Foi esforçado e atento. Bem nas antecipações, mas, numa delas, o Inter quase marcou. 6

Claudiozinho - Como Baloy, jogou com empenho e vontade, mas muitas vezes se viu cara a cara com os atacantes do Inter. 5

Elton - Facilmente driblado em várias lances. Num deles, Nilmar o deixou sentado na grama. Errou muitos passes, mas se recuperou ao entrar na área. Atuação insegura e volátil. 4

Coelho - Discreto. Em alguns momentos, foi envolvido pela rápida troca de passes do Inter. Boa qualidade de passe. 5

Leanderson - Errou passes. Num deles, teve de driblar Dales para impedir que o contravante entrasse na área. Atuação insegura e volátil. 4

Bruno - Sua renovação foi debatida durante toda a semana. No domingo, ele sumiu, bem marcado por Wellington. Categoria em alguns lances isolados. 5

Luciano Ratinho - Voz em quando, reagiu investindo contra o adversário a partir de defesa na direção do gol. Boa movimentação. 7


Marcelinho - O melhor do Grenal. Passou o jogo driblando os adversários pela direita, pela esquerda, pelo meio. Se era parado com falta. 8

Christian - Mesmo jogando sem as melhores condições, marcou um gol e quase fez outros dois. 7

Falcao Pimenta - Tentou alguns lances, mas não se soltou. 5


Nico - Entrou aos 15 minutos do segundo tempo, movimentou-se bastante, mas sem muita efetividade. 5

Marcelo - Jogou apenas 10 minutos. Sem nota.



Carlos Simon

Durante a semana, disse que após trágico porquê os jogadores já o consideram o verdadeiro 8. Um de seus irmãos. Quase ninguém reatua de suas decisões. Isso faz com que o jogo continue sem problemas disciplinados. São trator em outros aos 3 minutos, quando não marcou gol. Foi de Alexandre Lopes sobre Claudiozinho. De resto, uma arbitragem segura. 6



Como eles foram

Clemer - Praticou pelo menos quatro grandes defesas. Impediu o ataque do Grenal. O melhor em campo. 9

Beltrair - Muito inseguro, apitou para falta para segurar Marcelinho. Errou passes e cruzamentos. O Grenal teve sucesso quando atacou por seu setor. 4

Alexandre Lopes - Foi o zagueiro mais marcado. Vigorou Christian pelo lado direito da defesa e teve uma atuação segura. 7

Edinho - Recusado como zagueiro, demonstrou energia e vontade em todos os lances. Um dos melhores em campo. 8

Chiquinho - O Inter sempre começou a jogar por ele. Tare qualidade no passe e domínio do setor. Cruzou para o gol de Grenal. Saiu depois do 2 a 0 porque passou a sentir dores no joelho. 7

Marabá - Atuação vigorosa. Foi bem na marcação e saiu jogando com qualidade. 7

Wellington - Marcou bem a Bruno e ainda teve categoria para sair jogando. Deu um passe preciso para Nilmar marcar o segundo gol. 8

Elton Graziop - Marcou o primeiro gol, de cabeça, e se movimentou bem. Foi duplicado em algumas ocasiões. 8

Claiton Xavier - Movimentação incansável, energia inesgotável. No fim do jogo, ainda teve fôlego para dar uma arrancada pela direita, passando um contra-ataque. 8

Nilmar - Estava jogando mal, chegou a furar um bola no primeiro tempo, mas marcou o gol que decidiu a partida. 7

Dales - Passou o jogo fazendo "parade" para os colegas. Preciso e zaga do Grenal constantemente. 7

Diego - Teve no segundo tempo, recebeu a bola longe em dois contra-golpes e perdeu dois gols do tipo "bola". 5

Fernando Miguel - Sua colocação em campo foi para reforçar a marcação, mas não ajudou muito. 5

Kaui - Lestrou-se com gravidade aos 35 minutos e pouco participou da partida. Sem nota.

Paulo Roberto Falcao

TRITURADO - Para não dizer que não houve trituração, no Estádio Olímpico, um quarto-quarto destruído acabou sendo pisotinado pelos jogadores, deixando um rastro de pernas na proximidade da área.

Grande jogo

Os dois clubes para não esquecer: Tivo marcação, velocidade e técnica por parte dos dois times, mas o Internacional mostrou a vantagem. Chegou sempre de forma organizada no ataque e não permitiu que o Grenal ficasse o mesmo. Quando o ataque do Grenal, com Christian visivelmente desorientado, conseguiu vitória sobre a zaga, Claiton brilha. Mas o diferencial foi o meio-campo mais consistente e articulado que Leri Sandro conseguiu marcar. Com dois volantes de grande mobilidade, que sabem sair para o jogo, o duo apertou o espaço, o Internacional teve mais qualidade quando recuperou a bola. Marabá e Wellington contaram muito, especialmente no primeiro tempo, contando sempre com a movimentação de Elton Graziop, Claiton Xavier e Nilmar - todos marcando e indo chegando forte na frente. O Grenal não tinha o mesmo desempenho neste setor. Coelho e Leanderson ficaram subutilizados, Bruno sumiu e Luciano Ratinho teve atuação mais discreta. Como Marcelinho beneficiou-se pela falta de espaço e Christian teve visíveis dificuldades por estar voltando de cruzado, o Grenal não resistiu à bola na frente.

Ainda, embora os dois times tenham atacado bem e cruzado bastante, o Internacional teve jogadas de maior qualidade e foi mais feliz nas conclusões.

Além da boa organização tática, o Inter teve também um pouco mais de motivação. Já era previsto que entraria em campo estimulado pela provocação do São Nicolai, especialmente em relação à preparação física. Mas houve outro estímulo: quando o São Nicolai começou, o Juventude já estava ganhando de Caxias, resultado inesperado para o Inter voltar a ser marcado de classificação.

Sempre pouco considerado que um time ganhe com autoridade e seu goleiro seja escolhido o melhor em campo. Na verdade, Claiton foi um dos melhores. O Internacional teve outros, no mesmo nível. Omiti muito de Elton Graziop, Edinho, Wellington e Claiton Xavier. Qualquer um deles poderia ser escolhido como o melhor. No Grenal, Baloy e Elton costumam ser os melhores.

Por carisma a opção dos treinadores de colocar um continuamente marcando o outro cada vez que havia espaço na falta. Não sei se é o mesmo padrão. Zagueiro tem sempre mais vitalidade para defender. Jogador de meio-campo e atacante sempre mostram dificuldade para interceptar cruzamentos que vêm da linha de fundo.

Leri Sandro foi um movimento importante à vontade de Claiton Xavier. Quando Kaui se lesionou o teve que sair, deixando o Inter com 10 jogadores. Xavier ofereceu-se para completar a defesa. "Se precisar, ele critica falta e desconfiança no gol também", brinca o técnico.

Um dos apêndices do Grenal foi dar liberdade a Chiquinho. Jogador qualificado não pode ficar sem marcação. No primeiro tempo, ele entrou como zaga e teve participação importante no primeiro gol. Coelho a bola com precisão na cabeça de Elton Graziop.

Fonte: Jornal Zero Hora (2004)

Na Figura 1, as análises dos atletas estão divididas entre Grêmio e Internacional, representando um estilo claro de texto que está presente e foi analisado por esta dissertação, em todas as edições selecionadas. Por outro lado, a crônica assinado por Paulo Roberto Falcão representa um exemplo perfeito do modelo de texto que não foi analisado nesta pesquisa, por seu caráter opinativo e disperso, passando por diversos temas.

3.3.4 Categorias de análise

As categorias de análise são o fio condutor desta pesquisa por definirem caminhos e organizarem o conteúdo quanto a ampla gama de informação e contextualização dedicada ao material. Essas categorias ditam o processo de codificação no software QSR Nvivo 12, definindo os códigos que foram procurados nas páginas do “Caderno de Esportes” do Jornal Zero Hora.

Nesta pesquisa, as categorias de análise são provenientes dos dois capítulos anteriores e o processo de teorização em torno do problema de pesquisa retomado neste capítulo. As categorias de análise são, diretamente, oriundas dos paralelos encontrados entre o sucesso esportivo e o desenvolvimento histórico do conceito de virilidade, além da questão do papel masculino na sociedade, e no campo de futebol, que podem igualmente ser analisados como construção social. Da mesma forma, deve considerar-se como a cultura gaúcha pode ser analisada tanto pela ótica esportiva quanto por uma visão cultural e identitária, processos presentes nos primeiros capítulos deste dissertação. A presença de tantos paralelos justifica a escolha de categorias de análise que girem em torno de noções de comparação e correlação entre ideias similares ou diretamente opostas. Pela importância que este processo tem na produção dessas categorias, faz-se necessário uma recapitulação breve de alguns pontos fundamentais para as categorias.

No Capítulo 1 surgem questões sobre a tradição histórica e sociológica do esporte, e destacam-se os seguintes pontos:

1. O desporto moderno, como parte do processo da racionalização da atividade e da performance masculina na competição.
2. O estilo brasileiro surge da adaptação das regras e do modelo de atuação inglês com as características nacionais de brilho e talento

dentro das quatro linhas. A Copa do Mundo de 1950 como um marcador da relação do, especificamente, homem brasileiro com o futebol. A derrota nacional deu-se pela fraqueza dos nossos representantes, segundo a cobertura jornalística.

3. Percepção de Brasil pelo futebol. O Campeonato Brasileiro nasce como uma forma de sedimentar uma imagem singular do povo brasileiro.
4. O mercado da bola cresce na década de 1990 e seus números seguem em constante crescimento até hoje. A imagem do atleta começa a ser ligada a esse valor de mercado.
5. O valor do atleta passa, cada vez mais, por uma performance midiática narrada pela imprensa esportiva que estimula o papel do jogador como membro do mercado.
6. O “estilo gaúcho” de jogar futebol é resultado das relações que o Rio Grande do Sul sempre teve com Argentina e Uruguai, países com os quais divide uma fronteira. Ele sempre se marcou por ser distante do brilho do país do futebol: essa é a identidade do atleta gaúcho.

O Capítulo 2 reflete sobre o processo de evolução e discussão sobre os gêneros e o papel do homem dentro da sociedade como um todo. Destacam-se nele, os seguintes pontos:

1. A relação temporal dos anos 1990 com os avanços políticos e acadêmicos das discussões de gênero em todo o mundo.
2. A definição do gênero como uma construção cultural e resultado do contexto de criação dos indivíduos. Ele é definido a partir de expectativas quanto a performance de indivíduos de ambos os sexos.
3. O processo de mutação e interpretação da masculinidade moderna, como passo para o entendimento da construção dos gêneros, especificamente no caso masculino.
4. A virilidade como a matéria-prima deste masculino. Sua existência desde a Grécia antiga e o processo de resignificação que o conceito passou nesse período são fundamentais para o entendimento de sua capacidade de mutação.
5. A virilidade como componente do sucesso esportivo. O derrotado tem uma *morte simbólica* de sua virilidade

6. As novas formas de virilidade definidas especificamente pela noção de “dominação” de homens sobre outros homens e mulheres. Esta dominação se faz presente de forma ainda mais clara no esporte moderno, talvez uma das últimas salvaguardas de demonstrações do viril pelo corpo masculino.

Com isso em mente, as categorias de análise devem buscar a compreensão da forma como a virilidade é utilizada e esperada dentro da performance esportiva nos clássicos Grenal. Para isso, Quadro 2 começa tratando da noção da vitória esportiva por meio da virilidade e a noção de morte simbólica do derrotado.

Quadro 2 – Dominação: categorias de análise.

Categoria de análise	Códigos
Sucesso esportivo	Dominação, conquista
Morte simbólica	Impotência ³⁸ , medo

Fonte: Elaborado pelo autor.

No que tange a atuação dos atletas nas partidas entre Grêmio e Internacional, podem ser compreendidas questões sobre o papel do atleta como produto da equipe e da mídia esportiva. O quadro 3 apresenta a forma como o papel dos atletas foi categorizado nesta pesquisa.

Quadro 3 – Papel do atleta: categorias de análise.

Categoria de análise	Códigos
Positiva	Raça, força, entrega
Negativo	Tirou o pé, fragilidade

Fonte: Elaborado pelo autor.

No Quadro 2 e no Quadro 3, foi considerada a possibilidade, e é intrínseco a eles, de negação às categorias *a priori*. Por exemplo, uma equipe pode ser definida como “dominante” em uma partida e ainda assim perder o jogo. Da mesma forma, a “falta de raça” é um componente de que deve ser considerado como uma avaliação negativa do atleta quanto ao seu papel masculino.

³⁸ Com relação ao jogo, falta de capacidade de reação à uma dominação.

A relação da cultura e do estilo gaúcho de jogarem futebol com o futebol-arte brasileiro também deve ser considerada. O Quadro 4 busca iluminar a compreensão sobre o significado que o brilho brasileiro recebe dentro do futebol gaúcho e o contexto em que códigos como “brilho” aparecem nos documentos estudados. Além disso, este código serve para propor e buscar a definição de um “estilo gaúcho” de jogar futebol, que será determinado a partir dos códigos que apontam para o sucesso do atleta.

Quadro 4 – Estilo Gaúcho: categorias de análise.

Categoria de análise	Códigos
Futebol-arte	Brilho, drible, espetáculo
Futebol Gaúcho	Garra, carrinho, Grenal como ápice

Fonte: Elaborado pelo autor.

O Quadro 4 aponta para a importância dada ao comprometimento do atleta com uma performance corporal ligada a expectativas. Estas expectativas são, como vistas anteriormente, muito midiáticas e ligadas ao “valor” de mercado que o jogador pode oferecer a sua equipe. Por isso, faz-se necessária uma categoria que considere o valor deste atleta como algo a ser vendido e consumido pela imprensa e por torcedores. O quadro 5 apresenta a categorização dos documentos a partir da valoração dos atletas.

Quadro 5 – Valor: categorias de análise.

Categoria de análise	Códigos
Valioso	Jogador custa tal valor, vale ouro, reforço
Prejuízo	Caro demais, desvalorizou, prejudica o plantel

Fonte: Elaborado pelo autor.

O Quadro 5 traz como códigos ideias gerais de valoração do atleta. Estas categorias servem para compreender os usos do valor do jogador de futebol como um componente da cobertura midiática e do efeito que ele tem dentro de campo.

Desta forma, menções a esse valor econômico para a equipe, torcedores e imprensa foram codificados nesta categoria. Ele também reflete sobre a compreensão do atleta de futebol como uma mercadoria do esporte, da mídia e dos clubes, que é explorado para a criação de valor financeiro, ou cobrado pela perda de valorização como atleta.

Essas categorias fazem mais do que necessária, durante toda a análise, o entendimento contextual em que os códigos estão inseridos, tanto para conduzir as conclusões como para compreender a existência destes fatores dentro do texto.

3.4 Análise de conteúdo aplicado aos arquivos do Jornal Zero Hora

3.4.1 Introdução às análises

As análises foram divididas entre os quatro blocos de categorias, apresentados nos quadros 2, 3, 4 e 5. Essa organização deu-se pela dominação temática que cada um deles seguiu, auxiliando a leitura e a descrição dos resultados, que desta forma puderam ser interpretados.

A apresentação dos resultados presentes no Quadro 2 está organizada cronologicamente. Isto porque essa categoria é que a tem a relação mais próxima com o vencedor e o resultado das partidas, portanto julgou-se fundamental apresentar os resultados junto da relação temporal de cada partida. Além disso, por ser a primeira categoria analisada desta dissertação, ela funciona como organizador das partidas, suas datas e caminhos para leituras, que depois servirão de guia para as categorias seguintes.

A análise do papel do atleta, referente ao Quadro 3, foi dividida pelo espaço ocupado nos cadernos e o objetivo que cada código quis cumprir na edição analisada. Isto significa uma divisão em três grupos, definidos pela origem do material:

- a) o primeiro reúne as menções feita nas avaliações diretas dos atletas, na seção de “Cotação” que está presente em todas as edições analisadas do “Caderno de Esportes”;

- b) o segundo cobre falas diretas de atletas e treinadores, presentes na cobertura do jornal ZH por meio de citações e manchetes;
- c) o terceiro grupo apresenta trechos do jornal que estão presentes nas matérias que analisam a partida.

O estilo gaúcho, é analisado por meio de códigos, apresentados no Quadro 4, que reforçam expectativas e buscam, de alguma forma, diferenciar o clássico Grenal de outra partida qualquer. A análise destas referências foi feita anteriormente da consideração dos códigos do futebol arte. As menções ao brilho do futebol brasileiro funcionam como contrapontos, sendo considerados momentos em que o futebol espetáculo é adorado e reverenciado pela cobertura. Esta categoria é importante para realmente ter uma linha de comparação para auxiliar na compreensão da diferença. Importante pontuar aqui, por fim, que nem toda menção a “dribles” ou “talento” foram codificadas. Apenas usos destas palavras com juízo de valor a um atleta ou um lance, porque simples menção do drible como uma ação de jogo apenas confundiria o processo desta pesquisa.

A questão do valor de mercado, que foi analisada a partir dos códigos presentes no Quadro 5, fecha esta análise, buscando de alguma forma relacionar os resultados anteriores com esta questão financeira. A questão econômica fecha esta apresentação dos resultados porque ela funciona como ponto final para a compreensão da origem da valorização dada – ou não – ao viril no futebol gaúcho.

Por fim, ressalta-se que o número de referências presentes para cada categorização é apresentado antes das análises. Julgou-se importante a apresentação destes dados, não por um interesse *quantitativo* desta pesquisa de mestrado, mas pela convicção de que os resultados da análise, apresentados em progressão temporal e numérica, adicionam uma importante dimensão *qualitativa* aos resultados. A progressão durante o período de 30 anos, tanto de significado como de presença de referências no que tange a virilidade é fundamental para a proposta temática e a problemática traçadas por esta dissertação.

3.4.2 Análise das Categorias quanto à dominação

As categorias quanto à dominação dentro de campo foram divididas em duas noções que surgiram durante, principalmente, o capítulo 2 desta dissertação.

Primeiro, o entendimento da virilidade como um medidor do sucesso esportivo, ou pelo menos de uma representação dele. Depois, a noção de morte simbólica do homem, como *macho*, por meio da derrota ou de algum vexame no desporto.

Essas categorias apareceram com certa frequência, mas algumas partidas não apresentaram nenhuma relação deste tipo. A edição do “Caderno de Esportes” do dia 14 de maio de 2001, por exemplo, não apresentou nenhuma relação clara de dominação quanto a masculinidade, até por que o placar de 0x0 na partida gerou uma sensação de equilíbrio em toda a cobertura. Entretanto, as partidas que apresentaram referências sobre estas categorias trouxeram importantes compreensões sobre a relação que o vencedor e o perdedor carregam na cobertura de um clássico Grenal.

A Figura 2 apresenta a quantidade de vezes que cada uma das categorias apareceu dentro da análise das nove edições selecionadas e o número de edições que apresentaram códigos ligados a cada uma.

Figura 2 – Resultados Categorias quanto à dominação

Quanto à dominação			
Nome	Arquivos	Referências	
Sucesso Esportivo	6	11	
Morte Simbólica	7	10	

Fonte: elaborado pelo autor.

A Figura 2 demonstra que apareceram mais citações ao sucesso esportivo do que à morte simbólica, mas a diferença é pequena. A noção de perda da masculinidade pode ser notada em mais edições do que a exaltação do sucesso por meio da noção do viril e dominante.

Na primeira edição analisada, do dia 23 de setembro de 1991, foram marcados dois códigos quanto à dominação: um para cada categoria. A referência ao sucesso esportivo aparece logo no primeiro parágrafo do caderno, em que o Jornal Zero HORA descreve a vitória gremista “numa partida em que foi sempre superior” (ZH, 1991, p.6). A noção de superioridade, logo ao abrir a cobertura, denota um interesse claro por expor uma forma de dominação dentro de campo, que durou o tempo todo e não deixou dúvidas de quem levou vantagem. A menção à noção de morte simbólica nesta edição é muito significativa para o resto desta

pesquisa, porque é a primeira vez que se nota em uma fala de um dos atletas da partida noções ligadas a virilidade, algo que foi recorrente em toda a análise e será explorado mais vezes durante este capítulo. Na edição de 1991, chama a atenção a fala do goleiro do Internacional, Fernandez. Ele diz que “faltou gana, a bola dividida foi sempre ganha pelo Grêmio” (ZH, 1991, p.9) e esta frase ganha destaque como um dos subtítulos da matéria que fecha a cobertura deste Grenal. A fala do goleiro colorado é marcante de uma sensação de vergonha do derrotado, de um grupo de homens que sentiu uma noção de falha. Mas também reflete uma forte cobrança inteiramente feita por um dos líderes daquela equipe. Como se estivesse mandando uma mensagem ao vestiário: sejam mais homens.

A edição do dia 14 de agosto de 1995 tem uma particularidade muito forte no que tange à questão da dominação. A partida do dia anterior, coberta neste caderno, foi a final do campeonato gaúcho daquele ano, vencido pelo Grêmio. O sucesso gremista é marcado pelo uso de reservas nesta partida, já que o grupo principal estava focado na Copa Libertadores da América³⁹, o que adicionou à noção de domínio. A fala de um torcedor gremista entrevistado resume esta sensação: “Foi barbada, com banguzinho⁴⁰ e tudo” (ZH, 1995, p.7). Do lado do derrotado, mais uma vez existiu uma noção de vergonha, mas nem tanto de fragilidade.

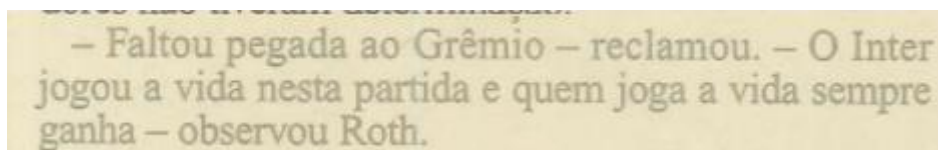
A primeira menção a derrota colorada em 1995 aparece como um elogio a dedicação como “talvez o único mérito colorado” (ZH, 1995, p.2). A noção de que a dedicação pode ser vista como uma salvaguarda da masculinidade dos derrotados aparece como um elemento interessante de nuance à dominação masculina. Mesmo em uma atuação futebolisticamente ruim, os colorados lutaram, e isso é importante. A essa menção soma-se uma das falas do treinador do Inter, Abel Braga, que diz que “faltou malandragem, inspiração e segurança a alguns jogadores” (ZH, 1995, p.6). O treinador colorado não mexe no brio de sua equipe e nem questiona sua força, ou “gana,” como pode ser visto na edição de 1991. Sua crítica foca em outros aspectos da atuação de sua equipe, o que é um importante marcador da relação que a honra masculina teve com essa derrota: jogou mal, mas brigou.

³⁹ Maior campeonato da América do Sul, reúne os campeões e melhores colocados das competições nacionais.

⁴⁰ Este termo futebolístico refere-se a uma equipe de base, ou reserva. Como se o fosse a versão menor da equipe.

A Figura 3 traz uma fala importante do treinador do Internacional no ano de 1999⁴¹, presente na edição do “Caderno de Esportes” da Zero Hora do dia 29 de março de 1999.

Figura 3 – Fala de Celso Roth em 1999.



– Faltou pegada ao Grêmio – reclamou. – O Inter jogou a vida nesta partida e quem joga a vida sempre ganha – observou Roth.

Fonte: ZH, 1999, p.6.

A passagem na Figura 3 diz muito sobre o tema da dominação masculina nesta pesquisa. O treinador do Internacional neste ano faz uma crítica ao adversário e um elogio implícito ao seu time, ao mesmo tempo. Ainda afirma que jogar com “pegada” sempre gera um vencedor. É necessário jogar a vida para ganhar uma partida como a que foi disputada neste dia. Ela funciona tanto como uma afirmação do sucesso quanto uma característica da morte simbólica do derrotado, que perdeu por ter menos intensidade e menos vontade.

A cobertura ao clássico Grenal do dia 08 de março de 2004 foi marcada pela frase dita no dia anterior pelo então dirigente do Grêmio, Saul Berdichevski.⁴² Antes da partida, ele afirmou que o Grêmio iria “triturar” o Inter. A frase serviu de combustível no vestiário colorado e impulsionou a vitória por 2x1 no Grenal. A motivação foi tratada da seguinte forma: “Disseram que vão triturar vocês, que o time não tem camisa’ – repetia o preparador no ouvido de cada um dos jogadores” (ZH, 2004, p. 4). O verbo triturar não havia sido considerado como um código a priori nesta pesquisa, mas seu uso foi constante nesta edição de 2004⁴³. O treinador do Inter ainda afirmou que usou “todas as armas” (ZH, 2004, p.4) que os adversários deram, reforçando ainda mais o valor combativo da partida. A provocação antes do jogo pautou tudo que foi falado por jogadores, treinadores e jornalistas. De alguma forma, o desejo de “destruir” o maior rival criou uma linha provocativa muito forte. A honra de homem dos envolvidos estava em jogo a partir desta provocação de violência.

⁴¹ Em 1999, o Inter era treinado por Celso Roth.

⁴² Era o Vice-presidente de futebol do Grêmio em 2004.

⁴³ Em 2004, o treinador colorado era Lori Sandri.

Nas edições dos dias 26 de outubro de 2009 e 28 de agosto de 2011, foram percebidas apenas referências à morte simbólica. No caso de 2009, de um jogador. O goleiro Victor, do Grêmio, levou um frango⁴⁴ incontestável, e que acabou definindo a vitória de 1x0 do Inter. A matéria sobre a atuação gremista, presente nesta edição, diz categoricamente que “Victor, pode acreditar, tomou um frango. E aceitar frango em Gre-Nal é um drama” (ZH, 2009, p.7). Esse drama é também, segundo a matéria, pessoal. O jogador que era considerado um herói pela torcida cometeu um erro inaceitável, justamente contra o maior rival.

A edição de 2011 cobria uma derrota do Inter, e nela a derrota é tratada como uma grande falha coletiva dos jogadores colorados.

Figura 4 – Superioridade assumida

tempo passar para comemorar. No final, o próprio técnico Dorival Junior reconheceu a superioridade do adversário. Não havia como não reconhecer. Não havia como fazer reparos. Talvez o Inter estivesse cansado, talvez estivesse desconcentrado. Pouco importa. Era o Inter de Oscar e Damiano. Era o Inter campeão da Recopa. Era, afinal, o Inter e isso quer dizer que era Gre-Nal. Vencer Gre-Nal sempre é especial.

Fonte: Zh, 2011, p.2.

A citação presente na Figura 4 é contundente. Nada importa quando se refere a uma derrota clara e vergonhosa em um clássico Grenal. É importante, e considerado muito valioso, que se admita e aceite a própria fraqueza nesta situação. Também nessa edição, a vitória do Grêmio novamente é associada ao conceito de superioridade.

Na edição de 23 de novembro de 2015, existem cinco referências ao sucesso esportivo. Esse número é resultado de um confronto que tinha sabor de vingança para o vencedor, o Internacional. Isto porque no Grenal anterior a esse, os colorados haviam sido goleados⁴⁵ por seus rivais, algo raro e muito marcante na história do confronto. Portanto, ao conseguir uma vitória no Grenal 408, os jogadores e o

⁴⁴ Gol sofrido em uma falha clara e evidente do goleiro.

⁴⁵ Grenal 407 – Grêmio 5x0 Inter, no estádio Olímpico, no dia 09 de agosto de 2015.

treinador do Inter reforçaram muito noções de virilidade e retomada do orgulho próprio que havia sido dominado pelo rival.

Inicialmente, considerou-se que o Inter venceu “um clássico em que entrou para jogar a vida contra um rival sem a indignação que o jogo como o Grenal exige” (ZH, 2015, p.2). Mais adiante, ao falar sobre a festa dos jogadores com a torcida, a cobertura do ZH aponta para a mensagem que foi iluminada no estádio Beira-Rio, casa do Internacional e palco desta partida: “Esse clássico tem dono” (ZH, 2015, p.4). Essa afirmação é muito forte no que diz respeito à dominação. Como dito anteriormente nesta dissertação, a noção da dominação sempre foi muito forte na identificação e no reforço da virilidade. A masculinidade pareceu afetada, de alguma forma, pela goleada sofrida no clássico 407 e foi reconstruída na conquista da partida seguinte.

Outra referência marcante desta edição do caderno compara a disputa esportiva com um combate físico. “Quando pensam que a gente vai cair, a gente levanta. A gente não ouviu bater o sino, a luta não acabou” (ZH, 2015, p.4) afirmou o treinador colorado, Argel Fucks, depois da partida. Esta comparação remete de forma muito clara ao processo de institucionalização e racionalização dos combates entre homens para atividades esportivas organizadas. A posição presente em Rauch (2013) dos combates como a salvaguarda, em uma sociedade racionalizada, do orgulho e da honra masculina, tem paralelos com essa frase dita pelo treinador colorado em 2015. Esta cobertura ainda fala da saída dos jogadores do estádio, momento em que os atletas têm um contato com os torcedores de sua equipe. Vitorino, atacante do Inter e autor do gol da vitória, saiu “festejado com palavras de ordem” (ZH, 2015, p.10). O uso de “palavras de ordem” causa estranheza. O momento era de festa e exaltação, e mesmo assim os torcedores ainda queriam ir à luta. A representação do orgulho perdido no encontro anterior nesta partida aparece de forma evidente.

A morte simbólica também estava presente nesta partida. A figura 5 apresenta uma imagem clara de como a perda de orgulho e a derrota estavam atrelados ao clássico Grenal 408.

A Figura 5 ilustra bem o clima de guerra e combate que tomou conta desta partida. A vingança colorada manifestou-se também na morte simbólica do rival, o Grêmio. O maior herói colorado comemora com seus seguidores a destruição do rival – e, de alguma forma, o renascimento do orgulho do Inter.

Figura 5 – D'alessandro comemora com caixão tricolor



Fonte: ZH, 2015, p.5.

A edição representada na Figura 5 foi a mais recente a apresentar códigos ligados a dominação. O uso de reservas por ambas as equipes no clássico coberto na edição do dia 18 de março de 2019 justifica isso. O fato de terem sido notadas em 2015 as mais claras manifestações da representação da “dominação” masculina dentro do clássico Grenal aponta para a compreensão de que o tempo não foi um fator. O fator que ditou o aparecimento, ou não, destas relações foi o resultado e como ele se relacionou com a postura das equipes em campos. Pode ser notado também que o contexto anterior a partida teve peso nesse tipo de comparação da dominação dentro de campo com a imposição masculina, principalmente no caso do Grenal 408 e na vingança por uma ferida sofrida recentemente. A noção da ferida aberta e da vingança também foram condutores do orgulho que os gremistas sentiram na vitória de 1991. Neste caso, a justificativa para a busca por vingança era nacional: os tricolores tinham acabado de ser rebaixados.

3.4.3 Análise das Categorias quanto ao papel do atleta

Os códigos que relacionaram a atuação dos jogadores quanto a um papel performático foram os mais frequentes durante a análise dos documentos. Os

códigos positivos, por exemplo, só não foram encontrados na cobertura do Grenal 418, realizado em 2019. Porém, esta partida não oferece de fato uma relação temporal de redução de citações – o fato de ter sido uma partida com jogadores reservas tirou muito da *intensidade* da partida e, portanto, da cobertura. A Figura 6 apresenta os números referentes a categorização quanto ao papel do atleta.

Figura 6 – Resultados das categorias quanto ao papel do atleta

Quanto ao papel do atleta			
Nome	Arquivos	Referências	
Positiva	8	22	
Negativa	6	10	

Fonte: elaborado pelo autor.

É possível perceber, na Figura 6, que muitas referências positivas, quanto a virilidade, apareceram durante a análise dos documentos no Nvivo 12. Esse resultado demonstra um interesse claro nesse tipo de avaliação, o que faz sentido ao pensar-se que essas coberturas pós-jogo são extremamente avaliativas de atletas e atores da partida.

A questão que surge, então, é: em que espaços do “Caderno de Esportes” essas codificações aconteceram? Como dito anteriormente, as crônicas foram deixadas de fora desta pesquisa, mas ainda sobraram diversos setores da edição que foram considerados. Como esta pesquisa propõe-se a compreender o significado do relacionamento entre o futebol e a virilidade, é fundamental entender o formato que uma avaliação do atleta tem e qual o valor disso para a edição e para o leitor. Por isso, a análise destas duas categorias foi dividida em três grupos, separados quanto à posição dentro do jornal: as citações, as entrevistas e as matérias gerais.

3.4.3.1 A seção de citações

Em todas as edições analisadas existe uma página do caderno dedicada especificamente a “Cotação” dos atletas que participaram da partida. Esses atletas são avaliados pela editoria do jornal, sem a assinatura de um jornalista. Essas

avaliações são representativas do “geral” daquilo que aconteceu dentro de campo e estabelecem, e conversam, com outros pontos da cobertura. Por exemplo, o jogador melhor avaliado na seção de cotações costuma ter uma página do caderno dedicada exclusivamente para ele e sua atuação.

Dentre as 22 referências positivas encontradas nas nove edições analisadas, 10 apareceram das páginas da cotação, indicando uma importante relação entre esta página do jornal com a avaliação dos atletas e do papel exercido por eles dentro de campo. Isso indica também o quanto o valor e o papel são atrelados nesta relação inicial: não é à toa que a palavra “cotação” é utilizada neste sentido.

Na edição de 1999 foram encontradas duas referências feitas nessa página a jogadores de defesa do Grêmio, o vencedor daquela partida. O lateral direito Denílson e o zagueiro Gonçalves são elogiados com o uso de duas palavras que são diferentes e, ao mesmo tempo, parecem se completar nesta análise do desempenho: firme e técnico. A firmeza está ligada à força e à postura corporal dentro de campo. O defensor que é firme não deixa nada passar e impõe-se contra adversários. Ele torna-se uma salvaguarda da defesa. Por outro lado, a noção de técnica no campo de futebol aparece diversas vezes nas análises destas edições do caderno, para diferentes tipos de jogadores e posições. O “técnico” parece funcionar como um substituto gaúcho a noção de “habilidade” ou “talento.” Estes dois códigos são interessantes por catalogarem exatamente esta distinção e aproximação constante de noções de força e virilidade com o conceito de técnica no futebol do Rio Grande do Sul.

A referência presente na edição de 1995 segue por um caminho diferente do anterior. O então capitão do Grêmio, Dinho, é chamado de “o dono do time” (ZH, 1995, p.). Essa noção não havia sido considerada a priori dentro desta categoria, mas sua colocação aqui faz sentido. Traz uma relação de dominação pessoal, além de apontar para a execução de um papel dentro de um time. Dinho é o chefe da casa, o responsável por “botar ordem” no grupo de jogadores do Grêmio. Uma referência similar a esta aparece na edição de 2009, desta vez feita ao capitão colorado, o zagueiro Bolívar. Sua cotação nesta partida é muito positiva, e conclui com uma relação interessante sobre o papel do atleta no elenco do Inter e no campo de futebol. A cotação lembra que “a banda ‘Ataque Colorado’ fez música o chamando de ‘General’. E ele leva ao pé da letra. Chefia a área” (ZH, 2009, p.4). O

uso da palavra “general” é mais uma referência ao convívio militar e as tradições masculinas de guerra e combate.

O jogador Bolívar, portanto, é responsável por chefiar o sistema defensivo colorado e proteger as traves⁴⁶ defendidas pelo Inter. Seu papel, assim como o de Dinho em 1995, fica claro e tem uma forte relação com a tradição da virilidade. Como apontado no capítulo 2 desta dissertação, existe uma relação e histórica e cultural que liga a atividade esportiva com o processo de execução e recebimento de glórias de guerra. É possível enxergar aqui um processo de mistificação do esporte, e de seus personagens masculinos, que são transformados em verdadeiros heróis e combatentes. O associativismo esportivo deu regras ao jogo, portanto suas representações de combate são imaginadas e narrativas. O colorado Bolívar também é elogiado na edição de 2011, por que “Venceu o duelo contra André Lima⁴⁷, inclusive quando saiu à sua caça” (ZH, 2011, p.3). Tanto a ideia de duelo quanto o de caça não haviam sido considerados a priori, porém são inevitavelmente conectados a relação de uma virilidade representada e performada.

Ainda na cobertura do clássico de 2009, a cotação do companheiro de zaga de Bolívar, Índio, diz muito sobre a definição do papel de defensor em um clássico Grenal. A avaliação diz que Índio “é o tipo de jogador talhado para o Grenal. Arrepiou Perea, espanou Douglas e até foi à frente. Havia algum tempo não jogava tanto (ZH, 2009, p.4)”. Índio teve grande destaque na partida, e o ZH decide apontar para o fato de ele ter “arrepiado” e “espanado” seus adversários. Isso somado à consideração de Índio como o atleta exemplar de um confronto entre Inter e Grêmio. A força deste atleta aponta diretamente para a valoração da força como um componente ligado a vitória.

Até aqui, pode ser percebido que as cotações costumam relacionar esse tipo de postura e papel com jogadores de defesa. Eles se tornam a salvaguarda de um tipo de performance corporal muito ligada a noção de “proteção”. Em 1991, novamente dois defensores do Grêmio foram aclamados por sua postura dentro de campo. Vilson é exaltado porque “ganhou todas as divididas” (ZH, 1991, p.6), em uma clara referência à imposição física, é comemorado por ter sido “duro na marcação” (ZH, 1991, p.6). Na edição de 2009, cada equipe teve um defensor elogiado em termos similares. No caso do Inter, o estreante Daniel recebeu palavras

⁴⁶ As traves são os aros da goleira.

⁴⁷ Atacante da equipe do Grêmio em 2011.

positivas quanto sua obediência e marcação forte. No Grêmio, Réver foi elogiado por jogar com “a seriedade de quem joga pelo time dos casados, na igreja e de papel passado” (ZH, 2009, p.4). Réver recebe um papel quanto homem muito claro: do cara sério, que comanda a família, a casa e tem orgulho disso. É mais uma interessante relação da posição de zagueiro com o papel masculino.

Por fim, dois casos chamam a atenção por definirem a medida do sucesso no futebol gaúcho. O primeiro caso aparece na edição de 2001, na cotação feita ao experiente zagueiro gremista, Mauro Galvão. Ele recebe 9, uma nota alta,⁴⁸ e os motivos para isso são muitos e variados. O jornal ZH define sua atuação como “um show. Teve a técnica de sempre, foi firme no combate, preciso nos desarmes. Fez uma bela dupla⁴⁹ com Marinho” (ZH, 2001, p.39). Esta avaliação é extremamente elogiosa e passa pela sua firmeza dentro de campo, mas também por sua técnica. Mauro Galvão é definido como um zagueiro firme e técnico, o que pode ser um resumo do que se espera de um jogador no futebol gaúcho. Na edição de 2015, chama a atenção a única referência positiva, quanto a virilidade, feita, dentro das cotações, a um jogador que não atua na defesa. O meio campista argentino, D’alessandro, ídolo atual do Inter, é destacado por sua capacidade de liderar a equipe. O jornal refere-se ao jogador como um homem que “gosta do Gre-Nal e joga a morrer, mesmo com suas limitações físicas. Comandou o time” (ZH, 2015, p.3), e essa referência parece dizer muito sobre as expectativas quanto a lideranças no futebol gaúcho. D’alessandro é um jogador ofensivo, habilidoso e driblador, mas o fato de “jogar a morrer” o Grenal merece admiração. É importante ter a compreensão, da mesma forma, de como um indivíduo considerado tão conectado a essa rivalidade tem duas relações simbólicas a “morte” dentro desta pesquisa. O argentino aparece como um guerreiro, vestido de vermelho, pronto para dar o sangue a sua equipe e seus torcedores.

Nenhuma referência negativa à atuação dos atletas, no que tange a virilidade, foi encontrada na seção de cotações. Isso pode ser interessante para apontar um caminho para o entendimento quanto ao lugar em que críticas a masculinidade aparecerem e qual o significado delas.

⁴⁸ As cotações acontecem concluem com uma nota, de 1 a 10, que relaciona um valor a atuação do jogador.

⁴⁹ Dupla de zaga, as equipes no futebol brasileiro costumam atuar com 2 zagueiros ocupam a frente do seu gol.

3.4.3.2 Entrevistas

O uso de entrevistas e pequenas citações com atores da partida é uma ferramenta muito presente nas edições analisadas do “Caderno de Esportes” do jornal Zero Hora. Essas pequenas frases são utilizadas para dar ritmo aos textos e a leitura do material, mas também funcionam para chamadas de matérias, e em muitos casos questões de virilidade entram em discussão. Foram encontradas 5 referências positivas dentro de entrevistas ou falas e 4 negativas, o que mostra um interessante equilíbrio no uso deste dispositivo textual.

Na edição de 1991, a fala do goleiro colorado, Fernandez, já mencionada anteriormente, ganhou destaque em uma das páginas do caderno. A Figura 7 aponta um dos exemplos de referências que deram título a uma matéria.

Figura 7 – Destaque a fala negativa de Fernandez



Fonte: ZH, 1991, p.9.

O destaque dado a este ponto negativo, demonstrado na Figura 7, é significativo na compreensão de como o Jornal Zero Hora enxerga esse tipo de afirmação. Ela é constantemente feita por treinadores e jogadores derrotados e parece pontuar um caminho para a compreensão da origem e do significado da opinião quanto ao resultado de campo.

Essa relação negativa aparece em outras situações. Na edição de 2015, o volante gremista, Wallace, define o gol sofrido dizendo que o time “deu mole” (ZH,

2015, p.7). Esse mole é igualmente físico, mental e pejorativo⁵⁰ dentro do contexto da masculinidade no Rio Grande do Sul. Muitas vezes, essa negatividade quanto ao papel e a atuação do atleta servem de justificativa, ou explicação, para uma derrota. É o caso da derrota colorada no Grenal 388, coberto pelo ZH em 2011. O treinador do Inter a época, Dorival Júnior, define a derrota em uma questão de *vontade*. O adversário quis conquistar e entrou em campo pronto para “decidir” (ZH, 2011, p.7), enquanto o seu time apenas para jogar. O mesmo pode ser percebido na descrição da derrota sofrida pelo Grêmio em 2004 feita pelo atacante Christian. Ele diz que “faltou vontade ao time” (ZH, 2004, p.4), esta vontade ligou-se ao resultado por meio da atuação, sinalizada em toda a cobertura, sem explosão dos tricolores. Isso pode ser visto na fala de Lori Sandri, técnico do Inter em 2004, que define que o Grêmio entrou de “sangue doce” (ZH, 2004, p.5).

Essas referências são muito próximas em sentido e objetivo e deixam claro o quanto esse valor energético e explosivo é considerado parte fundamental da atuação do atleta dentro de campo no clássico Grenal. O mais interessante destas citações e partes de entrevistas é o quanto os próprios atores das partidas consideram importante, e natural, essa forma de cobrança.

Voltando a década de 1990 podemos encontrar, na edição de 1999, outro título de matéria que traz uma conotação negativa à performance física dentro de campo. “Roth: ‘Faltou pegada’” (ZH, 1999, p.6) estampa uma das manchetes contidas no caderno. A falta de pegada traz mais uma referência a potência – no caso, a falta dela – como um dos fatores determinantes de uma derrota em clássico Grenal. O treinador gremista deixa claro o quanto, nesta jornada, faltou a seu time capacidade de disputa contra um adversário *potente*. Nesta mesma edição, outra manchete fala da falta de força dos gremistas. A figura 8 demonstra como, mais uma vez, existe um grande destaque na cobertura a esse tipo de manifestação.

⁵⁰ Uma moleza que se aproxima da impotência sexual e corporal.

Figura 8 – Jogador gremista desabafa e vira manchete



Fonte: ZH, 1999, p.8.

A Figura 8 apresenta uma dicotomia interessante. A falta de garra gremista, neste caso, é diretamente oposta a força colorada. Isso é significativo e reforça ainda mais a importância da virilidade na performance corporal destes atletas. A falta e a existência da virilidade funcionam, mais uma vez, como pontos de análise da partida.

Dentre as representações negativas em falas, fica claro que o tempo não diminuiu a frequência delas, mas pode ter sinalizado para uma importância menor dentro das decisões editoriais do jornal. Apenas na década de 1990 podem ser encontradas manchetes que colocam falas ligadas a masculinidade em destaque. Nas décadas de 2000 e 2010 essas falas misturam-se dentro do restante do texto, tomando assim menos proeminência.

Quanto as manifestações positivas de atletas e treinadores no que tange a virilidade, aparece a exaltação desta mesma força. Na edição de 2001, o goleiro Hiran, do Inter, é eleito melhor do campo e herói colorado. Ao falar sobre o carinho recebido da torcida, foi enfático: “brigo pelo time, seja no tapa ou no futebol” (ZH, 2001, p.38). A briga pelo time é significativa aqui, até mesmo pela menção ao tapa. A agressividade é confirmada, não apenas sugerida. Faz parte da relação que os atletas têm com o campo de futebol. Em 1999 e 2015, outras vitórias coloradas são definidas pela garra. Na primeira feita, pelo treinador, que “exaltou a garra dos jogadores” (ZH, 1999, p.7), e mais recentemente na fala do volante Rodrigo Dourado. Ele reforça que o vencedor – seu time – foi aquele que mostrou mais garra e persistência.

Entre as referências em entrevistas, destacou-se a importância dada por atores e membros das equipes a noções como “garra” e “força.” Em muitos

momentos, o jornal parece passivamente reafirmar algo que já está atrelado ao convívio diário de jogadores. A expectativa quanto a atuação deles é implícita e não precisa ser perguntada ou questionada por membros da imprensa: eles mesmo cobram isso de companheiros e, no caso de treinadores, dos seus comandados.

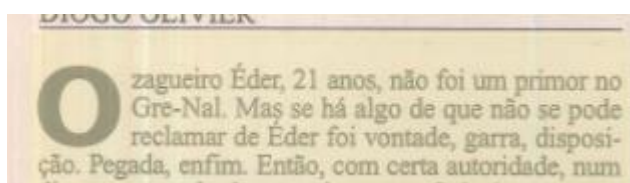
O fato de citações muito similares terem sido encontradas em diferentes períodos, novamente, aponta para o entendimento de que o tempo não é um grande fator. No máximo, pode ser percebido uma diminuição do espaço dado pelo ZH na cobertura.

3.4.3.3 Matérias gerais

Esta última seção reúne as codificações desta categoria que não estavam presentes nem na cotação, nem eram oriundas das falas de atletas e treinadores. São falas que estão presentes nos textos e fazem parte do andamento natural da cobertura. Portanto, elas de alguma forma representam uma visão generalizada do jornal, já que não foram analisadas crônicas.

Em 1991, a vontade do Grêmio, vencedor da partida, é exaltada. Além disso, a coragem do treinador é pontuada como um dos motivos da vitória gremista. Esses dois pontos fazem uma contraposição interessante a já citada “falta de gana⁵¹” do Inter nesta partida. Na edição seguinte a ser analisada, em 1995, o time do Grêmio é elogiado por ter disputado “cada jogada com vigor” (ZH, 1995, p.6). A figura 9 demonstra como a década de 1999 foi finalizada, com uma única referência positiva.

Figura 9 – Texto traz elogios ao atleta vencedor



Fonte: ZH, 1999, p.8.

A Figura 9 traz um contundente elogio ao jogador que, nesta mesma partida, havia reclamado da falta de vontade de sua equipe⁵². Desta forma, o ZH parece

⁵¹ Presente na figura 6.

⁵² Presente na figura 8.

concordar com o atleta e reforçar a opinião dele, dizendo que ele tem exatamente o necessário para vencer um Grenal: porém, a equipe dele não teve o mesmo. Este trecho é significativo no que diz respeito a forma como o caderno trata destas questões, principalmente nesta década. O destaque dado à falas que cobram força é bastante evidente.

Em 2001, foi percebida uma passagem muito interessante quanto ao papel do atleta na reflexão do jornal. Ao descrever uma possível discussão entre dois jogadores, o caderno diz que “no primeiro tempo, irritado, Tinga desdenhou da diferença de tamanho e partiu para cima de Willian⁵³. Queria briga” (ZH, 2001, p.40). O foco no tamanho e no desejo de briga do volante gremista, Tinga, é importante para pontuar, mais uma vez, como as noções de competição e disputa física fizeram-se presentes durante está análise. Em muitos momentos foram percebidas indicações de desejo de disputa corporal além do necessário para o futebol. Os atletas queriam isso, e o jornal apenas conta parte da história. No “Caderno de Esportes” seguinte entre os analisados, em 2004, outro exemplo: depois de um lance violento, o jornal ZH diz que “houve discussão e troca de palavrões. Quando acabou o jogo, porém, prevaleceu o bom senso. Ambos⁵⁴ se abraçaram” (ZH, 2004, p.6). O significado dessas referências é impossível de ser afirmado com certeza, mas existe um interesse claro em formas de violência como uma corrente discursiva dentro do clássico Grenal.

Em 2009, a falha do goleiro Victor novamente aparece em destaque. O ZH aponta que “os companheiros sentiram que a rocha estava ruindo” (ZH, 2009, p.7) quando o goleiro falhou. Esse comentário aponta para uma interpretação de falha na hora de cumprir um papel por um atleta que, até aquele momento, servia como um firmamento para sua equipe. A perda da solidez não havia sido considerada a priori, mas esta falha de Victor tem amplo espaço na edição de 2009 e aponta para uma interpretação de perda da imagem dominadora e forte, ligada ao masculino, no jogador que falhou.

Por fim, duas referências do Grenal 418, que aconteceu em 2015. O primeiro destaque, positivo, aparece logo na capa do “Caderno de Esportes” daquela edição. O título “COM A FACA NOS DENTES” (ZH, 2015, p.2) reflete um claro interesse na força colorada, que venceu a partida. O vencedor não jogou, lutou com a faca nos

⁵³ Jogador do Inter em 2001.

⁵⁴ Os jogadores Christian, atacante do Grêmio, e Alexandre, zagueiro do Inter.

dentos. Este destaque dado a essa frase é a única vez, entre as edições analisadas, que aparece logo na capa uma referência tão direta a um agir viril. Vale lembrar, como já foi apresentado neste capítulo, que essa partida ficou marcada por uma vitória do Inter depois de ter sofrido uma grande goleada. A noção de vingança tomou conta de toda essa edição. Existe, ainda, uma referência negativa a atuação de um jogador gremista que vale ser mencionada. Ao descrever o gol que dá a vitória ao Inter, o jornal decide apontar a falha do zagueiro gremista, Erazo, e diz que o atleta quis evitar o chutão, porque “queria sair do seu jeito, elegante” (ZH, 2015, p.10). A elegância é comparada com uma falha do atleta, que deveria ter decidido o lance com *firmeza*. A crítica é de certa forma, sutil, mas considerando os já explorados processos de reafirmação e adaptação da virilidade na formação da identidade masculina, essa crítica tem valor fundamental.

Os três modos encontrados de avaliação do papel do atleta dentro do ZH apresentaram importantes caminhos para a compreensão da forma como o atleta é visto dentro do jornal. Destaca-se o foco dado para a própria leitura dos atletas sobre atuações fragilizadas. As principais críticas, aliás, partiram de pessoas envolvidas com a partida, e não membros do jornal. Isto é importante para iluminar a leitura dos resultados e enxergar, de maneira mais ampla, a origem das cobranças e leituras quanto a masculinidade no futebol gaúcho.

3.4.4 Análise das categorias quanto ao estilo gaúcho

A categorização envolvendo as diferenças do Rio Grande do Sul não gerou muitos resultados. Na verdade, existe uma naturalização do estilo de jogar futebol gaúcho, que está presente nas duas categorias apresentadas anteriormente. Existe, desta forma, uma constante valoração à força e à firmeza, qualidades que parecem distante do estilo brasileiro de jogar “futebol-arte”

Por isso, algumas referências usadas para categorizar quanto ao papel do atleta também foram utilizadas para definir o estilo gaúcho de jogar futebol, pelo fato dessa relação acabar sendo intrínseca quando se trata de clássico Grenal.

Para aprofundar esta questão e realmente compreender o estilo gaúcho de jogar futebol, as citações a grandeza do clássico Grenal, e suas peculiaridades, ganharam destaque. Então, existem dois tipos de codificação ao estilo gaúcho.

Algumas que já foram citadas e as que refletem sobre as diferenças do clássico Grenal com o futebol disputado no resto do Brasil.

As codificações que entraram na categoria de futebol arte são casos que falam sobre habilidade, dribles e talentos de jogadores de Grêmio e Inter. Esses códigos servem para buscar uma relação entre o futebol gaúcho e o brasileiro e uma contraprova aos pontos apresentados anteriormente neste capítulo. Existe, nos “Caderno de Esportes” do Jornal Zero Hora analisados, claras menções exaltando o drible e a arte do futebol? A figura 10 mostra o número de referências para cada uma das duas categorias.

Figura 10 – Resultados das categorias quanto ao estilo gaúcho

Quanto ao estilo gaúcho			
	Nome	Arquivos	Referências
	Futebol-arte	6	8
	Futebol Gaúcho	8	19

Fonte: elaborado pelo autor.

A quantidade de códigos em cada uma das categorias diz muito sobre a relação encontrada entre o estilo gaúcho e características do futebol brasileiro, mas a relação não é tão direta assim. Como dito anteriormente, muitas das referências do “Futebol Gaúcho” já apareceram em outros momentos, como a manchete de capa da edição de 2015, “COM A FACA NOS DENTES” (ZH, 2015, p.2). Esses casos foram colocados em ambas categorias porque sinalizam algo importante sobre a relação do Rio Grande do Sul com a virilidade e o estilo de futebol praticado no estado.

3.4.4.1 Grenal como um campeonato à parte

O fato do clássico Grenal ser tratado como uma competição própria, separada do campeonato em que a partida está sendo disputada, fica muito presente na edição analisada do ano de 1999. Grêmio e Internacional enfrentam-se por uma vaga na final da Copa Sul, e o Inter precisava vencer por três gols de diferença para

garantir a classificação. Venceu por 2x0. Mas ao invés de lamentar a perda da vaga na decisão de uma competição regional, os colorados comemoraram a conquista sobre o maior rival. Inicialmente, a primeira matéria da edição afirma que “os 10 minutos finais do Grenal de ontem à tarde provaram: o gaúcho é um privilegiado no quesito miocárdio e coronárias” (ZH, 1999, p.2). A emoção do final da partida foi usada para reforçar parte da identidade local e a força do indivíduo do Rio Grande do Sul. Depois, aponta para Fabiano, autor de um dos gols do Inter, como um homem especial, que gosta de fazer gols em seu rival. “Ver o azul, preto e branco⁵⁵ do rival parece dar energia extra ao atacante do Inter” (ZH, 1999, pg.2) afirma o ZH, apontando para o currículo artilheiro, em Grenal, do colorado. O mais interessante desta cobertura, entretanto, é a noção de tristeza que os gremistas sentiram, mesmo com a classificação, oposta ao orgulho dos eliminados do Inter. O jornal explica essa oposição notando que “cartesianamente, o Grêmio atingiu seu objetivo..., mas quem disse que o Grenal é cartesiano? (ZH, 1999, p.8).”

Racionalmente, deveria ser ao contrário, os gremistas felizes e os colorados decepcionados com a desclassificação. Mas esta edição do caderno faz questão de pontuar que o clássico Grenal é um jogo diferente, que significa mais que qualquer campeonato. Referências como estas são muito frequentes. Em 1991, o Grêmio que acabara de ser rebaixado no Campeonato Brasileiro vinga-se disso ao conquistar uma vitória contra o Inter no Campeonato Gaúcho, e o ZH afirma que o Grêmio, apesar do rebaixamento, “segue a mandar nos gramados do Rio Grande do Sul” (ZH, 1991, p.6). Em 2001, foi notada a fala do experiente⁵⁶ zagueiro gremista, Mauro Galvão, que afirma que “são dois campeonatos: o Gauchão em si e o Grenal. Para o jogador, especialmente o gaúcho, Grenal nunca é amistoso, em hipótese alguma – ensina Galvão” (ZH, 2001, p.41). O uso do verbo ensinar aqui é contundente: como um dos jogadores mais experientes do grupo gremista, Mauro Galvão precisa dar aulas sobre como encarar um clássico Grenal, principalmente no que diz respeito a necessidade de encarar o jogo como uma disputa independente da tabela de classificação.

O caso do Grenal de 2019 é interessante nesta questão. O jogo foi disputado por equipes reservas, o que de certa forma tirou um pouco da relevância da partida.

⁵⁵ Cores do Grêmio.

⁵⁶ Profissional desde a década de 1970, Mauro Galvão começou a carreira defendendo o Internacional. Em 2001, com 40 anos, defendia o Grêmio. Por isso é considerado um conhecedor do clássico Grenal.

A cobertura do dia seguinte a este duelo começa contando os motivos que levaram ao uso de reservas, mas pontua que “isso tudo foi antes de Anderson Daronco iniciar o jogo. Porque, depois do apito, o Gre-Nal viraria aquilo que o Rio Grande do Sul está habituado a ver há 110 anos” (ZH, 2019, p.2). Mesmo em uma situação de redução do valor técnico da partida, o jornal faz questão de reforçar que o Grenal sempre tem importância e, o que é mais importante para esta análise, características próprias.

Desde o começo desta análise, e como foi dito durante a apresentação dos resultados quanto à dominação, a valoração de certas características da partida dependia da qualidade do jogo em si. Em grande medida, os jogos selecionados foram sempre definidos como jogos truncados⁵⁷, feios e muito defensivos. Este aparenta ser a característica principal do estilo gaúcho, pelo menos analisando estas nove partidas. É isto que o Rio Grande do Sul está acostumado a ver do Grenal. Existe nesta expectativa uma clara relação de valoração do estilo de jogo gaúcho.

A provocação entre as torcidas também foi percebida como uma característica deste gauchismo dentro e fora de campo. Em muitos momentos, como no caso da vitória colorada em 2015, quando o colorado provocou o gremista, ele devolveu e o caderno fez questão de pontuar o relacionamento das torcidas. Nesta edição também foi vista, pela primeira vez nesta pesquisa, uma menção à torcida mista⁵⁸. Essa peculiaridade do futebol gaúcho é usada nesta edição e na de 2019 como uma forma de afirmar características do povo e do torcedor gaúcho. O jornal conta que “os colorados cantavam o ‘ão, ão, ão, segunda divisão’, os gremistas respondiam com ‘um, dois, três, quatro, cinco’, e a torcida mista, bem, essa confraternizava” (ZH, 2015, p.2).

A relação com as competições continentais,⁵⁹ consideradas as mais importantes para os clubes brasileiros, do clássico Grenal também pode ser observada nesta análise. A vitória do Grêmio sobre o Inter narrada na edição analisada de 2011 acontece logo após o Inter vencer a Recopa Sul-americana. Isso foi tratado como uma forma de aumentar a vitória, mas mesmo assim a força do Grenal foi ressaltada. A capa do “Caderno de Esportes” analisado no ano de 1995

⁵⁷ Com poucos espaços para dribles e jogadas artísticas.

⁵⁸ Ação conjunta de Grêmio e Inter que separa um espaço do estádio para que torcedores das duas equipes assistam ao Grenal juntos.

⁵⁹ Copa Libertadores da América, Copa Sul-americana e Recopa Sul-americana são as três principais competições continentais da América do Sul.

estampa a frase “A AMÉRICA COMEÇA PELO SUL” (ZH, 1995, p.1), significando a importância dada ao título gaúcho e a vitória sobre o Inter na caminhada tricolor para conquistar a Libertadores da América daquele ano. Esta relação é importante para reafirmar o papel e as características do gauchismo em comparação com o estilo brasileiro.

3.4.4.2 Menções ao estilo brasileiro

O interesse e as constantes menções ao estilo gaúcho e as especificidades do clássico Grenal não significam que, de forma alguma, a cobertura feita pelo Jornal Zero Hora nas edições analisadas ignorou a arte do futebol. Por sete vezes, um jogador ou um lance foram elogiados pela sua beleza estética e plasticidade dentro do campo de jogo, algo muito ligado a imagem de futebol brasileiro.

Na edição de 1991, o atacante Pino, do Grêmio, é eleito o craque da partida. Sua atuação é adorada porque ele jogou “com classe, com eficiência, com objetividade. Jogou fácil” (ZH, 1991, p.7). A atuação do atacante gremista também é destacada por seus dribles e o talento do atleta ganha grande destaque. Na edição de 2004, outra vez, um jogador gremista é exaltado por sua capacidade de driblar os rivais. A cotação do atleta afirma que Marcelinho foi “o melhor do Grêmio. Passou o jogo driblando os adversários pela direita, pela esquerda, pelo meio. Só era parado com faltas” (ZH, 2004, p.3). Essa citação já é bem mais clara da valoração e respeito de um atleta que tomou conta da partida por seus dribles e capacidade de fazer coisas bonitas dentro de campo. É uma manifestação daquilo que marcou a forma do brasileiro jogar futebol presente na cobertura do ZH de um clássico Grenal. O jogo de 2004 também ficou marcado por ser, entre os analisados, o que quebrou a rotina, segundo o ZH. Não que tenham sido feitos muitos elogios ao “espetáculo”, mas uma frase resume bem o sentimento daquela edição do caderno: “O clássico deste domingo quebrou a rotina de Grenais truncados e mal jogados” (ZH, 2004, p.6).

É muito presente, nas coberturas feitas pelo ZH, a descrição de lances da partida, que entra em detalhes de momentos considerados importantes para o jogo, como gols e oportunidades perdidas. Uma das oportunidades perdidas, em 2009, recebeu um tratamento muito sugestivo nessa relação da diferença do Rio Grande

do Sul com o futebol brasileiro. Em lance gremista, o jornal conta que “Souza entrou a drible na área e passou para trás, para Herrera, que encostou na bola de tornozelo e pariu algo entre um passe e um chute, um troço torto e fraco, sem direção” (ZH, 2009, p.2). Essa passagem é interessante por estabelecer um claro contraponto entre um lance bonito, de futebol arte, e algo considerado feio dentro do futebol. O fato do atacante Herrera, que errou na jogada, ser argentino traz um ar adicional de brasilidade ao trecho.

Os elogios a atacantes habilidosos apareceram duas vezes na cobertura do clássico 408, disputado em 2015. O ZH afirma nesta edição que o atacante gremista, Luan “com a bola colada no bico da chuteira, como se estivesse em quadra de futsal, levava terror aos dois ou três rivais que bufavam diante dele sempre” (ZH, 2015, p.2). O terror neste caso é altamente ligado ao futebol arte e a capacidade de um atacante habilidoso deixar seus rivais perdidos. O mesmo foi dito do atacante Vitinho, do Inter, que fez o gol da vitória colorada. Ele foi considerado “o mais perigoso dos atacantes, procurou o jogo, driblou, tentou e acabou premiado pelo gol” (ZH, 2015, p.3). Esta avaliação do atacante colorado está presente na seção de cotações, o que traz um ar interessante de valoração de uma atuação muito positiva em um clássico Grenal. A positividade de Vitinho, nesse caso, foi sua capacidade de deixar os zagueiros gremistas perdidos dentro de campo, e o prêmio foi o gol que decidiu a partida.

As referências feitas ao talento dos atletas e ao estilo mais associado com o Brasil de jogar futebol existiram, mas não escondem a predominância de um reconhecimento do estilo gaúcho dentro das coberturas analisadas. Eles comprovam, na verdade, que o estilo gaúcho está presente e faz parte da expectativa quanto ao jogo e a performance dos atletas. Não é à toa que um jogo bonito ou alguns dribles mereçam atenção. O normal, dentre as partidas analisadas, é que os jogos sejam realmente *truncados*.

O fato de existirem menções ao talento e a arte dos atletas pode também servir como um caminho para a compreensão da origem da performance ligada ao estilo gaúcho. Fica aparente que essa expectativa não parte diretamente da imprensa. Ela está ligada a cobrança que os clubes fazem de si mesmos antes e depois das partidas, inclusive com a comparação do Grenal com outras competições. Parece ser natural a necessidade de jogar no estilo gaúcho para ser competitivo nessas partidas.

3.4.5 Análise das categorias quanto ao valor de mercado

Foram encontradas poucas referências claras ao valor financeiro dos atletas na análise das nove edições selecionadas do “Caderno de Esportes” do Jornal Zero Hora, o que de alguma forma provou-se muito significativo nesta pesquisa. O fato de as questões de mercado não entrarem de uma maneira clara e frequente na avaliação feita pelo ZH das partidas pode indicar algo sobre como este valor é enxergado dentro do futebol gaúcho e do clássico Grenal. A figura 11 demonstra o número de referências presentes nestas categorias, sendo a categoria definida como *valioso* usada em valorações positivas do valor de mercado do atleta e a categoria de *prejuízo* feita para casos em que o atleta é criticado pelo seu valor exacerbado.

Figura 11 – Resultados das categorias quanto ao valor de mercado

Quanto ao valor de mercado			
	Nome	Arquivos	Referências
	Valioso	6	7
	Prejuízo	3	3

Fonte: elaborado pelo autor.

O primeiro ponto importante a ser tocado nesta categorização é sobre a já mencionada seção de cotação, presente em todas as edições. Esta seção faz a avaliação dos atletas a partir da performance dentro de campo, mas o título indica um juízo de valor financeiro. A palavra cotação é usada geralmente como um calibrador e estabilizador de “valoração” no mercado, e o uso dela aqui deve ser considerado. Entretanto, ao analisar as avaliações em si, pouco foi encontrado que relacionasse de fato a atuação com algum tipo de valor de mercado.

A única referência dentro do valor de mercado que apareceu na seção de cotação foi na do lateral Leonardo, no Grenal 418, em 2019. Segundo a publicação, autor do gol da vitória “teve tranquilidade na cara do goleiro, após triangulação de luxo que envolveu Montoya e André” (ZH, 2019, p.5). A noção de “luxo” combina bem com a seção de cotação, mas ela apareceu só uma vez, na última edição analisada. Não existe, portanto, um parâmetro que de fato relacione essa avaliação com uma tendência da publicação, muito menos da imprensa esportiva como um

todo, de relacionar o valor atleta com quantias financeiras. Pelo menos na cobertura do Grenal, o valor de mercado de um atleta aparenta ter pequena importância.

A referência feita ao valor específico de um jogador está presente na primeira edição analisada, de 1991. O valor do atleta Pino, destaque da partida, é citado como uma das questões a serem tratadas pelo Grêmio após o confronto. Ao falar sobre o valor, o ZH indaga e responde prontamente: caro? Um conselheiro⁶⁰ que estava no vestiário após o jogo disse que ‘esse é preço de duas ovelhas, é claro que o Pino fica’” (ZH, 1991, p.7). O valor necessário para a compra era de U\$300 mil, o que não era um valor exorbitante, mas também não significava pouca coisa no mercado esportivo da época. Mesmo assim, era claro que Pino valia, afirma a edição e o conselheiro entrevistado. Vale lembrar que a atuação de Pino foi citada, anteriormente nesta pesquisa, como estando ligada ao futebol arte. Portanto, uma das poucas situações positivas quanto ao dinheiro não foi ligada a força ou a virilidade do atleta, mas sim ao seu talento com a bola nos pés. Isso aponta, novamente, para a compreensão de que a valoração da virilidade não é prioritariamente financeira.

Outra citação à palavra luxo aparece na edição de 1995. O goleiro Silvio, do Grêmio, foi definido como um “reserva de luxo” (ZH, 1995, p.6) por seu treinador, Luiz Felipe. A noção de reserva de luxo é interessante, porque aponta para um jogador que deve ser barato, e mesmo assim entrega um grande “valor” a sua equipe. Existe nesta edição do caderno outra menção ao valor de mercado, desta vez ligada ao prejuízo. O Campeonato Gaúcho é definido como uma competição de “retorno financeiro medíocre” (ZH, 1995, p.8) e por isso o Grêmio estava com seus reservas em campo. Essa passagem é interessante em relação a interpretação que o jornal faz desta competição. Em muitos momentos, como já mostrado nesta análise, a disputa local é exaltada por seu valor emocional e de combatividade. Porém, no quesito valor de mercado, o campeonato gaúcho é considerado medíocre. Novamente, a virilidade e o dinheiro não aparecem ligados, neste caso até provocando interpretações completamente diferentes sobre um mesmo tema.

Na edição de 1999 também temos uma codificação valiosa e outra ligada ao prejuízo. Primeiramente, aparece uma citação de sondagem de uma equipe italiana na compra do volante Anderson, do Inter. A direção do clube deixa claro que a

⁶⁰ Conselheiro do Grêmio. Conselheiros são torcedores que recebem poder de voto nas decisões do clube, em um modelo feito para manter a direção em respeito aos desejos da torcida.

venda do atleta só seria realizada se os italianos pagassem um “valor considerável” (ZH, 1999, p.9) para ter o passe⁶¹ do jogador. O outro volante da equipe, Dunga, foi questionado sobre o seu valor de mercado. O jogador fez o gol da vitória colorada no domingo, dia 28 de março de 1999, e aproveitou o momento para responder os críticos de seu futebol. O atleta afirmou que “Muita gente fala da minha volta, existe a crítica por inveja e a crítica dos críticos. Aquela da inveja é pelo que eu ganho no fim do mês, é para essas pessoas que eu dedico a vitória no Grenal” (ZH, 1999, p.10).

Na década de 2000, apenas uma referência foi encontrada envolvendo o valor de mercado de atletas, e está atrelada ao prejuízo sofrido pelo Grêmio na contratação de um reforço. O atleta Fábio Rochemback foi contratado no meio da temporada de 2009, e na edição do “Caderno de Esportes” analisada neste ano, fica claro que a avaliação da negociação não era positiva. O jornal afirma categoricamente que o Fábio “chegou ao Olímpico como grande reforço em meio ao campeonato, não conseguiu jogar bem uma única vez, e ontem foi nada menos do que bisonho” (ZH, 2009, p.2). A má atuação deste atleta é significativa exatamente pelo valor dado por ele, como grande reforço gremista para o campeonato. O uso do termo reforço é importante para a avaliação de atletas que são contratados durante uma temporada. Existe uma expectativa quanto a atuação deles, já que eles devem adicionar ao que já estava sendo executado pela equipe. Portanto, a atuação ruim de um reforço significa a perda de um investimento financeiro por parte do clube.

Na última década analisada, 2010, foram encontradas duas referências ao “luxo⁶²” como um adjetivo para a atuação de um jogador ou para a qualidade de uma jogada. Em 2011, o treinador do Grêmio, Celso Roth, disse que o lateral direito da equipe teve uma “atuação de luxo” (ZH, 2011, p.6). O lateral Mário Fernandes foi importante no gol gremista na vitória no Grenal 388, por isso recebeu este elogio cheio de valor de seu comandante. Em 2015, o Grenal em si foi comparado com o ouro. O jornal ZH chama o Grenal de “um jogo desse quilate” (ZH, 2015, p.2). Essa comparação é uma valorização interessante da partida, mas parece ter mais um valor simbólico do que financeiro. O quilate está atrelado a grandeza da partida,

⁶¹ Referem-se ao direito de um clube de inscrever e utilizar um jogador em competições oficiais da FIFA.

⁶² Além da citação a atuação de Leonardo, já mencionado neste capítulo.

simbolicamente, do Grenal com o universo do esporte e a tradição que um jogo entre Grêmio e Internacional carrega.

As referências ao luxo trazem uma interessante relação da qualidade e da capacidade decisiva dentro do futebol com o dinheiro. É interessante analisar também que nenhuma falta, carrinho ou dividida teve o tratamento quanto ao valor, apenas jogadas de ataque. Isso é significativo, ainda mais se comparado com a relação de positividade quanto à atuação viril do atleta, que está reservada exatamente para jogadores de defesa, com apenas uma exceção.

Isso indica uma separação do campo de jogo e dos papéis dos jogadores no maior clássico do Rio Grande do Sul. Os zagueiros, defensores e capitães têm uma performance viril, muito ligada a força, e também são os principais responsáveis por cobrar isso da equipe em caso de derrota. Por outro lado, os atacantes recebem adjetivos ligados ao futebol espetáculo e suas jogadas são chamadas de luxuosas e brilhantes. Novamente, o fato de terem sido encontradas mais referências quanto a virilidade no papel do atleta do que ao valor de mercado dele, pode ser explicado pela característica do clássico Grenal, de ser um jogo truncado. Os defensores recebem destaque porque o jogo gira mais em torno deles, tendo pouco espaço para jogadas brilhantes.

3.5 Considerações de metodologia e análise

Este capítulo serviu para trazer de forma empírica as reflexões teóricas que pautaram os dois capítulos anteriores. Com a criação, pautada pela teoria, de uma metodologia, foi possível contextualizar e analisar de maneira detalhada os documentos tirados do Jornal Zero Hora. Considerando-se a importância do contexto histórico da produção da memória esportiva e da significação do conceito de virilidade, julgou-se fundamental a criação de uma metodologia oriunda destas teorias para o tratamento do empírico.

As quatro noções principais que nasceram desta criação metodológica baseada nos dois primeiros capítulos serviram como matéria prima das categorias de análise, que colocaram frente a frente questões que, por muitas vezes, pareceram ser contraditórias. Durante a apresentação dos resultados, por exemplo, notou-se uma distância entre a noção de valor e a valoração da virilidade do atleta.

Comprovou-se que a dominação dentro de campo tem relações com expectativas de masculinidade. Em muitos momentos, durante a análise das categorias atreladas ao domínio, pode ser percebida uma relação direta entre o vencedor e o seu uso da força. Além disso, foi possível enxergar um esforço de indicar ao atleta um papel masculinizado. Destaca-se desta análise o fato dessa cobrança partir, essencialmente, de jogadores e treinadores, ficando em segundo plano na própria avaliação do jornal.

Por fim, pode ser analisado no tratamento dos materiais uma clara relação entre o futebol gaúcho e um estilo de jogo *truncado*. Os defensores, de ambas as equipes, acabaram sendo percebidos como responsáveis por derrotas e vitórias, o que confirma o interesse do futebol no estado de se distanciar a noção de futebol arte, tipicamente brasileira.

CONCLUSÃO

O papel do esporte na construção da identidade masculina moderna foi um dos pilares desta dissertação. O objetivo de compreender o espaço da virilidade e de expectativas quanto ao viril na atividade esportiva norteou a reflexão envolvendo tanto a discussão de gênero como a apresentação da tradição da sociologia esportiva. Notou-se que, durante todo o processo histórico de construção do masculino e das definições do conceito de virilidade, o esporte ocupou um papel de basilar na performance corporal do homem. O processo de definição da identidade masculina também foi considerado no contexto histórico e sociológico do esporte organizado, produto institucional de uma sociedade preocupada com a racionalização dos indivíduos e de atividades coletivas, como o esporte.

O entendimento do esporte como uma dimensão do social capaz de inferir na identidade masculina não é novidade do futebol e nem do final do século XIX. Desde a origem da atividade esportiva, e da competição física, o resultado esportivo esteve conectado com o processo de criação e identificação do conceito de virilidade. Nesta dissertação, entretanto, partiu-se do pressuposto de que a mídia e a relação do esporte moderno com valores milionários interferem na relação da atividade com aquilo que define a performance corporal masculina.

O futebol brasileiro, como visto ao longo da pesquisa, representa para o País um componente importante da identidade nacional. Este esporte, que entrou no Brasil por meio de imigrantes europeus, chegou com regras e padrões de atuação institucionalizados e feitos nos moldes da cultura inglesa do final do século XIX. A criação de regras transformou o futebol: de uma atividade recreativa para um jogo socializador.

A fundação de associações esportivas no futebol foi um passo fundamental para a solidificação dele como esporte moderno. A busca pela compreensão do poder social desta atividade organizada passou, nesta pesquisa, pela definição do esporte espetáculo como resultado da associação esportiva e dos esforços coletivos de utilizar o esporte como uma maneira de socializar jovens membros de uma sociedade.

No Brasil, o futebol já chegou organizado e regrado, baseado no jogo inglês, com regras da *football association*. Portanto, os primeiros jogadores do País eram membros das classes elitistas e trabalhadores europeus que migraram para trabalhar na indústria nacional da época. Isso gerou um ponto de partida na identidade do atleta nacional. A mudança ocorreu por meio da profissionalização e da identificação do craque brasileiro como sendo negro ou pardo, comumente de origem pobre, e que criava arte com a bola nos pés. A segunda década do século XX viu o estilo brasileiro de jogar futebol tomar forma em torno desta imagem do jogador brasileiro.

Esse estilo nunca foi unificado e padronizado, é verdade, mas ele sempre esteve ligado às glórias esportivas da seleção nacional. Criou-se uma identidade brasileira em torno deste estilo, ecoada tanto por membros da nação como por estrangeiros. Por isso, esta pesquisa propôs-se a estudar o futebol gaúcho, como uma faceta da tradição do futebol brasileiro que rompeu com a noção de arte no futebol. Nesta pesquisa, a problemática foca na diferença do futebol jogado no Rio Grande do Sul e as expectativas quanto a performance corporal dos atletas de Grêmio e Inter, as duas maiores equipes do estado. Percebeu-se que a motivação para o desejo por diferenciação no estado parte de dois pontos fundamentais:

- a) O estado tem em sua tradição uma relação mais próxima com os países com quem faz fronteira, Argentina e Uruguai.
- b) O constante estado de guerra que a região viveu nos séculos XVII e XIX criou expectativas ligadas à virilidade no convívio social dos homens. O combate tornou-se marca da identidade local, com a imagem do *gaúcho* representando o povo dessas terras.

Considera-se também que a relação da virilidade com o esporte é antiga e está na própria construção e entendimento do viril como a matéria-prima do masculino. Desde a Grécia Antiga, quando o conceito de viril surge como uma definição do masculino, a atividade e a representação do corpo por meio da competição fazem parte do entendimento de virilidade. É na atividade esportiva que o homem consegue a imposição sobre outros homens fora do campo de batalha. Isso também significa dizer que o esporte sempre se relacionou com uma performance militarizada e competitiva.

O corpo masculino sempre foi visto como um importante instrumento da definição e da imposição da virilidade como uma marca de dominação. O homem,

ao buscar a vitória no esporte, está também refletindo sobre a relação de poder existente nos seus convívios. Dessa forma, o esporte ganha suas raízes quanto ambiente de defesa de honra e orgulho, de imposição dos desejos de uma comunidade sobre outra e, acima de tudo, de defesa de um entendimento viril de masculinidade.

Durante o século XX outras racionalizações entram em pauta no esporte. A entrada de grandes fortunas, acompanhadas de aporte midiático, transformaram o esporte em um dos produtos mais rentáveis e interessantes, no ponto de vista econômico, do mundo. No Brasil, o futebol tornou-se nesse período mais do que um esporte: durante o século XX as conquistas da seleção brasileira de futebol masculino traçaram uma ligação identitária entre o esporte a noção do que é ser “brasileiro”. O estilo nacional de praticar o esporte reforçou expectativas quanto ao produto dentro de campo e a performance corporal do atleta no País. Entretanto, também nesse período o futebol gaúcho buscou assentar seu espaço com um estilo de jogar preocupado com o oposto daquilo que marcou o Brasil. A atuação viril, a força e a imposição física tornaram-se marcas do estilo gaúcho de jogar futebol, e esse estilo sempre pode ser conectado com a história do estado. O Rio Grande do Sul tem na sua cultura características ligadas às guerras vividas com Argentina, Uruguai e o próprio Brasil, além de uma relação de resistência ao resto do País. A identificação com a imagem do “gaúcho” não é por acaso e fala muito sobre esse valor dado ao combate e da identificação do estado com argentinos e uruguaios.

Com isso em mente, esta dissertação procurou a compreensão da valorização da virilidade partindo das seguintes hipóteses:

- a) a dominação exerce um papel fundamental na relação entre vencedores e perdedores no clássico Grenal. Mais do que isso, essa dominação é prioritariamente masculina e viril;
- b) o papel do atleta bem sucedido é medido, em certa medida, por uma performance masculinizada, ligada a um perfil de força, garra e imposição física dentro de campo;
- c) o estilo gaúcho é proposto a partir da valorização desta masculinidade. O futebol gaúcho propõe-se diferente exatamente por ser viril;
- d) a valoração da masculinidade feita pelo Jornal Zero Hora é econômica, voltada ao valor de mercado dos atletas, das equipes e dos jogos cobertos.

Por fim, foi considerado o futebol arte e o estilo tipicamente brasileiro de jogar futebol como uma contra hipótese. A valorização do estilo tipicamente brasileiro de jogar futebol, durante a cobertura do clássico Grenal, pode iluminar a compreensão do futebol gaúcho como algo mais próximo do estilo brasileiro e distanciado de relações de virilidade.

Constatou-se nessa dissertação que, dentro do campo de futebol, Grêmio e Internacional marcaram a diferenciação, com relação ao resto do Brasil, de jogarem um futebol mais *truncado*, com foco na disputa e imposição física. O desejo por dominação dentro de campo foi importante para essa pesquisa, pois se verificou que o conceito de virilidade sempre foi atrelado a essa noção. Mais do que isso, a modernidade fez com que o viril se tornasse precisamente sobre a dominação do homem sobre outros e sobre as mulheres.

Na análise feita da cobertura midiática ao clássico Grenal, identificou-se uma clara valorização ao viril na compreensão da dominação dentro do campo de futebol. Em muitas passagens, foi apontada a necessidade de o vencedor jogar com “garra”, ou “dar o sangue” para conquistar uma vitória contra o rival. Da mesma forma, a falta dessas qualidades intrinsecamente viris foi julgada como o motivo da derrota em muitas situações dentre as partidas analisadas.

O vencedor de um clássico Grenal, portanto, costuma ser aquele que exibe uma performance corporal de “garra”. Para vencer, é necessário “brigar” mais, querer mais a vitória. O desejo e a briga no futebol têm a ver com a vontade de superar o adversário – não importa o que se faça – para conseguir a vitória.

Existe nas coberturas analisadas uma comparação constante do campo de futebol com um campo de batalha. Por isso, também, estão presentes tantas comparações do resultado com a imposição em um combate físico. Isso acontece pelo histórico papel do esporte como uma representação, não violenta, das atividades do campo de batalha. Ficou claro, no clássico Grenal, referências a essa visão militar do esporte.

A necessidade por imposição física para a conquista de resultados aparece praticamente em todas as edições do Jornal Zero Hora analisadas, e aponta para a importância da dominação na avaliação e na imagem do futebol no Rio Grande do Sul. Como dito anteriormente nesta dissertação, a derrota no esporte pode ser comparada com uma morte simbólica da masculinidade, noção oriunda dos combates até a morte que marcaram a sociedade antes da institucionalização da

atividade esportiva. Na lógica do esporte de desempenho, a derrota passa a ser comparada com a inquestionável perda da honra, em que o perdedor é visto como menos homem e um membro inferior da sociedade. A substituição da morte física com a derrota esportiva, na lógica do desempenho, pôde ser percebida nas diversas passagens dos documentos analisados em que o perdedor recebe questionamentos quanto a sua virilidade.

A morte simbólica é algo que está presente também na noção de “falta.” O derrotado, sob essa ótica, é aquele que não apresentou força e garra o suficiente, ou que não se empenhou de maneira suficientemente “ máscula”, aguerrida para se impor contra um adversário que foi mais forte. Essa noção pareceu normalizada dentro da cobertura do ZH, já que em muitos momentos uma derrota foi analisada exatamente desta maneira.

No futebol gaúcho, para a percepção da imprensa e de membros das equipes, notou-se que a virilidade é intrínseca ao sucesso. As formas de imposição viril não são apenas requisitadas: elas são parte integral do caminho para o sucesso e somente por meio delas uma equipe pode conquistar o adversário. Essa perspectiva funciona em paralelo com a já explorada evolução do conceito de virilidade, que em sua forma moderna é definido exatamente pelas formas de dominação que reforçam a masculinidade na performance corporal.

Esta pesquisa também propôs a busca pela compreensão do papel do jogador de futebol. A relação da dominação pode ser vista no papel do atleta, pelas constantes comparações entre jogadores e figuras militares, como “General.” Esse componente do papel do atleta relaciona novamente a disputa esportiva com a virilidade, já que historicamente o esporte foi visto como uma extensão do campo de batalha.

As cobranças de virilidade, feitas por jogadores e treinadores dos clubes, tiveram grande destaque nas coberturas do Jornal Zero Hora. Aliás, as principais críticas à atuação, nesse sentido, partiram de dentro dos clubes, sinalizando uma naturalização da cobrança. A necessidade da performance masculinizada no clássico Grenal existe institucionalizada nas equipes e nas falas de atores do futebol gaúcho. Isso aponta para a compreensão de que esse papel não é cobrado diretamente pela imprensa esportiva: ele é natural dos membros deste universo.

A naturalização, entretanto, pode ser resultado de diversos fatores que não foram considerados, por não constituir parte do problema desta dissertação. O fato

que importa para esta pesquisa é a existência clara de uma valorização da masculinidade como condutora do resultado e da capacidade de um atleta de exercer seu papel no futebol.

A hipótese, neste caso, de que a imprensa utiliza da virilidade como um componente midiático foi, pelo menos parcialmente, negada pelos resultados. Verificou-se uma dificuldade, durante esta dissertação, de alinhar o desejo por virilidade com uma iniciativa editorial do jornal. Por um lado, grande parte das cobranças por virilidade partiu de membros das equipes, o que sinalizou para a *normatização* da virilidade como componente fundamental e intrínseco do sucesso esportivo no Rio Grande do Sul. Por outro lado, é importante ressaltar que o espaço dado a essas falas não é acidental. O fato de cobranças feitas por jogadores e treinadores, quanto à virilidade, estamparem manchetes e imagens é demonstração do interesse de ressaltar a importância da força física na disputa pela vitória.

Outras cobranças quanto à falta de performance viril foram encontradas na seção de cotação da cobertura. O uso da palavra cotação reforça a noção de “valorização” do viril como parte da identidade ligada ao sucesso esportivo no campo de futebol. Estes atletas são avaliados nessa seção

como lideranças e protetores da equipe. São os responsáveis por defender a tradição de equipes centenárias e manter a performance de um estilo de futebol tipicamente gaúcho, sendo essa percepção fundamental para o desenvolvimento das narrativas ao redor do que acontece dentro de campo.

Os resultados apresentados anteriormente apontaram para a exaltação aos jogadores de defesa, tanto de Grêmio como de Internacional. Os jogadores dos setores defensivos recebiam amplo destaque nas coberturas analisadas. Também foram eles, em grande maioria, que tiveram comparações a lideranças militares e líderes físicos da equipe. Os defensores acabaram funcionando como guerreiros na linha de defesa da tradição e da honra do clube, recebendo muito mais destaque que os autores dos gols e dribladores do resto do grupo.

Em muitos casos, a cobrança partiu do treinador das equipes. O treinador funciona como um mentor, um líder organizacional e tático dos atletas e sua opinião tem muito valor naquilo que acontece dentro de campo. O fato, em caso de derrota, de terem sido notadas diversas referências a fragilidades da equipe nas entrevistas dessa imagem de liderança reforça a ideia de normatização do valor da virilidade no futebol gaúcho. Demonstra-se, mais uma vez, que a valorização da virilidade como

um componente decisivo não parte diretamente da imprensa: ele é um componente internalizado e reforçado por atletas e lideranças dos clubes.

Nesse sentido, é possível pensar na maneira como o dia a dia desses clubes também carrega essa carga valorativa quanto a virilidade. Percebe-se que as expectativas quanto a firmeza, a força física e a coragem fazem parte da atuação esperada por um jogador de Grêmio e Internacional, principalmente os defensores. Eles funcionam como proteção dentro de campo, e salvaguarda da virilidade fora dele, como imagens ideais da performance masculina.

Esta pesquisa partiu da hipótese de que o valor dado para a virilidade tinha uma relação direta com interesses econômicos, que cresceram consideravelmente nas últimas três décadas no futebol. Nesse sentido, muito pouco foi encontrado que correlacionasse diretamente o valor de mercado com o papel virilizado do atleta. Na verdade, os atletas que foram analisados sobre o prisma do valor financeiro também foram elogiados por seu talento dentro de campo. O destaque foi dado para atacantes e o brilho de suas atuações, e não para os responsáveis por deter o adversário e defender a honra do clube. Portanto, quanto percebe-se “valor” no viril, esse valor não é financeiro, mas simbólico.

Existe um paralelo entre a definição histórica de *gaúcho* e o papel esperado dos defensores no clássico Grenal. Os atletas atuam como defensores do território e da honra das equipes. É uma questão que vai além da atuação desportiva, existe uma expectativa normatizada, nas falas de jogadores, treinadores e membros da imprensa, de performance viril destes atletas. Eles devem atuar para dominar, para brigar e para dar o sangue por sua equipe. Finalmente, percebeu-se que essa performance foi considerada, em diversas passagens da análise feita nesta pesquisa de mestrado, fundamental para a vitória. A capacidade de ter mais força, vontade e imposição física é parte integrante dos requisitos para o sucesso esportivo. Verificou-se nesta pesquisa que existe uma diferenciação de papéis claras entre defensores e atacantes. Por um lado, os defensores são os “generais,” líderes físicos e viris da equipe. Estes atletas são os responsáveis pela performance masculinizada dentro de campo. Suas atuações são elogiadas pela *firmeza* e criticadas por serem *elegantes*. Eles também são os responsáveis por pedir mais *força* e mais *vontade* da equipe em entrevistas após as partidas. Por outro lado, os atacantes surgem como os jogadores brilhantes, os responsáveis pelos dribles e pelas jogadas bonitas. Também são esses jogadores que recebem referências ao

valor de mercado. Essa relação não é única do futebol gaúcho ou do clássico Grenal, mas destaca-se a frequência de cada uma delas: percebeu-se muito mais exaltações a defensores que a atacantes. Esse detalhe é muito importante para a compreensão do valor dado a virilidade neste contexto.

A grande dificuldade desta pesquisa deu-se, por fim, na definição da origem desta diferenciação a partir da virilidade no futebol gaúcho, que pode ser observada. Partiu-se da hipótese de que a imprensa valoriza a virilidade para aumentar o valor do futebol como produto. Porém, percebeu-se que, em grande medida, a valorização em questão parte de jogadores. Ela é naturalizada dentro do que se julga necessário para a vitória e parece fazer parte integrante do estilo gaúcho de jogar futebol. Espera-se que o jogador atue virilmente nas partidas de Grêmio e Inter, já que essa característica é definitiva para o sucesso na opinião dos próprios jogadores e membros dos clubes.

A origem dessa valorização não pode ser encontrada porque o período selecionado, de 1990 a 2019, não mostrou nenhuma relação clara de aumento ou ausência de valoração da virilidade. Esse período foi adotado pelo crescente desenvolvimento das discussões sobre o gênero, e o crescimento econômico do futebol, ambos com um ápice nas últimas três décadas, além de representar um renascimento da identidade gaúcha. Entretanto, no caso do futebol gaúcho, esse período apresentou poucas mudanças quanto à valorização da virilidade como parte do sucesso. O tipo de referência encontrado na década final do século XX é muito similar a referências encontradas em 2015. Pensando nisso, esta pesquisa considera que a valorização dada a virilidade já estava naturalizada no futebol gaúcho na década de 1990, e mantém-se até os dias atuais.

O confronto entre Grêmio e Internacional, como dito anteriormente, tem mais de 110 anos. É uma longa tradição histórica, ocorrida simultaneamente com o estabelecimento do futebol no Brasil. Portanto, o destaque à virilidade como um fator dominante para o resultado é uma norma que está inserida no futebol gaúcho. A expectativa por performance masculinizada no clássico Grenal faz parte daquilo que jogadores, treinadores, membros da imprensa e torcedores esperam do jogo, não tendo assim uma relação causal direta, pelo menos não no período analisado, com as narrativas da imprensa gaúcha. Para buscar a compreensão da origem desta valoração do viril, seria necessária uma pesquisa abrangendo os 110 anos e as

diferentes peculiaridades contextuais do futebol gaúcho, e do estado como um todo durante este período.

Por fim, a atuação brilhante de alguns atletas foi elogiada pelo Jornal Zero Hora nas edições analisadas. Pode ser percebida uma valorização de habilidades ligadas ao estilo brasileiro de jogar futebol. Entretanto, a frequência foi pequena e essas avaliações acabaram sendo perdidas em meio a exaltações a defensores e jogadores viris. A presença dessas referências significa, mesmo assim, um importante ponto destas coberturas: procura-se talento e brilho dos atletas, porém ele é pouco presente. Novamente, a predisposição dos jogadores, durante um clássico Grenal, de jogarem na marcação e deixar o jogo truncado parece ser o grande justificador da pequena presença de elogios ao talento dos atletas. O desejo pela força e pela imposição física, em busca da vitória, deixa poucos espaços para o brilho individual. Os jogadores atuam *para* o coletivo no Rio Grande do Sul, não havendo muito para elogiar da atuação individual. A defesa do coletivo tem pontos históricos que se relacionam com a noção de virilidade. Na modernidade, o viril passou a ser relacionado com a capacidade do homem de defender o coletivo., e mesmo pode ser dito da performance corporal masculina em uma guerra: a proteção da honra do coletivo é o valor fundamental. Julgou-se nessa pesquisa que essa lógica é uma das responsáveis pela normatização da busca por uma performance viril no clássico Grenal. O papel intrínseco que a virilidade ocupa no futebol gaúcho foi considerado a principal característica diferenciadora do futebol gaúcho com relação ao estilo brasileiro de jogar e enxergar a disputa esportiva no campo de futebol.

REFERÊNCIAS

- BAECQUE, Antoine de. Projeções: a virilidade na tela. **CORBAIN, A.[et al]. História da Virilidade–3. A Virilidade em crise.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BONIN, Ana Paula Cabral, et al. "A transmissão radiofônica de jogos de futebol: a incoerente gratuidade de um espetáculo esportivo?." **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** 38.2 (2016): 186-193.
- BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução.** Ijuí, Unijuí, 2005.
- BRILHANTE, Aline Veras Moraes; NATIONS, Marilyn Kay; CATRIB, Ana Maria Fontenelle. "Taca cachaça que ela libera": violência de gênero nas letras e festas de forró no Nordeste do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, e00009317, 2018
- BRUM, Ceres Karam. Em busca de um novo horizonte. o Encontro de Artes e Tradição Gaúcha e a universalização do tradicionalismo. **Horizontes Antropológicos**, n. 40, p. 311-342, 2013.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. São Paulo, Editora Civilização Brasileira, 2003.
- CELLARD, André. A análise documental. In: **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos.** Petrópolis, Editora Vozes, 2014.
- CHORODOW, Nancy. **The Reproduction of Mothering: psychoanalysis and sociology of gender.** London, University of California Press, 1978.
- CLAUSSEN, Detlev. Dribbling and Passing: From the gentleman's game to professional football. In: **Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer/organização** Elcio Loureiro Cornelsen, Günther Herwig Augustin, Silvio Ricardo da Silva. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2015.
- COURTINE, Jean-Jacques. Impossível Virilidade. **CORBAIN, A.[et al]. História da Virilidade–3. A Virilidade em crise.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke**, p. 19-42, 1982.
- DAMO, Arlei Sander. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 66, p. 139-150, 2008.
- DAMO, Arlei Sander. Ah! Eu sou gaúcho. **Revista Estudos Históricos**, v. 13, n. 23, p. 87-118, 1999.
- DAOU, Marcos; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima; AZAMBUJA, Marcos Adegas de. Mídia e a produção do sujeito jogador de futebol profissional. **Fractal, Rev. Psicol.** Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, p.963-978, Dec. 2014.

DE JESUS, Gilmar Mascarenhas. A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul. **Trabajo**, 2000.

ELIAS, Norbert. A Busca da Excitação. Lisboa, Editora Difel, 1992.

FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan et al. Jornalismo e identidade cultural construção da identidade gaúcha em Zero Hora. 2006.

FIRESTONE, Shulamith. **The dialectic of sex: the case for feminist revolution**. New York, Bantom Books, 1972.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, Editora Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel; RAMALHETE, Raquel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Vozes, 1996.

GILLIGAN, Carol. **Uma voz diferente**. Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos, 1982.

GROULX, Lionel-Henri. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos**. Petrópolis, Editora Vozes, 2014.

GUTERMAN, Marcos. **O Futebol Explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do País**. Editora Contexto, São Paulo, 2009.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

HELAL, Ronaldo. Mídia, Construção da Derrota e O Mito do Herói. Motus Corporis (UGF), Universidade Gama Filho, Rio d, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998.

HELAL, Ronaldo. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 8, n. 21, p. 11-37, 2011.

JOAS, Hans; KNÖBL, Wolfgang. **Teoria social: vinte lições introdutórias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998.

LIMA, José Leonardo Oliveira; MANINI, Miriam Paula. Metodologia para análise de conteúdo qualitativa integrada à técnica de mapas mentais com o uso dos softwares Nvivo e Freemind. **Informação & Informação**, v. 21, n. 3, p. 63-100, 2016.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. 6ªed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MATTELART, Armand. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo, Parábola Editorial, 2004.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. *Estudos Avançados*, v. 13, n. 37, p. 179-188, 1999.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 21, p. 150-182, June 2009.

MIZRAHI, Mylene. “O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos”: mulheres, masculinidade e dinheiro junto ao funk carioca. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 52, e185215, 2018.

OLIVEN, Ruben George. Em busca do tempo perdido: o movimento tradicionalista gaúcho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 6, n. 15, p. 40-52, 1991.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2007.

PACHECO, Leonardo Turchi. Memórias da tragédia: masculinidade e envelhecimento na Copa do Mundo de 1950. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte** (Impr.), Porto Alegre, v.32, n. 1, p. 25-40, Sept. 2010.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda et al. Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). 1998.

RAMOS, R. Futebol: ideologia do poder. Petrópolis: Vozes, 1984.

RAUCH, André. O desafio esportivo e a experiência da virilidade. **CORBAIN, A.[et al]. História da Virilidade–2. O triunfo da virilidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SALDANHA, Jorge Henrique Santos et al . Construção e desconstrução das identidades masculinas entre trabalhadores metalúrgicos acometidos de LER/DORT. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 5, e00208216, 2018.

SARTRE, Maurice. Virilidades Gregas. **CORBAIN, A.[et al]. História da Virilidade–1. A invenção da virilidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. vol. 20 (2), jul/dez. 1995

SPORT CLUB INTERNACIONAL. **Ficha de todos os grenais**. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/index/grenais>. Acesso em: 10 jun. 2019.

SOARES, Antonio Jorge; HELAL, Ronaldo; SANTORO, Marco Antonio. Futebol, imprensa e memória. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 6, n. 1, p. 61-78, 2004.

SOARES, Antonio Jorge. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. **A invenção do país do futebol**, 2014.

TUBINO, Manuel José Gomes. Dimensões sociais de esporte—ed. **Revista—São Paulo, Cortez**, 2001.

THUILLIER, Jean-Paul. Virilidades romanas: vir, virilitas, virtus. **CORBAIN, A.[et al]. História da Virilidade—1. A invenção da virilidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VIGARELLO, Georges. A virilidade, da Antiguidade à Modernidade. **CORBAIN, A.[et al]. História da Virilidade—1. A invenção da virilidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013a.

VIGARELLO, Georges. A virilidade moderna: convicções e questionamentos. **CORBAIN, A.[et al]. História da Virilidade—1. A invenção da virilidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013b.

VIGARELLO, Georges. Virilidades Esportivas. **CORBAIN, A.[et al]. História da Virilidade—3. A Virilidade em crise**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013c.

ZERO HORA, Jornal. **Caderno de Esportes**. Porto Alegre, dia 23 de março de 1991, edição n° 9517, p. 6-16.

ZERO HORA, Jornal. **Caderno de Esportes**. Porto Alegre, dia 14 de agosto de 1995, edição n°10953, p. 2-19.

ZERO HORA, Jornal. **Caderno de Esportes**. Porto Alegre, dia 29 de março de 1999, edição n°12276, p.2-14.

ZERO HORA, Jornal. **Caderno de Esportes**. Porto alegre, dia 14 de maio de 2001, edição n°13050, p.38-45.

ZERO HORA, Jornal. **Caderno de Esportes**. Porto Alegre, dia 8 de março de 2005, edição n°14077, p. 2-11.

ZERO HORA, Jornal. **Caderno de Esportes**. Porto Alegre, dia 26 de outubro de 2009, edição n°16126, p.2-16.

ZERO HORA, Jornal. **Caderno de Esportes**. Porto Alegre, dia 29 de agosto de 2011, edição n°16764, p.2-15.

ZERO HORA, Jornal. **Caderno de Esportes**. Porto Alegre, dia 23 de novembro de 2015, edição n°18303, p.2-20.

ZERO HORA, Jornal. **Caderno de Esportes**. Porto Alegre, dia 18 de março de 2019, edição n° 19349, p.2-11.